

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

OSNI KELLER LIMA

**ENSINO SUPERIOR NO BRASIL E INCLUSÃO SOCIAL: UMA EXPERIÊNCIA  
CONCRETA**

Porto Alegre  
2009

OSNI KELLER LIMA

**ENSINO SUPERIOR NO BRASIL E INCLUSÃO SOCIAL: UMA EXPERIÊNCIA  
CONCRETA.**

Relatório técnico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lúcia Helena Alves Muller

Porto Alegre

2009

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por possibilitar-me alcançar este que era um dos grandes objetivos de minha vida.

De modo muito especial, a minha noiva, que me acompanhou do início ao final deste importante percurso, sempre apoiando, incentivando e colaborando para que este sonho se tornasse realidade.

Sou muito grato a minha orientadora, que me conduziu ao longo do trabalho de forma exemplar, demonstrando capacidade e paciência.

Aos meus irmãos, pela compreensão que tiveram comigo durante este período de curso.

A minha cunhada, pelas dicas valiosas.

A Rede Metodista de Educação do Sul, a qual oportunizou a obtenção do título de mestre.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da PUCRS pelos momentos de grande aprendizado.

Aos funcionários da Secretaria do Curso, da Biblioteca e dos Laboratórios de Informática, pelo atendimento sempre prestativo.

Aos colegas de mestrado, pelo companheirismo e apoio.

Aos estudantes entrevistados, sem os quais a pesquisa não seria completa.

A todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta dissertação.

Dedico este trabalho aos meus amados pais, a razão de ser de minha vida.

“Porque melhor é a sabedoria do que jóias, e de tudo o que se deseja nada se pode comparar com ela”.

Provérbios (8:11)

## RESUMO

Partindo da constatação do expressivo crescimento no ingresso de alunos nas universidades brasileiras ocorrido nos últimos anos, sobretudo de indivíduos com baixo poder aquisitivo e pertencentes à chamada minorias sociais, o presente estudo investiga os significados que a busca pelo diploma universitário tem para esses estudantes. Ele inicia com uma breve retrospectiva do ensino superior brasileiro, ressaltando as principais políticas de inclusão nessa modalidade de educação, sobretudo as implementadas pelo atual governo. A partir desse panorama, a pesquisa enfoca uma instituição universitária situada em Porto Alegre, que tem sido um dos agentes dessas políticas. No âmbito dessa instituição, foram entrevistados alunos de dois cursos de graduação, um da área da saúde – Fisioterapia –, e outro da área da educação – Pedagogia. Através desse estudo, podem-se compreender alguns dos aspectos envolvidos na tomada de decisão, por parte dos estudantes, de realizar um curso superior. Entre eles, são abordados fatores preponderantes, como, por exemplo: a condição sócio-financeira, a trajetória familiar e o projeto individual. São apresentadas as circunstâncias em que cada grupo de estudantes ingressa na academia e as implicações advindas da escolha por determinada profissão. O texto trata, também, das aspirações dos estudantes frente ao curso escolhido e as expectativas quanto à formatura e à vida profissional. Percebe-se, entre outras coisas, que a semelhança entre os alunos no tocante ao projeto de formação superior não determina a existência de um único projeto e expectativa em relação ao diploma universitário. Dentre as conclusões, está a de que, no contingente de estudantes beneficiados pelas políticas de inclusão no (ou via) ensino superior, encontram-se indivíduos que chegam ao final do curso sentindo-se frustrados em suas expectativas e sem perspectiva de atuação em sua área de formação. Ressalta-se, portanto, a necessidade do aprofundamento na reflexão sobre o objetivo principal de tais políticas de inclusão e a importância da adoção de uma postura de avaliação permanente destes mecanismos.

**Palavras-chave:** Sociedade, ensino superior, políticas de inclusão, estudantes e metodismo.

## ABSTRACT

From the verification of the expressive growth in the students' entrance in Brazilian universities that happened in the last years, especially individuals with low purchasing power and belonging to the called social minorities, the present study investigates the meanings that this search for the academic diploma has for these students. It begins with a brief retrospective of the Brazilian higher education, emphasizing the main inclusion politics in that modality of education, especially all the implemented ones by the current government. From this program, the research focuses a university institution located in Porto Alegre that has been one of the agents of these politics. In this institutions were interviewed students of two graduation courses, one of the health area - Physiotherapy -, and another from the education area- Pedagogy. Through this study could be comprehended some aspects involved in the decision make, by the students, to take a superior course. Among them, preponderant factors are approached, as for instance: partner-financial condition, the family path and the individual project. Circumstances are presented when each group of students enters in the academy and the implications came from the choice for certain profession. The text is also, about the aspirations of the students facing the chosen course and the expectations related to the graduation and to the professional life. It is noticed, among other things, that the similarity among the students concerning the project of superior formation does not determine the existence of a single project and expectation in relation to the academic diploma. Among the conclusions it is the one that, in the students' contingent benefitted by the inclusion politics in the higher education, they are individuals that reach the end of the course being frustrated in their expectations and without perspective of performance in his/her formation area. It is stood out, therefore, the need of going deeper in the reflection on the main objective of such inclusion and the importance of the adoption of a posture on a permanent evaluation of these mechanisms.

**Key-words:** Society, higher education, politics of inclusion, students and Methodism.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Bolsistas por região .....	40
Gráfico 2: Novas bolsas ofertadas por ano .....	41
Gráfico 3: Bolsista por tipo de bolsa.....	41
Gráfico 4: Bolsistas por sexo.....	42
Gráfico 5: Bolsistas por turno – cursos presenciais.....	43
Gráfico 6: Bolsistas por raça .....	44
Gráfico 7: Bolsistas por unidade – Porto Alegre.....	62
Gráfico 8: Distribuição de alunos por unidades – Porto Alegre .....	69
Gráfico 9: Número de alunos nos cursos pesquisados .....	79
Gráfico 10: Fisioterapia: relação de alunos por turno.....	80
Gráfico 11: Distribuição de alunos por bairro – turma fisioterapia .....	83
Gráfico 12: Faixa etária – turma fisioterapia.....	54
Gráfico 13: Ensino médio – turma fisioterapia.....	85
Gráfico 14: Distribuição de alunos por bairro – turma pedagogia.....	86
Gráfico 15: Faixa etária - turma pedagogia .....	86
Gráfico 16: Ensino médio – turma pedagogia .....	87



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de instituições de ensino superior – 1930 à 1945.....	23
Tabela 2: Número de matrículas e de docentes no ensino superior – 1955 à 1965.	24
Tabela 3: Número de estudantes matriculados em Cursos de Graduação – 1994 a 2000 .....	28
Tabela 4: Número de Vagas Oferecidas no Vestibular em Cursos de Graduação – 1994 a 2000 .....	28
Tabela 5: Número de vagas ofertadas no vestibular – 2002 à 2007 .....	29
Tabela 6: Número de Instituições, segundo a categoria Administrativa - Brasil - 2002 a 2007 .....	29
Tabela 7: Relação candidato/vaga no vestibular, por categoria administrativa – 1980 à 2004 – Brasil .....	30
Tabela 8: Número de candidatos por vaga no ensino superior – 2002 à 2007 .....	31
Tabela 9: Número de Vagas Ociosas em IES, segundo a Categoria Administrativa – 2002 a 2007 .....	31
Tabela 10: Número de matrículas por categoria administrativa, segundo o turno – 2006 a 2007 .....	32
Tabela 11: Distribuição de Bolsas por Região.....	42
Tabela 12: Número de inscritos nos vestibulares da Rede Metodista.....	66
Tabela 13: Número de alunos por curso – Unidade Cruzeiro do Sul .....	73

## LISTA DE SIGLAS

ACM – Associação Cristã de Moços  
AIDS – Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida  
BRDE – Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul  
CECUNE – Centro Ecumênico de Cultura Negra  
CEEE – Companhia Estadual de Energia Elétrica  
COFINS – Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social  
COGEIME – Conselho Geral das Instituições Metodistas de Educação  
CREDIPA – Crédito Educativo do IPA  
CRVA – Centro de Registro de Veículos Automotores  
CSLL – Contribuição Social sobre o Lucro Líquido  
FAMES – Faculdade Metodista de Santa Maria  
FEIRIPA – Feira de Profissões do IPA  
FEPAM – Fundação Estadual de Proteção Ambiental  
FIES – Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Secundário  
IE – Instituto Educacional  
IES – Instituição de Ensino Superior  
IMEC – Instituto Metodista de Educação e Cultura  
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas  
IPA – Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista  
IPTU – Imposto Predial e Territorial  
ISSQN – Imposto Sobre Serviço de Qualquer Natureza  
MEC – Ministério da Educação e Cultura  
NPJ – Núcleo de Assessoria Jurídica Popular  
ONG – Organização Não Governamental  
PDE – Plano de Desenvolvimento da Educação  
PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional  
PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios  
PNE – Portador de Necessidade Especiais  
PROUNI – Programa Universidade para Todos  
REUNI – Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SUSEPE – Superintendência dos Serviços Penitenciários do Estado

UCS – Universidade de Caxias do Sul

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNB – Universidade de Brasília

UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>2 TRAJETÓRIA DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL: UMA BREVE RETROSPECTIVA</b> .....	<b>20</b>
2.1 POLÍTICAS DE INCLUSÃO E ENSINO SUPERIOR.....	34
<b>2.1.1 Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES</b> .....	<b>34</b>
<b>2.1.2 Programa de Bolsa Filantropia</b> .....	<b>36</b>
<b>2.1.3 Programa Universidade para Todos – PROUNI</b> .....	<b>38</b>
<b>3 A REDE METODISTA COMO AGENTE DE INCLUSÃO</b> .....	<b>49</b>
3.1 ORIGEM DO METODISMO .....	49
3.2 CHEGADA DO METODISMO NO BRASIL E NO ESTADO.....	50
3.3 ORIGEM E EVOLUÇÃO DAS FACULDADES .....	51
3.4 INÍCIO DO PROCESSO DE EXPANSÃO .....	53
3.5 CRIAÇÃO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO.....	54
3.6 COMPROMISSO SOCIAL.....	55
3.7 O MOMENTO ATUAL DA INSTITUIÇÃO.....	62
3.8 PERFIL DO CORPO DISCENTE .....	63
3.9 FORMAS DE INGRESSO .....	64
<b>3.9.1 Vestibular</b> .....	<b>64</b>
3.10 ORGANIZAÇÃO DAS UNIDADES .....	68
<b>3.10.1 Caracterização da Unidade Central</b> .....	<b>69</b>
<b>3.10.2 Caracterização da Unidade Cruzeiro do Sul</b> .....	<b>72</b>
<b>4 A INCLUSÃO NA PRÁTICA</b> .....	<b>77</b>
4.1 ESCOLHA DOS CURSOS .....	77
4.2 CURSO DE FISIOTERAPIA.....	79
4.3 CURSO DE PEDAGOGIA.....	81
4.4 AS TURMAS PESQUISADAS .....	83
<b>4.4.1 Fisioterapia</b> .....	<b>83</b>
<b>4.4.2 Pedagogia</b> .....	<b>85</b>
4.5 CONVERSANDO COM OS ESTUDANTES ENTREVISTADOS .....	88
<b>4.5.1 Paula</b> .....	<b>90</b>
<b>4.5.2 Patricia</b> .....	<b>94</b>

<b>4.5.3 Marcos</b> .....	<b>99</b>
<b>4.5.4 Leticia</b> .....	<b>103</b>
<b>4.5.5 Sara</b> .....	<b>109</b>
<b>4.5.6 Nadia</b> .....	<b>115</b>
<b>4.6 OS DIVERSOS SENTIDOS DA INCLUSÃO</b> .....	<b>120</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>140</b>
<b>REFERENCIAS</b> .....	<b>150</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vive a chamada “era do conhecimento”, das pesquisas, da busca incessante por qualificação profissional e também por ascensão social. Mais do que nunca, a sociedade tem apostado no conhecimento – que muitas vezes reflete-se na formação profissional. Com relação especificamente às organizações educacionais, sobretudo às instituições de ensino superior, tem-se constatado que estas vêm desempenhando um importante papel como mola propulsora de mobilidade social. Isto porque, de um modo geral, através da obtenção do diploma, o indivíduo vê aumentadas suas possibilidades de sucesso no mercado de trabalho.

Neste sentido, tem-se observado que nos últimos governos a educação superior vem sendo conduzida através da implantação de políticas distintas. No período compreendido entre os dois mandatos do presidente Fernando Henrique Cardoso (de 1995 a 2002), por exemplo, optou-se por ações que visavam à modernização do sistema de ensino como forma de atrelá-lo ao desenvolvimento econômico do país.

Segundo Cunha (2003) e Carvalho (2004), o referido governo teve como uma das principais propostas a criação de uma parceria entre a iniciativa privada e o próprio governo. Pretendia-se aumentar a qualificação da população através de um modelo de gestão que privilegiava a autonomia universitária associada a uma melhor organização da estrutura e dos recursos disponíveis.

No entanto, os mesmos autores afirmam que o que realmente ocorreu foi um sucateamento do sistema de ensino superior público. Se de um lado o governo considerou as instituições federais como pouco eficientes, promovendo reformas que envolveram a diminuição de salários e orçamentos, de outro, o mesmo governo contribuiu para a privatização desta modalidade de educação no País, permitindo a criação de um grande número de instituições privadas.

Em estudo que apresenta um balanço da educação no governo Fernando Henrique Cardoso, Caixeta (2002) cita que o sistema de ensino superior federal durante este período foi o retrato da injustiça social nacional. Menciona que, enquanto os estudantes pobres estavam matriculados nas universidades privadas, os jovens com alto poder aquisitivo estudavam na rede pública. Em avaliação do referido governo, a autora afirma que este se preocupou muito mais com a universalização do ensino fundamental, acabando por deixar de lado justamente o ensino superior, modalidade de educação que, durante este período, menos avanços alcançou.

No atual governo, tem-se observado um movimento de implantação de políticas voltadas para a massificação da educação superior. Como exemplo, cita-se o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras (REUNI). Instituído pelo decreto nº 6.096 de 24 de abril de 2007, e vinculado ao Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), o REUNI tem como objetivo a “ampliação do acesso e permanência na educação superior através de um melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais” ([http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm)).

Segundo o Ministério da Educação, uma das principais ações do PDE é a criação de institutos federais de educação profissional. Estes terão como função a formação de profissionais para as áreas da economia e também de professores de biologia, química e física, para escolas públicas. Paralelamente a estas ações, tem-se constatado, nos últimos anos, o ingresso de um grande contingente de novos estudantes na universidade. Este fenômeno é resultado da expansão desta modalidade de ensino e também de políticas públicas do atual governo voltadas para área da educação, assuntos que serão tratados no decorrer deste trabalho.

Neste contexto, é notório que as instituições de ensino superior têm funcionado também como mecanismo de inclusão social, visto ser cada vez maior o contingente de grupos socialmente discriminados (negros, indígenas, etc.) que tem sido alvo de políticas específicas. Como exemplo dessas ações afirmativas, é apresentado o caso da Rede Metodista de Educação do Sul. A história recente desta

instituição de ensino superior – IES – tem mostrado a promoção de ações que vão ao encontro de um discurso institucional baseado no compromisso com os indivíduos considerados à margem desta modalidade de educação.

Deste modo, uma série de políticas tem sido implementadas na referida IES visando, por exemplo, o ingresso de indivíduos pertencentes a grupos sociais minoritários, através da concessão de bolsas de estudo, além do firmamento de convênios com entidades representativas dessas minorias.

Assim, atualmente a universidade tende a apresenta-se como um espaço detentor de uma maior diversidade social e cultural. Em um mesmo local convivem indivíduos oriundos de famílias com alto poder aquisitivo com aqueles que, se não fossem os programas de inclusão, não teriam acesso a esta modalidade de educação. Partindo destas ponderações, torna-se relevante conhecer melhor quem são, de fato, estas pessoas, e de que modo estes indivíduos, especialmente os pertencentes aos grupos sociais de baixa renda ou marginalizados estão vivenciando a sua formação de nível superior.

Pretende-se desvendar o sentido que a busca pelo diploma universitário tem na vida destes indivíduos, como o ensino superior participa em seu cotidiano e, além de qualificação profissional, o que o acesso ao ensino superior tem possibilitado a eles. Conhecer o perfil deste novo público torna-se importante também para as instituições, pois, a partir de um melhor conhecimento do corpo discente, a organização de ensino poderá ver aumentadas as suas chances de sucesso na implementação de políticas de inclusão.

Este estudo dividiu-se basicamente em três fases: a apropriação de bibliografias da área, o que originou a produção textual apresentada especialmente no capítulo 2; definição do objeto de pesquisa e realização das entrevistas com os estudantes escolhidos; e análise do resultado das entrevistas e elaboração da conclusão da pesquisa. Cada uma das fases do trabalho foi composta por ações que incluíram a coleta de dados cadastrais dos estudantes, no Setor de Registro Acadêmico; coleta de informações sobre a política de bolsas e dados estatísticos sobre a oferta das mesmas, junto ao Setor de Bolsa e Crédito Educacional; e



contatos com assessores e secretárias da reitoria a fim de conhecer documentos e informações que norteiam a política de compromisso social do Centro Universitário Metodista IPA nos últimos anos.

De posse das informações cadastrais, foi possível traçar o perfil dos estudantes que compõem as turmas e os cursos pesquisados. Do mesmo modo, o detalhamento das características das unidades Central e Cruzeiro do Sul possibilitaram conhecer melhor a realidade de cada uma traçando um panorama geral da infra-estrutura disponibilizada aos estudantes.

Além da pesquisa bibliográfica, citada anteriormente, a consulta aos sítios do Ministério da Educação e da Caixa Econômica Federal contribuíram para a obtenção de dados atuais sobre os programas governamentais de acesso e permanência no ensino superior.

Fator determinante para a inclusão de inúmeras informações sobre a instituição de ensino superior pesquisada foi o fato do autor do presente estudo ter tido vínculo empregatício com a referida IES durante doze anos. Esta peculiaridade contribuiu para o enriquecimento do trabalho, sobretudo na descrição de detalhes dos momentos de expansão por que passou a referida IES.

Os anos vividos como funcionário da Rede Metodista de Educação do Sul foram caracterizados por um olhar reflexivo sobre o dia-a-dia da instituição. Durante o período de transição vivido pela organização, compreendido entre a chegada do novo diretor geral, no ano de 2002, e o final do mandato deste interventor, no final do ano de 2006, o autor da pesquisa atuou à frente de áreas estratégicas, o que facilitou a compreensão dos fatos e aonde levaria todas as mudanças que a IES se submetia.

Apesar da dificuldade inicial enfrentada pelo pesquisador no que concerne ao aceite da proposta de entrevista feita aos estudantes, o contato com os mesmos constituiu-se em momentos muito agradáveis nos quais se pode conhecer de forma mais detalhada a trajetória individual e familiar de cada um dos entrevistados. Alguns dos estudantes, inclusive, mostraram-se solidários com a condição

vivenciada pelo pesquisador, na medida em que este passava pela fase igualmente vivida pelos alunos: o final de curso, hora em que os sentimentos de angústia e preocupação costumam aflorar.

O estudo organiza-se em cinco capítulos: a presente introdução; o capítulo dois, que trata da implantação do ensino superior no Brasil; o capítulo três, que descreve a Rede Metodista de Educação; o capítulo quatro, que caracteriza os perfis e analisa a trajetória dos estudantes e, por último, o capítulo cinco, que apresenta as conclusões finais do trabalho.

Como subsídio para este trabalho, são apresentados, de forma sintética, no capítulo 2, alguns aspectos da história da implantação do ensino superior no Brasil. Também são descritos alguns fatos políticos e sociais relacionados aos processos de expansão e retração desta modalidade de ensino. O texto mostra, ainda, como vêm sendo conduzidas, ao longo da história, as questões que envolvem o crescimento da demanda da educação superior. Por fim, são descritas as principais ações – materializadas em programas como o PROUNI, FIES e Bolsa Filantropia – propostas pelo atual governo, no sentido de tentar resolver a questão do acesso e de permanência no ensino superior por parte das camadas mais pobres da sociedade. Neste ponto, são apresentados dados oficiais – com ênfase para o PROUNI – que colaboram para uma melhor visualização do panorama atual de atuação dos programas governamentais e sua abrangência no território nacional.

No capítulo 3, é apresentado o Centro Universitário Metodista IPA como uma instituição que vem possibilitando a alguns grupos tradicionalmente excluídos da sociedade gaúcha o acesso ao ensino superior. Inicialmente, é apresentada a educação metodista no estado, dando especial atenção a sua atuação social. O trabalho contém ainda a caracterização da referida IES, abordando os diferentes programas de inclusão implementados pela mesma.

Do mesmo modo, procura-se mostrar quais os grupos sociais contemplados na experiência da instituição, destacando o processo de expansão ocorrido em sua história recente. São trazidos elementos que mostram que o crescimento institucional ocorrido nos últimos anos foi acompanhado pelo fortalecimento do

compromisso social, que é refletido, por exemplo, na proposta de levar educação para regiões da cidade desprovidas de ensino.

Ao mesmo tempo, é observado como os diferentes grupos sociais têm sido acomodados nos cursos e unidades do IPA e qual a sua representatividade numérica dentro do Centro Universitário. Sob o ponto de vista organizacional, o estudo aponta as dificuldades administrativas decorrentes da rápida expansão da instituição, as quais, indiretamente, traduziram-se em certa elitização interna. Em síntese, pretende-se mostrar os resultados práticos de uma organização de ensino privado voltarem-se para as classes C e D.

Através do discurso institucional e considerando a missão definida por esta instituição universitária, este trabalho irá analisar de que maneira ela vem implantando políticas de acesso ao ensino dirigidas a estudantes pobres, negros, indígenas, dentre outros grupos sociais, em sua maioria, desprovidos de condições financeiras e culturais favoráveis ao ensino em nível superior. Este estudo propõe-se a analisar algumas das implicações que essas políticas voltadas para a inclusão através da educação têm na vida dos estudantes.

Na tentativa de elucidar as questões que envolvem o objetivo deste trabalho, no capítulo número, quatro são apresentadas nos dois grupos pertencentes ao Centro Universitário Metodista IPA que foram escolhidos para a realização da pesquisa. Estes grupos são compostos por elementos que reúnem características sociais e culturais diferentes; nesse sentido o interesse em pesquisar estudantes de diferentes áreas de formação, por considerar que os indivíduos podem fazer suas escolhas de acordo com o contexto social e cultural em que estão inseridos.

O curso de Fisioterapia foi escolhido por ter uma demanda maior no turno integral e um valor de mensalidade mais elevado, o que leva a supor que seus alunos pertencem a uma classe social com maior poder aquisitivo. Do mesmo modo, o curso de Pedagogia, por formar professores (uma profissão socialmente desvalorizada atualmente) e cujo valor da mensalidade é praticamente a metade da mensalidade do curso de Fisioterapia, deve ser formado prioritariamente por alunos pertencentes a uma classe social de mais baixa renda.

O capítulo 5 contempla uma análise geral retomando as principais questões que nortearam o desenvolvimento do estudo. A partir das descobertas advindas da realização da presente pesquisa, são apresentadas as considerações finais que, entre outros aspectos, expõem os diferentes significados do ensino superior para os estudantes pesquisados.

Assim, de posse do conjunto de informações composto pela trajetória da educação superior no Brasil associada ao resultado das políticas afirmativas em vigor e aos resultados práticos das mesmas na vida de estudantes vinculados a instituições de ensino, como a enfocada neste estudo, pretende-se iniciar um aprofundamento da reflexão embasada sobre os resultados e efeitos de tais ações inclusivas.

## 2 TRAJETÓRIA DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL: UMA BREVE RETROSPECTIVA

Ao longo da história, o ensino superior no Brasil nem sempre esteve voltado para a plena inserção de todos os segmentos sociais. Pelo contrário, durante boa parte de seu percurso, ele se fez presente apenas nas camadas sociais que formavam a chamada elite nacional. Neste sentido, torna-se relevante conhecer o caminho percorrido pelo ensino superior brasileiro, passando por sua implantação, pelo processo de expansão como forma de melhor entender o quadro em que se inserem as atuais políticas de inclusão.

Para a elaboração deste capítulo, optou-se pela utilização do trabalho de Rossato (2006) em função do mesmo conseguir reunir inúmeros aspectos envolvidos na implantação e na caracterização do ensino superior no território nacional. A obra de Rossato é rica em detalhes que envolvem o contexto social de cada época e, ao mesmo tempo, consegue contemplar uma grande quantidade de fatos de suma importância para o entendimento da trajetória desta modalidade de educação no país.

Em relação ao contexto que resultou no nascimento da educação superior no Brasil, Rossato mostra que:

a questão do ensino superior brasileiro deve ser situada dentro do processo em que foi feita a escolarização do país. Tal escolarização foi constituída com uma dupla finalidade: a exploração comercial e a realização da cruzada Católico-cristã, no espírito da Contra-Reforma. Em seu início, o ensino superior brasileiro teve um caráter colonialista, dependente, tardio, classista e desvinculado da realidade nacional. A sociedade colonial era arcaica, de cultura oral, fundada na escravidão, no patriarcado rural e na burocracia colonial. Nessa sociedade a educação era predominantemente eclesiástica e destinada à manutenção dos privilégios da ordem social rígida e fechada. (ROSSATO apud TEIXEIRA 2006, p. 22)

Rossato (2006) afirma que as primeiras escolas profissionais apresentavam características isolacionistas, fundamentavam-se na cátedra e tinham cunho seletivo. Por esse motivo, o ensino superior no Brasil encontrou forte resistência na sua implementação. Com o intuito de criar a primeira universidade, mais de quarenta

projetos foram apresentados durante o período monárquico, sendo todos eles rejeitados. Tais projetos encontravam resistência, sobretudo junto ao parlamento e ao governo. A ideia de criar escolas voltadas para a profissionalização surgiu somente a partir de 1808, quando chega ao Brasil da corte portuguesa.

O mesmo autor menciona ainda que a concepção de universidade mantida naquela época era de criar cursos que suprissem as demandas do império, formando profissionais para atuarem no governo ou para ele. Ao mesmo tempo em que os conceitos de universidade não estavam bem definidos e passavam por embates no interior da monarquia, “na América espanhola, em menos de um século, já haviam sido fundadas cinco universidades” (ROSSATO, 2006 p. 23).

Soares (2002) cita que foi durante o período da regência que as primeiras faculdades brasileiras foram criadas. Compostas pelos cursos de Direito, Medicina, Politécnica, além de serem independentes umas das outras, estavam voltadas para a elite nacional. A mesma autora menciona ainda que estas faculdades foram instaladas em grandes cidades e mantinham um padrão de funcionamento semelhante ao francês, com maior ênfase ao ensino em detrimento da pesquisa.

Hawerth (1999) salienta que durante todo o século XIX praticamente não houve evolução no sistema de ensino superior nacional, pois as poucas instituições existentes neste período, ao voltarem-se para a formação de profissões liberais, abdicavam de promover a ciência, condição essencial para o desenvolvimento da nação. O autor afirma que o final deste século foi caracterizado por reformas educacionais e a criação de organismos reguladores das instituições, fatos que levariam a uma maior disseminação desta modalidade de educação no país.

Em 1911, através da Reforma Rivadávia, é criado o vestibular, em substituição ao exame de madureza. Para Hawerth (1999), este fato está associado à intenção da aristocracia em manter a distinção do cidadão comum visto que era notada a vontade da burguesia em equiparar-se com a classe dominante. Nesta época já havia um grande número de matrículas nos cursos superiores.

Com o início do século XX, gradativamente o ensino superior no Brasil começa a ter um papel diferenciado, recebendo mais atenção tanto das autoridades quanto de parte da população. Sobre esta nova realidade, Rossato afirma que:

A concepção de universidade que ganhou corpo na década de 20 e o seu surgimento no início da década de 1930 foram o verdadeiro marco do início da universidade no Brasil. Esse marco inicial deveu-se a um contexto em que a universidade já tinha condições de aceitação e constituía uma demanda social. Dentro do espírito da inquietação reinante em 1920, três fatos foram decisivos para a organização da universidade na década de 1930: o inquérito sobre instrução pública realizado em São Marcos em 1926, o Estatuto das Universidades Brasileiras de 1931 e o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 (ROSSATO, 2006, p. 19).

Complementando a última afirmação, Hawerth (1999) explica que a nova forma de ver e tratar o ensino superior iniciada partir da década de 1920 baseava-se em fatos como a expansão dos centros urbanos pela população que deixava as zonas rurais num intenso processo de migração, a crise que afetou os produtores de café e, também, a incipiente industrialização que se iniciava nesse período.

Rossato (2006) cita que a construção da Universidade do Rio de Janeiro em 1930, a primeira do Brasil, resultou da junção das escolas de engenharia e medicina. Distante do modelo de instituição atual e dentro do contexto histórico da época, esta universidade nasceu muito mais preocupada com as questões que envolviam sua manutenção do que com a atividade fim que era o ensino e a pesquisa.

A partir do início da década de 1930, toma forma um novo panorama no ensino nacional. Mesmo sendo uma das normas do Estatuto das Universidades Brasileiras ser a universidade o padrão para a organização do ensino superior no país, tal estatuto admitia a existência de estabelecimentos de ensino superior isolados, o que, com o passar do tempo, tornou-se a imensa maioria, conforme comenta Rossato (2006).

Na tabela apresentada abaixo, evidencia-se o expressivo crescimento no número de instituições isoladas entre os anos de 1930 e 1945.

Tabela 1: Número de instituições de ensino superior – 1930 à 1945

<b>Período Número de Estabelecimentos</b>	
1808 - 1890	14
1890 - 1930	86
1930 - 1945	181

Fonte: Teixeira, Anísio. Uma perspectiva da educação superior no Brasil. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 111, nº 50, jul./set. 1968b. p. 21-82

Numa crítica ao modelo que o ensino superior brasileiro tomava à época, Romanelli (1991) esclarece que a grande maioria dos estabelecimentos preocupava-se exclusivamente com a formação profissional, deixando em segundo plano a pesquisa, fato que ficou comprovado na edição da Reforma Francisco Campos<sup>1</sup>.

Por outro lado, Barreyro (2008) aponta que a criação e atuação da União Nacional de Estudantes – UNE, a partir de 1938, foi determinante no processo de abertura política – durante o governo Dutra – e também para o surgimento da luta por uma universidade voltada para a sociedade, gratuita e de qualidade.

Rossato (2006) comenta que, um pouco mais à frente, após 1945, inicia-se uma grande demanda por cursos superiores no Brasil, em função do crescente número de alunos que concluía tanto o ensino secundário quanto o profissionalizante, visto que este último passara a ter equivalência com o ensino secundário. Para atender a essa demanda, o Governo Federal criou mecanismos que foram, desde a criação de novos cursos gratuitos, até a aglutinação de faculdades estaduais, formando, assim, novas universidades.

No período compreendido entre os anos de 1945 e 1964, o Brasil viveu grandes transformações políticas em função do fim do Estado Novo e o início da ditadura militar, respectivamente. Com as reformas implantadas neste período, surgiram no País novas exigências no campo tecnológico e educacional. Por esse motivo, cresceu o número de matrículas nas instituições de ensino superior e, conseqüentemente, o número de professores contratados, além do notável crescimento das universidades federais e particulares; fatos estes decorrentes do processo de desenvolvimento econômico por que passava o País e, principalmente,

<sup>1</sup> Nome da primeira reforma educacional de caráter nacional, realizada no início da Era Vargas (1930-1945), sob o comando do ministro da educação e saúde Francisco Campos. Disponível em [www.educabrasil.com.br](http://www.educabrasil.com.br).



em virtude de parte da população buscar qualificação para preencher os requisitos que esse novo tempo exigia (ROSSATO, 2006).

A intensa procura por qualificação profissional refletiu na educação, visto que em apenas dez anos o número de estudantes matriculados e o pessoal docente mais do que duplicou no ensino superior:

Tabela 2: Número de matrículas e de docentes no ensino superior – 1955 à 1965

Especificação	Ano	
	1955	1965
Pessoal Docente	14.601	33.126
Matrícula Efetiva	69.942	154.981

Fonte: Ribeiro, 2000, p. 164.

Rossato (2006) afirma que, no final da década de 1960, um grande número de indústrias, empresas multinacionais e suas subsidiárias passaram a instalar-se no País, levando a um cenário de aumento dos empregos. Esta situação contribuiu para que a procura passasse a ser pelos cargos mais valorizados, que exigiam maior qualificação profissional, uma vez que a seleção começou a ser feita considerando o grau de escolaridade dos participantes. A posse do diploma de ensino superior passou a constituir a garantia de ascensão sócio-econômica para a classe média.

Segundo avaliação de Rossato (2006), nessa mesma época, o número de instituições isoladas passou a crescer desordenadamente em virtude de o governo ter perdido o controle na fiscalização e, principalmente, pelo grande número de candidatos às vagas do ensino superior. Naquele momento, o governo passou a ser menos rigoroso na análise e autorização de implantação de novos estabelecimentos, porque essa era uma forma de atender à demanda da população por ensino superior. A postura do Estado frente a estas questões é explicada pelo fato das vagas ofertadas, ao menos nas instituições federais, terem sido insuficientes para atender a esse público.

Esta análise é compartilhada por Freitag:

Não foi possível ampliar suficientemente as vagas da rede oficial. Como o governo não pode deixar de dar uma solução ao impasse por ser este potencialmente conflituoso, permitiu que o setor privado participasse de sua solução. Passou a autorizar cursos superiores de faculdades isoladas e de fim de semana, oferecidos pelo setor privado a alunos desejosos de estudar para adquirirem, mesmo que formalmente, o título acadêmico. Assim conseguiu, sem investimentos e despesas maiores, garantir aumento substancial do número de vagas (FREITAG, 1978 p. 76).

Seja através de universidades, ou mesmo de instituições isoladas, a rede privada de ensino absorveu grande parte da população que almejava ascensão profissional através da obtenção de um diploma de graduação, o que momentaneamente solucionou o problema da pressão sobre o Estado. Mas, para Hawerth, o fenômeno de expansão do ensino superior nacional foi insuficiente e trouxe como resultado o surgimento de uma nova demanda:

A maior dificuldade enfrentada pela reforma de 1968 foi subestimar a grande expansão do ensino superior brasileiro nos anos que a precederam. Tal expansão caracterizou-se como um fenômeno de âmbito mundial, sendo praticamente impossível contê-lo nos despreziosos limites da universidade tradicional. Em 1960, menos de 2% da população de brasileiros entre 20 e 24 anos achava-se matriculada no ensino superior, em 1970, tal índice passou para 5,2% e, em 1975, alcançou 11%. Houve, pois, uma expansão rápida que, contudo, ainda representava aproximadamente metade da média encontrada em países europeus nesse mesmo ano. Este contexto ocasionou o surgimento de um novo tipo de aluno: as mulheres despontavam com participação significativa no ensino superior, estudantes com idade acima da média também representavam um contingente considerável além de muitos outros que, até então, não haviam conseguido ingressar na educação superior (HAWERROTH, 1999, p.37).

Dentro deste contexto, e de acordo com os autores citados até o momento, é possível perceber que o aumento da procura por vagas no ensino superior não se dá por acaso, mas sim pelas mudanças no perfil da sociedade brasileira. Tais mudanças foram verificadas principalmente na classe média, uma vez que esta se encontrava em ascensão e necessitava de qualificação para manter-se no mercado de trabalho que, então, era engrossado pelo ingresso do público feminino. O fenômeno que atingiu a classe média e seu canal de ascensão social, de acordo com Cunha, deve-se ao fato de que:

Diminuíram as oportunidades de instalação, sobrevivência e ampliação de pequenos negócios industriais, artesanais, comerciais e prestação de serviços, devido a inúmeros fatores, dentre os quais, a unificação dos mercados regionais num mercado nacional, a concentração das empresas existentes e a instalação no Brasil de grandes empresas estrangeiras, tudo isso possível pela crescente intervenção do Estado na economia. Assim,

correlativamente à inibição das oportunidades de sucesso para os pequenos negócios na escala dos empreendedores de classe média, apareceram oportunidades ocupacionais para os assalariados na burocracia das grandes empresas privadas e do Estado. Se antes o modelo de sucesso consistia na poupança, constituição, investimento e reprodução de capital, ele passa a ser, então, a ascensão ocupacional no interior das hierarquias ocupacionais das grandes empresas do Estado (CUNHA, 1968, p.97).

Diante desta realidade, Soares (2002) afirma que surgiu um novo cenário na sociedade brasileira na qual ser pequeno empresário não era mais um canal de ascensão viável. Ao contrário, para obter ascensão profissional, era necessária a qualificação. Com isso, o aumento da procura por vagas nas universidades cresceu consideravelmente, ocorrendo grande expansão do ensino superior privado, através da criação de faculdades isoladas em regiões de maior demanda, ou seja, em regiões em desenvolvimento, com grande carência da oferta desse tipo de educação. Ao invés de assumir esta demanda, o Governo permitiu a proliferação de tais instituições e, na década de 1980, grande parte dos alunos do ensino superior estava matriculada em instituições privadas.

Freitag (1978) avalia que o grande aumento de vagas nas instituições da rede privada fez baixar a qualidade dos cursos. Segundo a autora:

o ensino particular, na ânsia de atender à demanda, voltou-se para estudantes formados em cursos técnicos de contabilidade e comerciais, ministrados à noite, os quais buscavam cursos superiores facilitados e que concediam o título de “doutor” (FREITAG p.105).

O mesmo pensa Rossato (2006), quando afirma que:

os cursos oferecidos eram mais baratos, funcionavam em instalações precárias e com recursos humanos de fácil recrutamento, e que os alunos estavam mais interessados no diploma do que no conteúdo (p.80).

Segundo este mesmo autor, o fim do chamado “milagre econômico” ocasionado pela recessão internacional e, em especial, pelo desaparecimento do contingente excedente em virtude da demanda ter sido atendida com o aumento de instituições, cursos e vagas, determinaram uma nova fase para o ensino superior brasileiro. A partir do ano de 1974, a grande expansão numérica que vinha ocorrendo foi contida, fato que duraria até o ano de 1990.

Entre 1972 e 1973, em cursos como direito e economia, ocorreu um incremento de vagas de apenas 3,5%; e, de 1971 a 1974 não se autorizou a criação de nenhum novo curso de medicina. Além disso, neste mesmo período, o número de candidatos ao vestibular foi menor do que o número de vagas. As estatísticas revelam que, diferentemente do momento de grande expansão, ocorrido entre 1960 e 1973, no período compreendido entre os anos de 1974 e 1989 chegou a haver retração no número de matrículas, cursos e instituições, como afirma Santos (apud ROSSATO, 1974).

Para Tramontin (1998), o momento de retração vivido no ensino superior na década de oitenta está relacionado a fatores políticos e também econômicos:

a década de oitenta foi marcada politicamente pelo esgotamento do regime militar e pelos movimentos pela democracia, o que veio a ocorrer a partir de 1985. Todavia, este esgotamento não era só político, mas sobretudo econômico e social traduzido em recessão, crise econômica, desemprego e estagnação. A recessão atingiu o sistema universitário que arrefeceu seu crescimento, diminuiu sua produtividade, surgiu mais acentuadamente o fenômeno de ociosidade de vagas e abandono de matrículas, levando os analistas a chamar os anos 80 de década perdida (TRAMONTIN 1998, p. 95).

O ano de 1995 marca a retomada do crescimento no ensino superior apoiado pelas facilidades dadas pelo Governo para a abertura de novas instituições de ensino. A indisponibilidade de recursos por parte do governo e a valorização dada ao diploma pela sociedade brasileira contribuíram significativamente para um crescimento acentuado do setor privado, conforme relatório do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul – BRDE (2002), que pode ser verificado nos dados da tabela a seguir, onde se observa, também, um grande crescimento no número de matrículas das IES privadas ao longo de seis anos.

Tabela 3: Número de estudantes matriculados em Cursos de Graduação – 1994 a 2000

<b>B R A S I L</b>	<b>Natureza Jurídica</b>	<b>1994</b>	<b>1995</b>	<b>1996</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>
	<b>Público</b>	690.450	700.540	735.427	759.182	804.729	832.022	887.026
	<b>Privado</b>	970.584	1.059.163	1.133.102	1.186.433	1.321.229	1.537.923	1.807.219
	<b>Total</b>	1.661.034	1.759.703	1.868.529	1.945.615	2.125.958	2.369.945	2.694.245

Fonte: INEP - BRDE, 2002 p. 25

Segundo o mesmo relatório, o período compreendido entre 1994 e 2000 apresentou, também, crescimento no número de vagas ofertadas pelas instituições de ensino. Na tabela abaixo, verifica-se um crescimento de 144,7% nas IES privadas, enquanto que, no Brasil, o crescimento foi de apenas 111,8%.

Tabela 4: Número de Vagas Oferecidas no Vestibular em Cursos de Graduação – 1994 a 2000

<b>Natureza Jurídica</b>	<b>1994</b>	<b>1995</b>	<b>1996</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>
<b>Público</b>	177.453	178.145	183.513	193.821	218.725	218.639	245.632
<b>Privado</b>	396.682	432.210	450.723	505.377	570.306	685.995	970.655
<b>Total</b>	574.135	610.355	634.236	699.198	776.031	904.634	1.216.287

Fonte: INEP – BRDE, 2002 p.30

Entre 2000 e 2007, o número de vagas ofertadas no ensino superior registrou um aumento de mais de 100%. De acordo com os dados apresentados pelo censo do Ensino Superior 2007, o número total de vagas ofertadas por processos seletivos na graduação presencial foi de 2.823.942 em todo o Brasil, o que corresponde a um aumento de 194.344 (7,4%) em relação ao ano de 2006.

As IES privadas foram responsáveis pelo maior crescimento no número de vagas ofertadas, 8,5% em relação ao ano anterior. As instituições públicas da rede federal registraram aumento de 10.595 novas vagas em relação a 2006, equivalente a 7,3%, conforme mostrado na tabela abaixo.

Tabela 5: Número de vagas ofertadas no vestibular – 2002 à 2007

Ano	Total	%Δ	Pública						Privada	%Δ
			Federal	%Δ	Estadual	%Δ	Municipal	%Δ		
2002	1.773.087	-	124.196	-	132.270	-	38.888	-	1.477.733	-
2003	2.002.733	13,0	121.455	-2,2	111.863	-15,4	47.895	23,2	1.721.520	16,5
2004	2.320.421	15,9	123.959	2,1	131.675	17,7	52.858	10,4	2.011.929	16,9
2005	2.435.987	5,0	127.334	2,7	128.948	-2,1	57.086	8,0	2.122.619	5,5
2006	2.629.598	7,9	144.445	13,4	125.871	-2,4	60.789	6,5	2.298.493	8,3
2007	2.823.942	7,4	155.040	7,3	113.731	-9,6	60.489	-0,5	2.494.682	8,5

Fonte: MEC/INEP/DEED (consulta em 15/02/09)

A partir dos dados do Censo da Educação Superior de 2007, registrou-se a existência de 2.281 IES, o que representa um incremento de 11 instituições em relação ao ano de 2006. Como é possível observar na tabela a seguir, o ritmo de aumento do número de IES vem diminuindo recentemente. Uma das possíveis razões dessa tendência é a recorrente integração de instituições, por fusão ou compra, observada nos últimos anos.

A distribuição das IES por categoria administrativa aproxima-se à verificada no ano anterior, com 89% de instituições privadas e 11% de instituições públicas, divididas entre federais (4,6%), estaduais (3,6%) e municipais (2,7%).

Tabela 6: Número de Instituições, segundo a categoria Administrativa - Brasil - 2002 a 2007

Ano	Total	%Δ	PÚBLICA						Privada	%Δ
			Federal	%Δ	Estadual	%Δ	Municipal	%Δ		
2002	1.637	-	73	-	65	-	57	-	1.442	-
2003	1.859	13,6	83	13,7	65	0	59	3,5	1.652	14,6
2004	2.013	8,3	87	4,8	75	15,4	62	5,1	1.789	8,3
2005	2.165	7,6	97	11,5	75	0	59	-4,8	1.934	8,1
2006	2.270	4,8	105	8,2	83	10,7	60	1,7	2.022	4,6
2007	2.281	0,5	106	1,0	82	-1,2	61	1,7	2.032	0,5

Fonte: MEC/INEP/DEED

O novo crescimento no setor pode ser explicado pelo direcionamento da expansão das IES para locais ainda pouco explorados, principalmente para o interior dos estados e também pela diversificação da oferta em instituições que anteriormente operavam apenas com educação básica e ensino médio, conforme informações do BRDE (2002).

O movimento de expansão nos últimos anos tem levado, portanto, a uma interiorização do ensino. Este fato é fundamentado pelo crescimento no número IES fora dos grandes centros urbanos. As instituições privadas têm direcionado investimentos em novas unidades baseadas em projetos que atendem a necessidades específicas de determinadas cidades. Duarte (2007) cita que:

Os números comprovam. Em 2000, havia 745 instituições de ensino superior no interior do país, contra 435 nas capitais. Atualmente, a diferença aumentou: são 769 instituições localizadas em grandes centros urbanos e 1.396 em regiões mais distantes, segundo dados do Censo da Educação Superior 2005, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). (REVISTA ENSINO SUPERIOR, n. 109, p. 27, nov. 2007).

Apesar do crescimento tanto no número de estudantes matriculados quanto no de novas instituições, obtidos pela retomada da expansão verificada a partir da década de noventa, grande parte da população com idade entre 17 e 24 anos continua sem figurar nas estatísticas de matriculados. Neste sentido, Soares (2002) explica que a dificuldade em ingressar no ensino superior está relacionada também à questão da incapacidade dos estudantes serem aprovados nos concursos – visto que existe um percentual de vagas não preenchidas nas IES públicas – e, sobretudo, à limitação financeira para custear a mensalidade nas faculdades privadas.

A relação de candidatos por vaga apresentada na tabela abaixo comprova que, mesmo com um significativo aumento no número de instituições e de vagas, um expressivo contingente de indivíduos continua à margem da universidade.

Tabela 7: Relação candidato/vaga no vestibular, por categoria administrativa – 1980 à 2004 – Brasil

<b>Ano</b>	<b>Pública</b>	<b>Privada</b>	<b>Total</b>
<b>1980</b>	-	-	4,5
<b>1985</b>	-	-	3,5
<b>1990</b>	-	-	3,8
<b>1995</b>	7,9	2,9	4,3
<b>2000</b>	9,0	2,0	3,5
<b>2004</b>	8,0	1,3	2,3

Fonte: Barreyro 2008 - MEC/Inep/Deaes

Segundo o mesmo raciocínio, observa-se que os dados do Censo do Ensino Superior mostram que um total de 5.191.760 candidatos disputou as vagas ofertadas no ano de 2007. A maior concorrência foi verificada nas IES federais, com média de 8,3 candidatos por vaga em todo Brasil, como se pode ver na tabela abaixo.

Com exceção das IES estaduais, nas demais categorias administrativas, tem-se constatado uma queda na concorrência, o que não significa que as vagas disponíveis respondam à enorme demanda reprimida, pois, como se vê, ainda existe quase dois candidatos disputando uma única vaga entre as instituições públicas e privadas.

Tabela 8: Número de candidatos por vaga no ensino superior – 2002 à 2007

Ano	Total	%Δ	Pública						Privada	%Δ
			Federal	%Δ	Estadual	%Δ	Municipal	%Δ		
2002	2,8	-	9,9	-	9,9	-	2,0	-	1,6	-
2003	2,4	-14,9	10,5	5,0	9,1	-9,7	1,7	-14,8	1,5	-8,4
2004	2,2	-12,3	10,4	-0,6	8,0	-12,8	1,6	-8,6	1,3	-12,9
2005	2,1	-4,8	10,0	-4,1	7,4	-8,8	1,5	-10,3	1,3	-0,5
2006	2,0	-5,4	8,9	-12,5	7,8	5,7	1,4	-6,5	1,2	-5,3
2007	1,8	-7,2	8,3	-6,5	8,1	3,2	1,3	-5,0	1,2	-5,9

Fonte: MEC/INEP/DEED

Nos dados apresentados a seguir tem-se a evolução no número de vagas ociosas na rede pública e privada de ensino superior. Como destaque, aponta-se o pequeno índice de ociosidade verificado nas IES federais, quando comparado ao total geral de vagas ofertadas a cada ano. Na mesma tabela, figura o aumento no número de vagas ociosas entre as IES privadas, que chegam a acumular um crescimento de mais de 100% num período de cinco anos.

Tabela 9: Número de Vagas Ociosas em IES, segundo a Categoria Administrativa – 2002 a 2007

Ano	Total	%Δ	Pública						Privada	%Δ
			Federal	%Δ	Estadual	%Δ	Municipal	%Δ		
2002	567.947	-	1.705	-	6.771	-	6.387	-	553.084	-
2003	739.779	30,3	893	-47,6	3.085	-54,4	10.154	59,0	725.647	31,2
2004	1.017.311	37,5	1.060	18,7	6.222	101,7	13.968	37,6	996.061	37,3
2005	1.038.706	2,1	1.959	84,8	6.243	0,3	16.485	18,0	1.014.019	1,8
2006	1.181.089	13,7	2.456	25,4	8.572	37,3	22.670	37,5	1.147.391	13,2
2007	1.341.987	13,6	3.400	38,4	4.011	-53,2	23.358	3,0	1.311.218	14,3

Fonte: MEC/INEP/DEED



Confrontando-se as tabelas 8 e 9, podem-se fazer algumas constatações. Há uma demanda reprimida de estudantes tentando ingressar na universidade que, devido à grande concorrência na disputa por uma vaga nas IES federais, não tem conseguido acessar a educação superior. São mais de oito candidatos disputando uma única vaga nas instituições públicas contra apenas 1,2 candidato nas IES privadas. Do mesmo modo, observa-se o significativo crescimento do número de vagas ociosas nas IES particulares, contrastando com o aproveitamento de praticamente 100% das vagas federais.

Tem-se aí uma inversão na relação entre a demanda e a oferta, visto que há um grande público interessado em estudar nas IES públicas, que apresentam capacidade de absorção menor que a verificada nas IES privadas. Ao mesmo tempo, somadas, as IES privadas disponibilizam uma quantidade de vagas bem superior à procura pelas mesmas, o que ocasiona grande ociosidade. Notadamente, há um público querendo estudar, mas sem condições de arcar com o custo de uma formação particular.

Ainda em relação às matrículas e, especificamente, aos turnos, entre os anos de 2006 e 2007, observa-se o aumento de 5,7% no número de matrículas, no turno da noite. Entre as instituições privadas, o aumento foi de 6,0%; e entre as instituições federais, foi de 5,3%, conforme os dados que seguem.

Tabela 10: Número de matrículas por categoria administrativa, segundo o turno – 2006 a 2007

Ano	Turno	Total	%Δ	Pública						Privada	%Δ
				Federal	%Δ	Estadual	%Δ	Municipal	%Δ		
2006	Total	4.676.646	-	589.821	-	481.756	-	137.727	-	3.467.342	-
	Diurno	1.828.976	-	440.419	-	283.141	-	38.198	-	1.067.218	-
	Noturno	2.847.670	-	149.402	-	198.615	-	99.829	-	2.400.218	-
2007	Total	4.880.381	4,4	615.542	4,4	482.814	0,2	142.612	3,5	3.639.413	5,0
	Diurno	1.870.848	2,3	458.261	4,1	278.673	-1,6	39.465	3,3	1.094.449	2,6
	Noturno	3.009.533	5,7	157.281	5,3	204.141	2,8	103.147	3,6	2.544.964	6,0

Fonte: MEC/INEP/DEED

Os números revelam também que a maioria dos estudantes universitários brasileiros está matriculada no período noturno. Dos quase cinco milhões de

matriculados em 2007, três milhões estão estudando à noite em instituições privadas. A partir desses dados, pode-se supor que grande parte dos estudantes brasileiros depende de seu próprio trabalho para custear os estudos, constituindo assim um exército de estudantes-trabalhadores.

Os dados oficiais do Ministério da Educação mostram um aumento no ensino superior nacional. Este aumento se dá com o crescimento de instituições de ensino (mesmo que em pequeno número, se comparado há anos anteriores), com o aumento de oferta de vagas e, principalmente, com a evolução do número de matrículas.

Nos últimos seis anos, as universidades públicas federais dobraram o número de vagas de ingresso, de 113 mil para 228 mil. No mesmo período, foram criados 12 novas universidades federais e mais de uma centena de novos campi pelo interior do país (ZERO HORA, p. 49, 28/04/09).

Mesmo assim, as instituições particulares destacam-se na quantidade de estabelecimentos, número de vagas ofertadas e matrículas efetivas em relação às IES públicas. Paradoxalmente, as IES privadas também detêm um grande índice de vagas não ocupadas.

Com base nas leituras realizadas durante a produção do trabalho, constatou-se que diferentemente do que ocorreu em outros países da América do Sul, no Brasil, o ensino superior foi implantado de forma tardia. A evolução da educação superior no País foi pautada pela aparente dificuldade do Estado em promover esta modalidade de ensino de forma articulada e voltada à necessidade da sociedade. Mesmo vivendo períodos de considerável expansão – especialmente sustentados pelo desempenho do setor privado – o ensino superior brasileiro, ao longo de sua história, em nenhum momento conseguiu atender a toda a parcela da população que o buscava. Além disso, verificou-se que o atendimento das demandas tem sido caracterizado muitas vezes pela oferta de ensino de baixa qualidade voltado principalmente para a obtenção do lucro.

Por outro lado, é importante ressaltar que, inegavelmente, nos últimos anos, o acesso à universidade tem sido facilitado por políticas e ações como a do aumento no número de vagas, cursos e instituições, além de programas de incentivo ao

ingresso no ensino superior. Estes fatores constituem indícios de um movimento que aponta para uma tentativa de democratização do ensino superior.

## 2.1 POLÍTICAS DE INCLUSÃO E ENSINO SUPERIOR

A partir deste momento, passa-se a abordar algumas das principais políticas públicas de inclusão ao ensino superior. Parte destes programas constitui-se em recursos disponibilizados pelas IES privadas aos estudantes oriundos de classes com menor poder aquisitivo. Atualmente, as principais ações neste sentido que têm o apoio e a supervisão governamental são o Programa Universidade para Todos – PROUNI, o Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior – FIES – e o Programa de Bolsa Filantropia, os quais serão detalhados no decorrer deste item.

Tais iniciativas são destinadas aos indivíduos que não conseguiram ingressar em uma IES pública e que também não dispõem de recursos financeiros para arcar com os custos de uma formação em uma IES privada. Trata-se, portanto, de programas que têm como função primordial o apoio ao ingresso e a permanência de estudantes no ensino superior. Devido a sua importância e maior expressividade, optou-se por destinar ao Prouni uma abordagem diferenciada em relação aos demais programas.

### 2.1.1 Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES

De acordo com o portal da Caixa Econômica Federal ([www.caixa.gov.br](http://www.caixa.gov.br)), o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES – foi criado no ano de 1999 pelo Ministério da Educação – MEC – para substituir o Programa de Crédito Educativo PCE/CREDUC. Sua função é possibilitar o financiamento de cursos de graduação a estudantes matriculados em instituições privadas que não têm condições de assumir o pagamento da mensalidade do curso.

Para participar do programa, o estudante precisa estar regularmente matriculado, não ter sido previamente beneficiado pelo extinto Crédito Educativo – PCE/CREDUC – e passar por um processo de seleção. O FIES é vinculado às IES privadas e, para tanto, estas devem estar cadastradas no referido programa e funcionar de acordo com as regulamentações do MEC.

Conforme a lei número 10.260, de 12 de julho de 2001, “é considerado curso com avaliação positiva aquele que obteve conceito maior ou igual a 3 (três) na edição mais atualizada do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – ENADE”. Segundo a Caixa Econômica Federal, aos estudantes matriculados em cursos com avaliação inferior a 3 no ENADE, é vedada a concessão do financiamento até que o curso obtenha avaliação positiva, sem prejuízo de manutenção do financiamento regularmente concedido a estudantes já contemplados.

Às instituições participantes, é exigida a constituição de uma Comissão Permanente de Seleção e Acompanhamento do FIES, encarregada do atendimento aos estudantes beneficiados pelo programa. Os critérios de seleção são definidos pelo MEC a cada processo seletivo e levam em consideração o perfil sócio-econômico dos candidatos.

Ainda segundo a própria Caixa Econômica Federal, os critérios de seleção utilizados no processo são “impessoais e objetivos”, o que auxilia na concessão dos recursos aos estudantes em situação econômica menos privilegiada. No entanto, para Carvalho (2006), este programa traz como características algumas regras que dificultam sua contratação por parte de muitos estudantes. A necessidade de fiador, aliada à possibilidade de financiamento de apenas 50% do curso e à disparidade entre a taxa de juros do financiamento, comparada ao crescimento da renda do recém-formado, inviabilizam sua contratação por grande parte da população de baixa renda.

Estes fatores são, para muitos estudantes, obstáculos intransponíveis; se for considerado que o público-alvo do FIES é o estudante que tem dificuldade para custear a mensalidade e que este indivíduo está inserido nas camadas de baixa

renda da população, provavelmente ele terá dificuldades em dispor de um fiador em seu círculo de relações sociais.

De todo modo, segundo a Caixa Econômica Federal, “atualmente são quase 500 mil estudantes beneficiados e 1.459 instituições de ensino superior credenciadas, com 2.080 campi cadastrados e aplicação de recursos que giram em torno de R\$ 4,6 bilhões” ([www.caixa.gov.br](http://www.caixa.gov.br)). Apesar de ter perdido um pouco de destaque, após a criação do PROUNI, o FIES continua sendo um importante canal de auxílio no custeio da formação no ensino superior, para aqueles que se enquadram neste programa.

### **2.1.2 Programa de Bolsa Filantropia**

O Programa de Bolsa Filantropia consiste na concessão de bolsas de estudo pelas próprias IES privadas que possuem o Certificado de Entidade de Fins Filantrópicos a estudantes comprovadamente carentes que estejam regularmente matriculados. Em contrapartida, tais instituições de ensino recebem do Governo isenção de tributos. Este benefício, em forma de bolsa de estudos, é oferecido aos alunos que buscam de maneira espontânea algum tipo de auxílio para sustentar o pagamento de suas mensalidades.

A aplicação do programa segue a regulamentação própria de cada IES, cabendo a estas a organização de um processo de seleção que, além de privilegiar os alunos com menor poder aquisitivo, deve ser pautado por métodos justos e transparentes. Geralmente, a seleção de cada bolsista envolve um processo composto por assistentes sociais, entrevistas e visitas domiciliares que visam à elaboração de pareceres técnicos que subsidiam as decisões da comissão interna de bolsas filantropia de cada IES (ROCHA, 2008).

Mesmo contando com as bolsas de estudo filantropia, sabe-se que em muitos casos os estudantes têm dificuldades para concluir o curso superior. Muitas vezes o

estudante não consegue finalizar o curso no prazo certo por matricular-se em um número menor de disciplinas.

Os obstáculos vão, desde a falta de dinheiro para o deslocamento a IES até a impossibilidade de custear as cópias do material bibliográfico em função da insuficiência de renda familiar e pessoal. Situações como estas demonstram que, para estudantes provenientes de classes de baixa renda, por vezes, a bolsa de estudos não garante sua permanência na universidade, dada a condição de vulnerabilidade social a que estão submetidos. Nos últimos anos, este programa tem sofrido redução em algumas IES – a instituição pesquisada é um exemplo, em virtude do aumento da abrangência do programa PROUNI.

Outro ponto que merece ser mencionado, embora não possua o mesmo peso das dificuldades financeiras enfrentadas pelos estudantes bolsistas, é a obrigatoriedade da prestação de serviços comunitários. A todos os contemplados com a bolsa carência é exigida a realização de trabalho em instituições como creches do município, orfanatos, asilos, dentre outras entidades. É necessário o preenchimento de um determinado número de horas por semestre que devem ser cumpridas de acordo com a necessidade da entidade e a disponibilidade do bolsista. Com base na convivência dentro da IES, é possível constatar que esta regra, inerente ao programa de bolsa filantropia, costuma motivar algumas reclamações dos próprios alunos no sentido de não possuírem horário disponível para a prestação de tais serviços.

Não se pretende aqui colocar em dúvida a importância que este tipo de serviço representa para a sociedade. Sabe-se que no Brasil as entidades assistenciais possuem um papel importante de utilidade pública, especialmente porque estão voltadas para a população menos favorecida. É sabido também que muitas destas enfrentam inúmeras dificuldades devido à falta de recursos, de estrutura e pessoal.

Para os estudantes, este tipo de trabalho é igualmente valioso, pois os faz exercitarem, entre outras coisas, o espírito de cidadania e de responsabilidade social. Ocorre que o aluno bolsista pertence a uma parcela da população com menor

poder aquisitivo, o que implica na necessidade de ter que trabalhar para garantir o próprio sustento e muitas vezes o da família. Deste modo, o bolsista divide-se entre as atividades acadêmicas, que envolvem assistir às aulas, realizar trabalhos, provas, visitas técnicas, etc., as atividades profissionais e também a prestação dos serviços comunitários, que ocorrem normalmente aos finais de semana. Essa rotina intensa em muitos casos acarreta excessivo desgaste físico e emocional do aluno, o que comumente reflete em seu desempenho acadêmico.

### **2.1.3 Programa Universidade para Todos - PROUNI**

Criado no ano de 2004 e institucionalizado pela lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005, pelo Governo Federal, o Programa Universidade para Todos – PROUNI – objetiva a concessão de bolsas de estudo integrais e parciais a estudantes de cursos de graduação e sequenciais, de formação específica, em IES particulares. Segundo definição do próprio Ministério da Educação, tal programa tem como prática oferecer isenção de alguns tributos àquelas IES que aderirem a ele. Atualmente, ocupa posição de destaque nas políticas de acesso à educação superior por contemplar um número cada vez maior de estudantes a cada semestre e constituir-se em um auxílio que não exige ressarcimento ao Governo por parte dos estudantes.

Como requisito básico para participação, o programa exige que o estudante tenha cursado o ensino médio na rede pública ou, se na rede privada, na condição de bolsista, e que tenha renda per capita familiar de no máximo três salários mínimos. Para participar do processo, os candidatos são selecionados a partir das notas obtidas no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, o que confere um caráter meritocrático ao programa. Os estudantes provenientes do ensino médio ou mesmo da graduação que realizaram o ENEM e obtiveram o grau final mínimo de 4,5 para aprovação estão aptos a inscreverem-se no portal do Ministério da Educação, para concorrer a uma vaga através do programa nas IES que escolherem.

Após a classificação, os estudantes com as melhores notas são direcionados para as IES correspondentes, a fim de providenciarem a devida comprovação de sua situação sócio-econômica.

Segundo o Manual de Orientação ao Bolsista, a bolsa de estudos do PROUNI é um benefício concedido na forma de desconto parcial ou integral sobre o valor cobrado pela mensalidade do curso. Através do PROUNI, o estudante com bolsa parcial também pode financiar, via FIES, até 100% da mensalidade não coberta pela bolsa do programa. Esta iniciativa, criada em 2005, foi de extrema importância para muitos bolsistas, visto que grande parte dos contemplados com o programa por vezes abandonava os estudos por não ter condição financeira de manter o pagamento da bolsa parcial.

Dentro do programa existe ainda a possibilidade de obtenção de uma Bolsa Permanência, no valor de até R\$ 300,00 mensais. Esta concessão – possível apenas aos bolsistas matriculados em cursos presenciais, com no mínimo seis semestres de duração e cuja carga horária seja superior ou igual às 06 horas diárias de aula – pode ser obtida através de um processo de seleção realizado semestralmente. Tomando como base informações do Ministério da Educação, até o ano de 2008 o PROUNI já tinha atendido a cerca de 385 mil estudantes, sendo 270 mil com bolsas integrais.

No ano de 2008, o PROUNI contemplou 434.592 bolsistas distribuídos nas cinco regiões do País, conforme apresenta o gráfico abaixo.



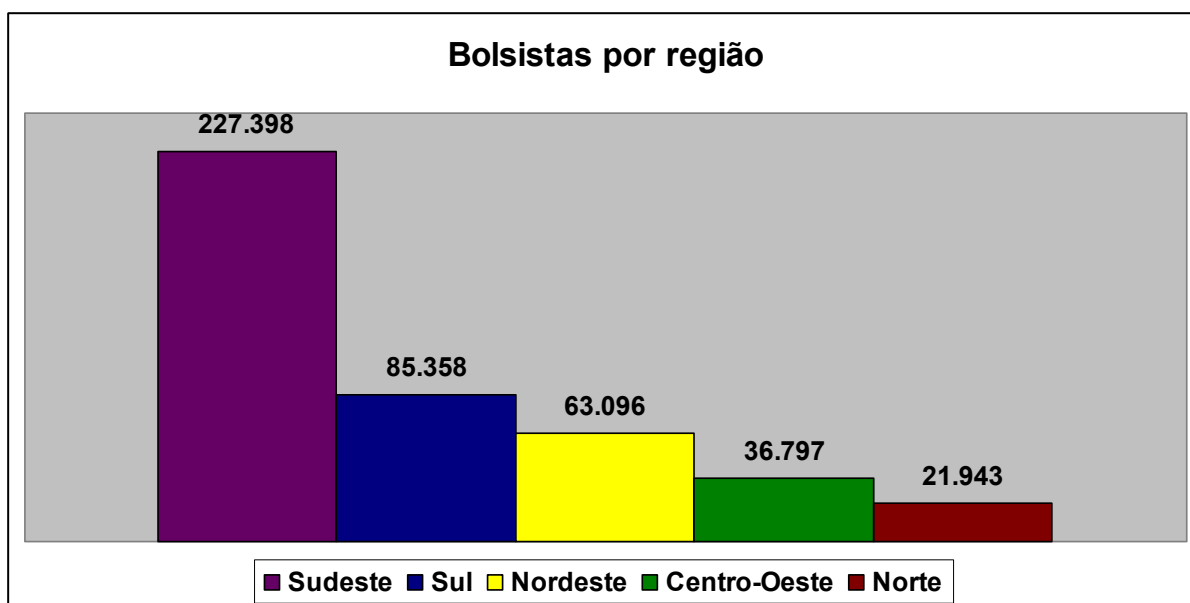


Gráfico 1: Bolsistas por região

Fonte: SISPROUNI de 15/09/2008 – Bolsistas PROUNI 2008

O maior contingente de estudantes assistidos pelo PROUNI pertence à região sudeste, com 227.398 ou 53% do total. No extremo oposto no quesito populacional e também em número de beneficiados, encontra-se a região norte, com 21.943 ou 5,05% do total de estudantes bolsistas. A região sul, detentora de 85.358 bolsistas, representa 19,64% e ocupa o segundo lugar na distribuição das bolsas governamentais.

O gráfico 2 traz os números totais de bolsas ofertadas ano a ano, a partir da criação do referido programa pelo Governo Federal.

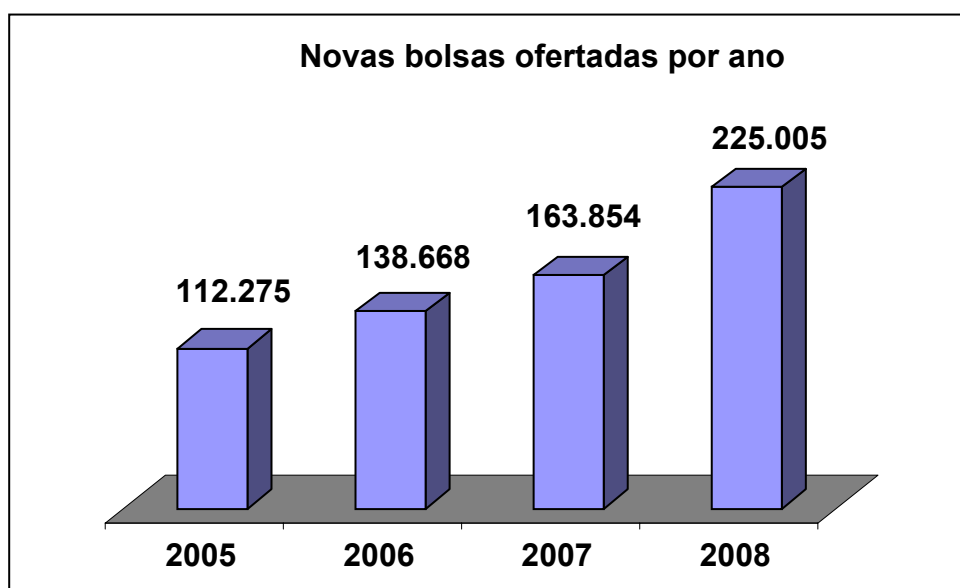


Gráfico 2: Novas bolsas ofertadas por ano  
Fonte: SISPROUNI de 04/06/2008 – Bolsistas PROUNI 2008

Nota-se a crescente evolução no número de bolsas ofertadas, representada pelo desempenho ao final dos quatro primeiros anos do programa, onde se disponibilizou o dobro de bolsas em relação à oferta inicial realizada no primeiro ano do PROUNI.

Os dados do programa mostram que as bolsas integrais somam 303.396, ou 69,81% do total; já as bolsas parciais totalizam 131.196, o que corresponde a 30,19%.

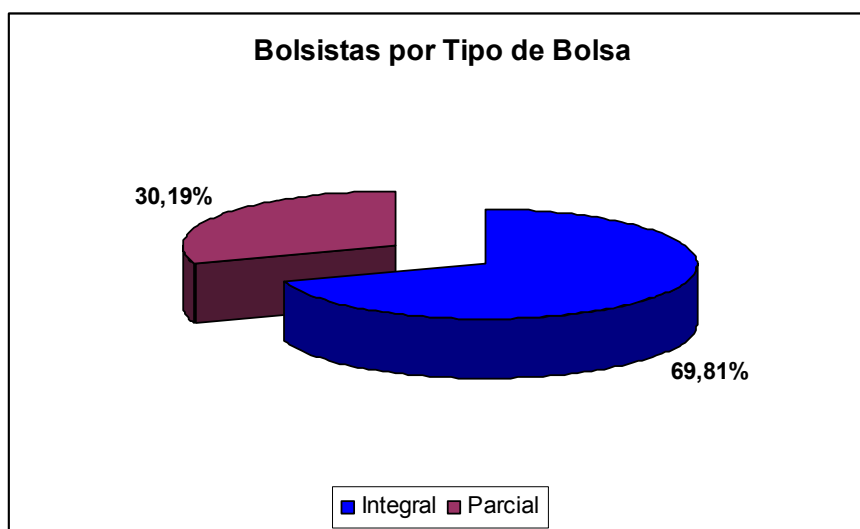


Gráfico 3: Bolsista por tipo de bolsa  
Fonte: SISPROUNI de 15/09/2008 – Bolsistas PROUNI 2008

Na tabela 11, observa-se a evolução do percentual de bolsas PROUNI ofertadas em cada região do país.

Tabela 11: Distribuição de Bolsas por Região

<b>Ano/Região</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>
<b>Centro Oeste</b>	9.334	13.480	15.145	19.835
<b>Nordeste</b>	18.282	18.540	25.034	38.856
<b>Norte</b>	5.773	7.221	6.957	10.072
<b>Sudeste</b>	59.365	69.084	80.635	116.839
<b>Sul</b>	19.521	30.343	36.083	39.403
<b>Totais</b>	112.275	138.668	163.854	225.005

Fonte: SISPROUNI (consulta em janeiro de 2009)

Ao final do ano de 2008, havia um predomínio do sexo masculino entre os estudantes integrantes do PROUNI, visto que, do total geral de 244.248 estudantes contemplados, 225.005 bolsistas eram do sexo masculino e 190.344 eram do sexo feminino, uma diferença de 53.904 bolsistas em relação aos estudantes do sexo feminino.

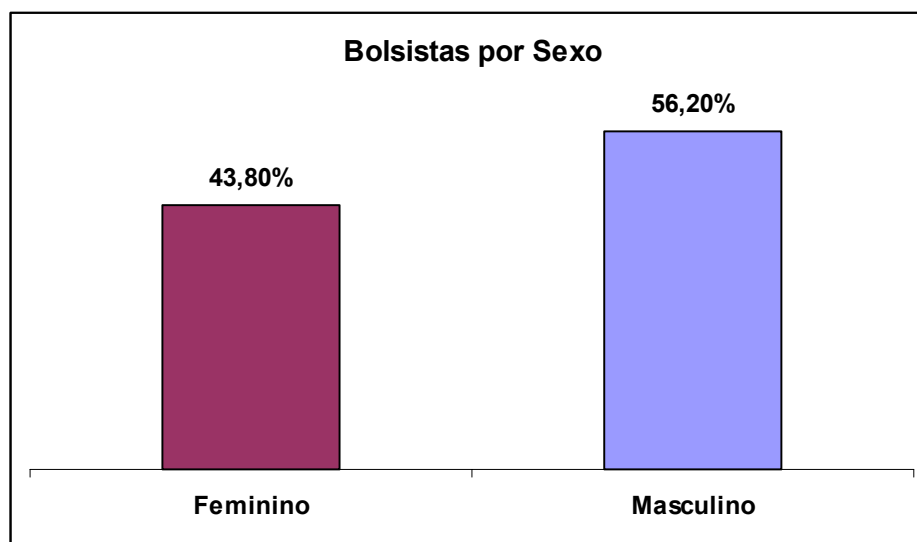


Gráfico 4: Bolsistas por sexo

Fonte: SISPROUNI de 15/09/2008 – Bolsistas PROUNI 2008

Com relação ao turno de estudo dos participantes no programa, constata-se que a imensa maioria está matriculada em cursos noturnos, que correspondem a 72% do total de participantes, conforme mostra a tabela abaixo.

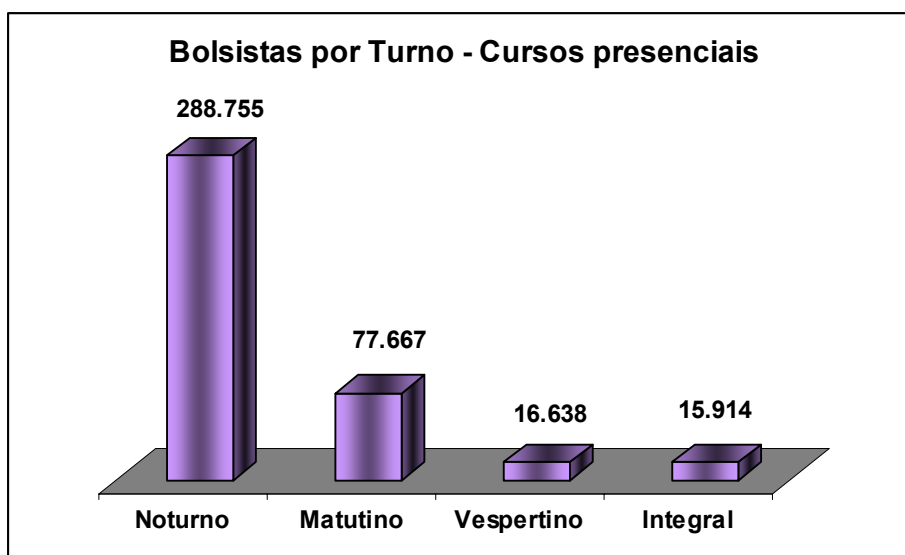


Gráfico 5: Bolsistas por turno – cursos presenciais  
Fonte: SISPROUNI de 15/09/2008 – Bolsistas PROUNI 2008

Esses dados acompanham a tendência nacional de predomínio de estudantes matriculados no turno da noite, o que remete mais uma vez à necessidade que os estudantes têm de trabalhar durante o dia.

Sobre a distribuição das bolsas pelo quesito raça, pode-se dizer que os números revelam certa paridade entre os estudantes auto-declarados brancos e a soma dos que se auto-declararam pretos (54.853) com os que se consideram pardos (142.407). Neste caso, o percentual destes dois grupos chega a 45% ou 197.260, um pouco menor do que os 204.580 estudantes que se declaram brancos.

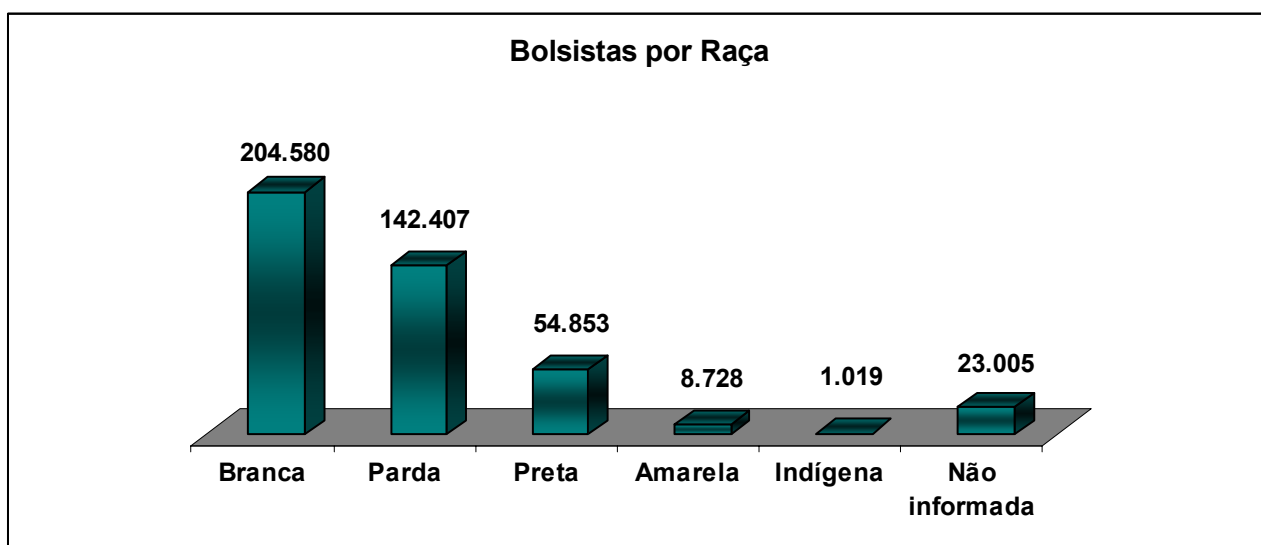


Gráfico 6: Bolsistas por raça

Fonte: SISPROUNI de 15/09/2008 – Bolsistas PROUNI 2008

O gráfico 6 destaca, ainda, a participação de 8.728 estudantes que se auto-declararam de cor amarela, 1.019 indígenas e o expressivo número 23.005 que não declararam sua raça. O SISPROUNI registra, também, que no ano de 2008 havia 3.094, ou 0,7%, de estudantes participantes do programa, portadores de necessidades especiais – PNE's.

Mesmo abrangendo todas as regiões do País com significativos números de bolsistas e tendo conseguido contemplar um número cada vez maior de alunos carentes, incluindo-se aí os matriculados no noturno e os afrodecendentes, o programa governamental tem sido acompanhado por críticas vindas de alguns pesquisadores de políticas públicas voltadas para a área da educação.

Essas críticas são direcionadas principalmente ao cumprimento de seu objetivo, como parte integrante de um projeto de massificação da educação superior. Questiona-se, por exemplo, se o PROUNI tem cumprido o papel de democratizar o acesso à universidade ou se, de fato, estaria apenas atendendo aos interesses das IES privadas, sobretudo no auxílio ao preenchimento de suas vagas ociosas.

Catani (2006) afirma que a proposta do programa reproduz a tradição do Governo em tentar resolver a demanda de acesso à educação superior através de

mecanismos que giram em torno da renúncia fiscal, privilegiando a iniciativa privada. A fundamentação de tal observação se dá em função de aspectos que envolveram a alteração do projeto inicial – através de inúmeras medidas provisórias – em que era previsto para as IES não beneficentes a oferta de uma bolsa para cada nove alunos regularmente matriculados e, no caso das beneficentes, uma bolsa para cada quatro estudantes.

Para esse autor, em virtude da pressão exercida pelas entidades representativas das IES privadas, o programa passou por uma desconfiguração que beneficiou, em muito, as necessidades destas instituições, em detrimento do caráter democratizante de sua versão original.

Com efeito, há de se salientar que, de forma geral, a bandeira democratizante levantada pelo atual Governo em muito lembra as alternativas implantadas pelos governos passados – com destaque para o momento vivido no final da década de 1960 e início da década de 1970 – para atender à demanda por educação pública e gratuita. Nestas ocasiões, o Governo optou por utilizar-se da ampliação do papel da iniciativa privada, através subsídios legais, para resolver a demanda de educação, sem a necessidade de investimento público, estratégia reproduzida com o PROUNI.

Dentro da mesma linha de pensamento de Catani (2006), Carvalho (2006) salienta que estas políticas veem sendo fundamentais para a prosperidade econômica e expansão das IES privadas ao longo das últimas décadas. A liberação do recolhimento de impostos como ISSQN, COFINS, IPTU e CSLL, além de colaborar para o aumento do patrimônio das IES privadas, contribui indiretamente para o crescimento das matrículas e viabiliza a obtenção de recursos financeiros pelas mesmas. Ainda no que tange o aproveitamento das matrículas, se considerado o histórico de alto percentual de vagas ociosas observado na oferta das IES privadas, o “PROUNI surge como excelente oportunidade de fuga para frente para as instituições ameaçadas pelo peso das vagas excessivas” (CARVALHO, 2006 p. 986).

Pode-se perceber nos três programas do atual Governo (Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES, o Programa de Bolsa

Filantropia e o Programa Universidade para Todos – PROUNI) algumas dificuldades no que diz respeito à sua aplicabilidade. Dentre elas, talvez a mais importante seja a precariedade com que tratam a questão da permanência do estudante na universidade.

O auxílio financeiro, através de uma Bolsa Permanência com o valor de R\$ 300,00 concedida ao bolsista parcial, ou a possibilidade de financiar, via FIES, até 100% da mensalidade (ambas iniciativas pertencentes ao PROUNI) seguramente ainda estão aquém de suprir as reais necessidades dos estudantes carentes. Como já citado, o aluno bolsista normalmente encontra-se em situação de vulnerabilidade financeira. Nesta condição, a continuidade na universidade torna-se ameaçada pela impossibilidade de custear as despesas atreladas à realização do curso como alimentação, transporte, livros, cópias, etc.

Outra questão de relevante importância no processo de ingresso destes estudantes bolsistas nas IES privadas é a inexistência de uma política oficial de acolhimento destes no meio acadêmico. Ou seja, tanto por parte dos programas governamentais quanto das IES privadas, não se verifica nenhuma ação concreta no que diz respeito à integração do estudante carente no meio acadêmico, frequentado em grande parte por estudantes de classe média alta. A ausência de uma política que garanta a sociabilização do aluno pobre nos ambientes acadêmicos elitizados de certa forma contribui para uma segregação interna às universidades.

Por outro lado, há indícios de que o PROUNI tem sido responsável pelo ingresso de um significativo contingente de estudantes pobres no ensino superior. Entre os anos de 2004 e 2006, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD – registrou um aumento de 49% de estudantes de baixa renda matriculados nas universidades. Outro fato relevante é que aproximadamente 40% dos beneficiados do PROUNI são estudantes que já concluíram o ensino médio há bastante tempo e que ainda não haviam conseguido entrar na faculdade (PINHO, 2008)

O que se observa, portanto, é um expressivo aumento do número de estudantes pobres ingressando no ensino superior. Este movimento tem sido

responsável por mudanças no perfil dos estudantes de muitas IES privadas. E estas, por sua vez, têm experimentado uma nova realidade, agora prestando serviço educacional para um outro público, talvez com outros objetivos, com outras expectativas. Além disso, é preciso se considerar também que o ingresso dos alunos carentes, dos alunos negros e indígenas nas IES conveniadas aos programas governamentais tem aumentado a diversidade social na academia.

Diferentemente de décadas passadas, quando a expansão do ensino superior não era acompanhada por qualquer política afirmativa, o que implicava em dificuldades quase intransponíveis para o ingresso dos estudantes de baixa renda, o que se tem visto no governo atual é uma preocupação no sentido de operacionalizar ações uniformes que englobem não apenas o aumento no número de vagas nas universidades públicas, mas também a adoção de políticas afirmativas voltadas aos estudantes das camadas empobrecidas que ingressam em IES privadas.

O crescimento da educação superior no Brasil é evidente, e a abrangência dos programas de apoio ao ingresso de estudantes pobres também tem cumprido um papel decisivo. Isso pode ser comprovado pelo aumento gradativo no número de beneficiados e pela própria abrangência dos programas. Contudo, é importante frisar que, apesar do índice de matriculados estar crescendo a cada ano, o contingente de candidatos que não consegue entrar na universidade ainda é muito grande. Este problema ganha um peso ainda maior se considerar que muitos indivíduos sequer tentam participar dos concursos das IES públicas em função dos mesmos serem muito concorridos, o que os deixa fora de qualquer estatística.

Paralelamente a esta situação, constata-se que os programas governamentais de apoio ao estudante de baixa renda ainda mostram-se precários, no que diz respeito à permanência destes estudantes na universidade. Atualmente, observa-se no Prouni, por exemplo, uma atuação muito mais voltada para uma política de massificação de sua atuação, traduzida no número de beneficiados pelo programa, do que a preocupação em aumentar seus mecanismos de apoio à permanência dos estudantes na universidade.



Diante deste quadro, tem-se um universo de novos estudantes ingressando na universidade, sendo que, dentre eles, um número cada vez maior tem sido beneficiado pelas principais políticas afirmativas implementadas pelo atual governo. Resta descobrir, portanto, como este movimento vem se refletindo nas IES e, principalmente, até que ponto a oportunidade de cursar uma faculdade tem modificado a vida destes estudantes.

Dentro do contexto atual do ensino superior, tomou-se como caso para a análise dessas questões o Centro Universitário Metodista IPA, já que nesta IES tem-se operado ações inseridas nos processos até aqui descritos.

### **3 A REDE METODISTA COMO AGENTE DE INCLUSÃO**

Para um melhor entendimento do papel que o Centro Universitário Metodista IPA vem desempenhando como um agente promotor da inclusão social através do acesso ao ensino superior no Brasil, é necessário conhecer um pouco de sua história. Os dados apresentados neste capítulo têm como fonte principal o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI – da Rede Metodista de Educação do Sul 2008 – 2012, além de outros documentos da própria instituição. Sendo assim, eles fornecem o discurso institucional que será completado e contextualizado pelas vivências do autor do presente estudo, adquiridas durante o período em que foi funcionário da referida IES e ao longo da realização dessa pesquisa.

A Rede Metodista de Educação do Sul pertence a uma grande estrutura nacional denominada Rede Metodista de Educação do Brasil, criada pelo XVIII Concílio Geral da Igreja Metodista. A rede nacional é composta por mais de 50 instituições educacionais, que oferecem ensino, desde a educação infantil até programas de pós-doutorado. No ensino superior, a rede nacional possui duas universidades, três centros universitários e três conjuntos de faculdades integradas.

O Conselho Geral das Instituições Metodistas de Educação – COGEIME – constitui o órgão regulador das instituições educacionais metodistas no território brasileiro. Atualmente a Igreja Metodista mantém uma rede mundial de instituições educacionais com mais de 600 estabelecimentos de ensino em mais de 67 países.

#### **3.1 ORIGEM DO METODISMO**

Segundo o Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI, o metodismo nasceu na Inglaterra, no século XVII, através das ideias do pastor anglicano e professor da Universidade de Oxford, John Wesley. O fundador do metodismo juntamente com seus colegas deu início a um movimento que pregava o “bem estar social e espiritual da pessoa humana”. Através da atuação missionária, conjugava fé

com ações voltadas para o combate às mazelas sociais, especialmente a miséria e o sofrimento dos pobres. A partir dessa época, o metodismo espalhou-se por outros países da Europa e da América.

### 3.2 CHEGADA DO METODISMO NO BRASIL E NO ESTADO

Trazido pela vertente estadunidense, o movimento metodista chegou ao Brasil em 1835. Em 1881, foi fundado o Colégio Piracicabano, na cidade de Piracicaba, em São Paulo. Desta escola do interior paulista, originou-se a primeira universidade metodista brasileira, a Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP.

No Rio Grande do Sul, o metodismo chegou através do Uruguai, também inspirado na vertente da Igreja Metodista norte-americana, tendo como primeiros missionários um pastor e sua filha, a professora Carmem Chacon. A proposta metodista no Rio Grande do Sul iniciou-se com a criação de cinco escolas que tinham como meta promover uma educação diferente do ensino tradicional vigente no Brasil do século XIX.

Ainda de acordo com o Projeto de Desenvolvimento Institucional – PDI, em 1885, preocupada com as mulheres porto-alegrenses pertencentes às camadas empobrecidas, a professora e missionária metodista uruguaia Carmem Chacon (então com dezesseis anos de idade) fundou a escola que deu origem ao que hoje é o Colégio Americano, em Porto Alegre.

Na cidade de Uruguaiana, já existia, desde 1870, um outro colégio, de modalidade mista, fundado por protestantes de origem francesa e que, na primeira década do século XX, foi transferido para os missionários metodistas norte-americanos residentes naquela região, os quais, posteriormente batizaram a referida escola de Colégio União. Na cidade de Passo Fundo, em 1919, foi criado o Instituto Educacional – IE, com recursos enviados por estudantes metodistas norte-americanos, da Universidade do Texas.

Em Santa Maria, no ano de 1922, missionárias norte-americanas da Igreja Metodista Episcopal do Sul dos Estados Unidos fundaram o Colégio Centenário. Em 1923, na capital gaúcha, foi criado o Porto Alegre College, que mais tarde passou a chamar-se Instituto Porto Alegre – IPA.

### 3.3 ORIGEM E EVOLUÇÃO DAS FACULDADES

Na década de 1970, as duas escolas da capital – Colégio IPA e Colégio Americano – criaram os primeiros cursos de graduação das escolas metodistas, ambos voltados para a área da saúde (Educação Física, em 1971 e Nutrição, em 1978). Mais tarde, com a formação das Faculdades de Ciências da Saúde (tendo como mantenedora o IPA – Instituto Porto Alegre da Igreja Metodista) e a Faculdade de Nutrição e Fonoaudiologia (tendo como mantenedora o Instituto Metodista de Educação e Cultura – IMEC) foram criados outros cursos: Terapia Ocupacional e Fisioterapia (criados em 1980) e Fonoaudiologia (em 1989), Administração e Turismo (ambos em 2000), no IPA e no IMEC, respectivamente.

Até o ano de 2002, as Faculdades IPA, como ficaram conhecidas no meio externo, possuíam um total de 1.800 alunos, distribuídos nos 7 cursos existentes nos dois locais de funcionamento que mantinha então. Os altos valores das mensalidades de cada curso enquadravam-se dentro do padrão das instituições privadas.

A criação dos novos cursos de Administração e Turismo, ambos no ano 2000, foi o primeiro passo na direção da criação da primeira Universidade Metodista do Sul do Brasil.

Os colégios IPA e Americano, pertencentes à mesma instituição, desde os anos noventa, já não possuíam o número de alunos de outras épocas. Mesmo assim, mantinham um alto número de bolsistas (não pagantes). Esta situação de certa forma vinha colaborando para um histórico de algumas dificuldades financeiras nos dois colégios. Já há alguns anos, as duas escolas vinham mantendo-se com a

ajuda das faculdades e, no ensino superior, a inadimplência, que sempre existiu, passava a tomar contornos preocupantes. Além disso, a infra-estrutura dos cursos, composta pelos laboratórios, biblioteca e demais áreas pedagógicas, vinha deteriorando-se e não recebia os investimentos necessários, de modo que pudesse acompanhar o mesmo nível de ensino praticado em sala de aula.

Nos corredores dos prédios das faculdades circulavam alunos oriundos de uma camada social com condições de manter, aparentemente com facilidade, o alto custo da formação superior. A grande maioria dos estudantes possuía automóvel próprio, era levado pelos pais ou utilizava transporte universitário particular; uma minoria utilizava o transporte coletivo público. A maior parte não trabalhava; dedicava-se apenas aos estágios curriculares. Era muito comum pais que estudaram no ensino fundamental e médio nas duas escolas (IPA e Americano) terem seus filhos como alunos da faculdade (IPA e IMEC).

Seja através de programas como o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES – ou mesmo pela demanda individual de bolsas carência, o número de bolsistas era estabelecido observando o percentual mínimo exigido pela legislação da filantropia, regulamentado pelo Decreto Lei número 2.536/98, ou seja, 20% dos alunos matriculados. Talvez por este motivo, não era comum ver alunos negros frequentando os cursos, portadores de necessidades especiais - PNE, de terceira idade ou pertencente à outra minoria social.

O ano de 2002 iniciou com muitas dificuldades para as instituições metodistas localizadas na capital. As dificuldades financeiras começaram a se avolumar acompanhadas por outros problemas, entre os quais o aumento na inadimplência e a necessidade de investimento estrutural. Além disso, havia um sentimento geral de que, se não houvesse um direcionamento estratégico que acompanhasse a evolução do setor de educação superior gaúcho, as instituições acabariam por desaparecer.

Diante do cenário preocupante vivido naquele momento pelas Instituições da capital e o surgimento de indícios da mesma situação apresentado pelas demais escolas metodistas do interior do Estado, associado ao contexto de celebração dos

250 anos de Educação Metodista no mundo, em consonância com o tema central da Conferência Mundial Metodista: Educação para a Responsabilidade Humana no Século XXI, o Conselho Geral das Instituições Metodistas de Ensino – COGEIME – decidiu nomear um interventor para assumir as Instituições da capital gaúcha.

### 3.4 INÍCIO DO PROCESSO DE EXPANSÃO

Em julho de 2002, tomou posse um interventor vindo do estado de Minas Gerais e que tinha como objetivo restabelecer as condições de sustentabilidade das duas Instituições e iniciar imediatamente um processo que viria a dar origem à primeira Universidade Metodista do Sul do Brasil. A partir de agosto do mesmo ano, iniciou-se um movimento de reestruturação das Instituições Metodistas localizadas na cidade de Porto Alegre.

Este trabalho visava à transformação, em curto prazo, das Faculdades de Ciências da Saúde do IPA e das Faculdades de Nutrição e Fonoaudiologia e Administração do IMEC em um Centro Universitário. No início do ano de 2003, após a fusão destas três faculdades, dos dois colégios, juntamente com o Colégio Metodista União, da cidade de Uruguaiana, foi formada a Rede Metodista de Educação do Sul.

Segundo o Projeto de Desenvolvimento Institucional – PDI, toda a documentação da Instituição, de natureza jurídica, trabalhista, administrativa e pedagógica, passou por um processo de revisão em virtude da fusão das três instituições em uma só Rede. Foram elaborados novos documentos pedagógicos (Regimento Escolar, Plano de Estudos e Calendário Acadêmico, entre outros). Também foram reformuladas as áreas administrativas e acadêmicas. Surgiram setores como: Comunicação e Marketing, Jurídico, Legislação, Arte-Cultura e Eventos, Relações Internacionais, Central de Atendimento ao Estudante, Bolsa e Crédito Estudantil, Vestibular, Agência Escola de Turismo, entre outros.

Na mesma época, foram debatidas as estratégias que deveriam ser adotadas para assegurar a identidade de cada escola. Houve preocupação, por parte dos dirigentes, em respeitar a história e as peculiaridades culturais de cada instituição.

Ainda no ano de 2003, a Rede reorganizou suas unidades, distribuindo-as da seguinte forma: na Unidade Americano centralizou-se a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, deixando de existir, deste modo, o antigo Colégio IPA; na Unidade IPA, a Educação Superior; na Unidade União, a Educação Básica completa. Para tanto, um plano físico foi elaborado por uma equipe de engenheiros especializados em ambientes estudantis originando uma série de reformas.

### 3.5 CRIAÇÃO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO

Em setembro de 2004, com a aprovação do Ministério da Educação e Cultura – MEC, através da Portaria nº 3.186 publicada no Diário Oficial da União de 11 de outubro de 2004, foi criado o Centro Universitário Metodista do IPA, como parte integrante da Rede Metodista de Educação do Sul. A partir de então, iniciou-se um novo processo de transformações que atingiu desde a parte de infra-estrutura, passando pelo aumento de funcionários, professores e principalmente de alunos, até à adoção das ações afirmativas como diretriz institucional.

Partindo de um total que não ultrapassava os dois mil estudantes matriculados na graduação no final de 2002, com a prerrogativa de autonomia concedida pela condição de Centro Universitário, em um curto espaço de tempo, o IPA passou a criar um grande número de novos cursos. Entre o ano de 2003 e 2004, foram criados os primeiros quatro novos cursos, somando-se aos sete já existentes. De 2004 a 2005, deu-se o auge do processo de aumento de cursos, que passou de 11 para 26, ou seja, 15 novos cursos foram lançados em menos de doze meses. No ano de 2005, o número de alunos da graduação já alcançava oito mil.

Na criação de cada novo curso eram adotados valores de mensalidades abaixo da média do mercado, facilitando a matrícula de estudantes trabalhadores

responsáveis pelo pagamento de seus estudos. O aumento no número de cursos fez com que a atuação social da instituição também sofresse um crescimento porque boa parte dos novos cursos lançados pertencia a áreas voltadas para a prestação de serviços de saúde, como Enfermagem, Farmácia e Biomedicina, por exemplo. Estes cursos somaram-se aos que já atuavam na unidade que o IPA possui dentro do Hospital Parque Belém. Neste local, chamado Clínicas Integradas do IPA, parte dos cursos de graduação são responsáveis pelo atendimento gratuito à comunidade carente. Trata-se de atendimentos de Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional, Fisioterapia, Nutrição entre outros.

### 3.6 COMPROMISSO SOCIAL

Com a posse do interventor, que passou a ocupar o cargo de Diretor Geral da Rede Metodista, ocorreu gradativamente a mudança dos demais diretores. O novo corpo diretivo tomou a decisão de voltar à instituição para o atendimento às classes C e D da população. Esta decisão foi justificada através da evocação da vocação do IPA para com as questões sociais e da tradição da Igreja Metodista em aliar a prática da fé com a preocupação com os empobrecidos e excluídos.

Dentro dessa nova política, que priorizava a educação como meio de superação das discriminações e o auxílio à população em risco social, inúmeras medidas foram tomadas, direcionando as ações do Centro Universitário para o fortalecimento e a expansão dos projetos de cunho social. Além disso, através de portarias como as de nº: 07/2002, 17/2002, 02/2003, 010/2004, 01/2005 e 01/2006, foram expedidas normativas visando, respectivamente:

- Criação de uma Comissão de Bolsas, com atribuição de formular o Regimento de Bolsas da Rede.
- Criação da Coordenadoria de Vida Comunitária, com a incumbência de buscar parcerias com organizações que estejam comprometidas com a qualidade de vida das pessoas e das comunidades.



- Maior transparência nos critérios de seleção e classificação para o FIES e aumento do número de alunos deste programa dentro do IPA.
- Criação do Credipa (Crédito Educativo do IPA), visando o auxílio aos estudantes com dificuldades financeiras.
- Atrelar a oferta de bolsas carência ao Vestibular, vinculando-as à obrigatoriedade da prestação de serviço comunitário.
- Criação do programa de descontos na mensalidade para: familiares de estudantes, maturidade e cursos vespertinos.

Os resultados práticos e imediatos destas portarias foram a adoção de mecanismos de amparo aos alunos em dificuldade financeira, o que culminou com um aumento significativo no contingente de estudantes bolsistas, seja através de financiamentos como o FIES ou de bolsas carência de demanda individual. Neste tipo de bolsas, é possibilitado ao aluno obter um desconto de até 50% no valor da mensalidade do curso, sem a necessidade de posterior reembolso a instituição.

O regimento das bolsas de demanda individual estabelece que o estudante deve passar por três etapas até a concessão da mesma. Primeiramente, ocorre o processo de inscrição, que pode acontecer no momento do vestibular ou mesmo após a matrícula na faculdade. Na segunda etapa, acontece a seleção dos pré-classificados, a partir das informações individuais sobre o grupo familiar, que foram fornecidas no primeiro momento do processo.

O principal critério considerado nesta fase é justamente o nível de carência sócio-financeira apresentado pelo indivíduo. Na terceira e última etapa do processo, os contemplados são solicitados a comprovar, através de documentação, as informações prestadas no momento da inscrição. A concessão da bolsa carência de demanda individual é atrelada sempre à aprovação do candidato no vestibular. Ao final do ano de 2008, aproximadamente 700 alunos do centro universitário possuíam este benefício.

Através de projetos especiais, o IPA firmou inúmeros convênios e parcerias que possibilitaram a grupos considerados socialmente excluídos o acesso à educação superior, subsidiado através da concessão de bolsas carência de

demanda coletiva. Este tipo de bolsa prevê um desconto no valor da mensalidade de cada curso destinado a indivíduos que são indicados pelas entidades que os representam. Através destes convênios, os estudantes também têm que prestar vestibular juntamente com os demais candidatos, e os aprovados são contemplados com bolsas de percentuais que vão de 50% a 100%.

Como exemplo deste tipo de bolsa de demanda coletiva, pode-se citar o ingresso no Centro Universitário do primeiro grupo de estudantes indígenas – oriundos da tribo Caingang. A estes alunos, especificamente, além da concessão de bolsa integral, foram disponibilizadas também alimentação e moradia durante todo o período do curso.

Também voltados para a distribuição de bolsas de demanda coletiva, nos anos de 2004 e 2005 foram assinados convênios com órgãos representativos da Via Campesina, do Centro Ecumênico de Cultura Negra – CECUNE, da Associação da Brigada Militar, do Movimento dos Portadores da Síndrome da Imuno Deficiência Adquirida – AIDS – e do Movimento Representativo das Prostitutas de Porto Alegre.

Independentemente de qualquer discussão que possa envolver a representatividade ou a legitimidade de tais órgãos, o firmamento de tais convênios visou o apoio ao ingresso de diferentes grupos sociais considerados à margem de qualquer possibilidade de cursar o ensino superior.

No caso das cotas raciais, especificamente, tem-se acompanhado a polêmica que estas representam no cenário nacional. Sabe-se igualmente que este sistema tem sido alvo de discussões que colocam em interrogação até mesmo seu verdadeiro objetivo. O referido sistema tem-se apoiado na ideia de uma compensação social tomando como parâmetro a história de discriminação e desigualdade sofrida pela população negra durante vários séculos. O mesmo foi adotado pela primeira vez na Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, no ano de 2001, e posteriormente na Universidade de Brasília – UNB.

Em artigo que trata da percepção de jovens pré-vestibulandos e universitários sobre a adoção das cotas, os autores Neves e Lima (2007) apontam para a

existência de um desnivelamento de condições sociais entre brancos e negros no Brasil. Dentre as inúmeras dificuldades enfrentadas pela população negra, cita-se “a maior mortalidade infantil, a menor expectativa de vida, a maior dificuldade de acesso a educação, a mais baixa mobilidade social, os piores empregos e, ainda, o fato de 90% das empregadas domésticas serem negras” (NEVES; LIMA 2007, p. 18). O estudo discute as diferentes formas que a sociedade lida com as ações afirmativas. Para as autoras, nenhuma outra ação causa tanta polêmica quanto as cotas, tendo mobilizado grupos tanto a favor quanto contrários à implantação desta ideia.

Diferentemente do que ocorre em outras IES, no Centro Universitário Metodista IPA não se tem observado qualquer tipo de questionamento por parte da comunidade sobre a questão das cotas raciais. Isso pode ser explicado em razão do programa ser implementado através de organizações como o convênio firmado no ano de 2004 com o Centro Ecumênico de Cultura Negra – CECUNE. Criado em 1987, o CECUNE define-se como sendo uma Organização Não-Governamental – ONG – que visa o assessoramento à comunidade negra.

A ONG atua prioritariamente na formação de lideranças e na sensibilização da população quanto às questões de cidadania e etnicidade. Somente no ano de 2008, mais de 170 estudantes considerados negros estavam matriculados nos diversos cursos da IES. Estes indivíduos são membros da ONG ou indicados por esta, mediante aprovação no vestibular e comprovação de carência sócio-econômica.

No ano de 2005, com o firmamento de convênios de cooperação internacional, o Centro Universitário IPA também passou a receber estudantes de países que vivem conflitos armados. Estes convênios estabelecem que, após realização de processo seletivo especial, os aprovados são contemplados com bolsa de estudos integral, moradia, alimentação, assistência médica e odontológica. O objetivo do projeto é possibilitar que estes indivíduos, depois de formados, retornem ao país de origem e ajudem a reconstruí-lo.

Uma das ações que deram suporte a este projeto foi a criação de um alojamento especial em uma das unidades da IES para abrigar os estudantes estrangeiros e outros bolsistas. Outra ação foi a opção pela utilização do refeitório da Instituição (que já era utilizado por funcionários, professores e alunos da faculdade e da escola) para o fornecimento de refeições dos diversos grupos bolsistas, possibilitando o convívio diário entre todos estes grupos. Do mesmo modo, foi instituída a função de tutor destes alunos através da nomeação de uma das lideranças acadêmicas. A medida prevê que o tutor auxilie na adaptação dos alunos estrangeiros à realidade no novo país.

No final do ano de 2005, o Centro Universitário assinou convênio com a Superintendência dos Serviços Penitenciários do Estado – SUSEPE, possibilitando a criação do primeiro curso superior no Brasil, funcionando dentro de uma unidade prisional. O projeto prevê a concessão de bolsas integrais, a criação de salas de aula, laboratório de informática e biblioteca no interior da Penitenciária Feminina Madre Pelitier.

O ineditismo na implantação de tal convênio foi acompanhado por um grau de dificuldade que permeou as tratativas durante meses, até a assinatura do documento final. A complexidade deveu-se ao fato do projeto ter enfrentado significativa resistência em algumas instâncias da SUSEPE e de chefias da própria penitenciária. Mediante uma pesquisa de opinião, realizada com as próprias detentas, foi escolhido o curso de Serviço Social, o que originou a primeira turma de estudantes da Penitenciária Madre Pelitier, anexo da Unidade Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre.

Contornados os obstáculos, em dezembro de 2005, trinta e três candidatas, entre apenas e agentes carcerários, daquela e de outras unidades prisionais, realizaram o Vestibular. O projeto prevê que, caso obtenham a liberdade antes da conclusão do curso, as detentas continuem os estudos, mantendo a bolsa, em qualquer uma das unidades do IPA que ofereça seu curso.

No final do ano de 2006, quando as alunas chegaram no momento da realização dos estágios curriculares, duas estudantes apenas que se

encontravam na condição de “liberdade condicional” iniciaram o estágio na biblioteca da Unidade Central do IPA. Ambas estavam ligadas à área de atendimento ao público, mas atuavam também em outras funções da biblioteca, como os demais funcionários. Com o final dos estágios, as duas alunas foram contratadas pela Instituição para trabalharem na própria biblioteca. Atualmente, elas continuam como alunas, mas apenas uma permanece com o vínculo empregatício com o IPA.

No início do ano de 2006, após o entendimento com as lideranças comunitárias do bairro Restinga em Porto Alegre, o Centro Universitário assinou convênio com a Associação Cristã de Moços – ACM (Núcleo Assistencial Restinga) e passou a oferecer, naquela comunidade, o curso de graduação em Administração. Dois anos depois, em virtude da pouca procura pelos cursos ofertados naquele local, os estudantes das duas turmas da unidade Restinga, dos quais 95% eram bolsistas, foram integrados à Unidade Cruzeiro do Sul.

É importante registrar que o movimento de “abertura das portas” da instituição aos bolsistas implicou em uma acentuada superação das exigências de Lei da Filantropia. No ano de 2006, em alguns cursos, existiam turmas compostas por até 100% de bolsistas. A concessão de um elevado percentual de bolsas aliado aos investimentos em infra-estrutura, ambos ocorridos principalmente no período compreendido entre os anos de 2002 e final de 2006 ocasionaram impacto nas finanças da Rede Metodista.

As dificuldades encontradas para manter o elevado número de bolsistas e honrar os pagamentos dos financiamentos correspondentes aos investimentos das obras contratadas – durante a expansão institucional – levaram o Centro Universitário a diminuir a oferta de bolsas. A partir do ano de 2007, tem sido tomadas medidas no sentido de reduzir o percentual de bolsistas até chegar ao índice mínimo estabelecido pela Lei de Filantropia. Mesmo assim, todos os convênios firmados devem continuar vigorando por tempo indeterminado.

As ações sociais do Centro Universitário foram estendidas também à zona sul de Porto Alegre. As Clínicas Integradas do IPA, localizadas no interior do Hospital Parque Belém, no bairro Belém Velho, oferecem à comunidade serviços de saúde

gratuitos, através de programas de atendimento especializado em Fonoaudiologia, Fisioterapia, Educação Física, Terapia Ocupacional, Nutrição e Administração Hospitalar.

Além dos atendimentos ligados à área da saúde, os cursos de licenciatura do IPA realizam um trabalho de apoio pedagógico junto às crianças de escolas públicas daquela comunidade, incluindo as que apresentam necessidades especiais.

Também na zona sul, junto à unidade Cruzeiro do Sul, passou a funcionar, no ano de 2005, o Núcleo de Assessoria Jurídica Popular – NPJ. Este núcleo é responsável pela oferta de atendimento gratuito, na área jurídica, à comunidade de baixa renda e também pela assessoria a movimentos sociais e organizações não-governamentais, comprometidas com práticas de inclusão social. Em 2008, este serviço atendia em média 400 pessoas mensalmente.

Complementando as ações sociais ligadas ao ensino superior já mencionadas, registra-se que o IPA mantém também programas de extensão, entre eles: Educar para a Inclusão, Direitos Humanos do Preso, A Formação dos Direitos dos Jovens Trabalhadores, IPA & Fundação Pescar, Diálogos Interculturais e Familiar Cuidador.

Na educação básica, o Colégio Metodista Americano promove ações assistenciais desenvolvidas através do projeto Consolidariedade. A atuação afirmativa do colégio na área da educação se dá através de concessão de bolsas carência aos (às) alunos e alunas da Rede Metodista de Educação do Sul. Do mesmo modo, cabe mencionar também que estas ações de inclusão são antigas, pois o Conservatório de Música, fundado em 1945, foi durante muitos anos uma referência na educação musical de mulheres em uma época em que estas não desfrutavam do mesmo espaço social dos dias atuais. E ainda, na década de cinquenta, entre os cursos técnicos criados pela escola, estava o de Dietética e o de Dietista Escolar, ambos voltados à técnica de preparação de merenda e à educação alimentar nas escolas da rede pública de Porto Alegre.

Na tabela a seguir, observa-se o número total de estudantes bolsistas, de demanda individual e coletiva, e o percentual correspondente a cada unidade de Porto Alegre da Rede Metodista, no ano de 2008.

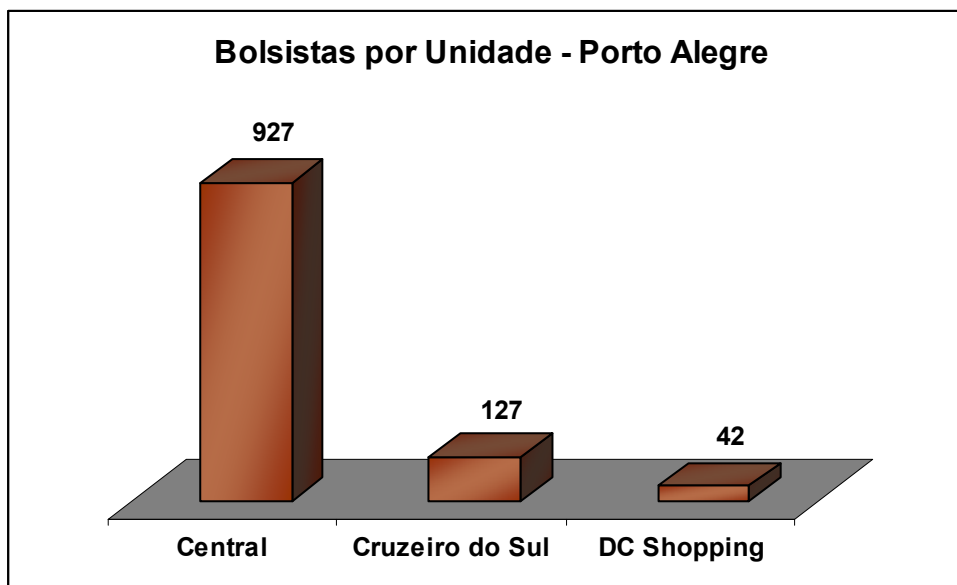


Gráfico 7: Bolsistas por Unidade – Porto Alegre

Fonte: Setor de Bolsa e Crédito Educativo - Centro Universitário Metodista, do IPA.

Além desses bolsistas, havia aproximadamente 750 alunos matriculados com bolsa PROUNI, 280 vinculados ao FIES e 12 através de CREDIPA. Somando-se as bolsas de demanda individual e coletiva, o PROUNI e os financiamentos estudantis, ao final do ano de 2008, havia aproximadamente 2.300 estudantes matriculados no Centro Universitário com algum tipo de benefício, segundo informações fornecidas pelo Setor de Bolsa e Crédito Educativo.

### 3.7 O MOMENTO ATUAL DA INSTITUIÇÃO

A Rede Metodista de Educação do Sul atua no estado do Rio Grande do Sul nas cidades de Uruguaiana (unidade e Colégio União), Santa Maria (Colégio Centenário / FAMES – Faculdade Metodista de Santa Maria) e Porto Alegre (unidades: Central, Americano, Dona Leonor, Cruzeiro do Sul e DC Shopping). Atualmente, o Centro Universitário conta com mais de 30 cursos de graduação, três programas de mestrado e uma série de cursos de especialização distribuídos em

suas unidades. No total, são mais de 11 mil estudantes entre as escolas e o Centro Universitário.

Os cursos de graduação do Centro Universitário estão assim distribuídos:

- Área da Saúde: Fonoaudiologia, Nutrição, Fisioterapia, Farmácia, Serviço Social, Biomedicina, Terapia Ocupacional, Enfermagem, Educação Física Bacharelado, Psicologia;
- Área das Ciências Sociais Aplicadas: Administração, Administração de Empresas, Administração Negócios Internacionais, Administração Hospitalar, Comunicação Social - Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Ciências Contábeis, Turismo.
- Área das Licenciaturas: Pedagogia, Letras/Inglês, Letras/Português, Ciências Biológicas, Matemática, Música, História, Filosofia, Educação Física e Educação Física – Licenciatura Plena.
- Área das Ciências Exatas e Tecnológicas: Design de Moda, Engenharia Civil, Engenharia da Computação, Engenharia da Produção, Arquitetura e Urbanismo.

### 3.8 PERFIL DO CORPO DISCENTE

O Projeto de Desenvolvimento Institucional referente ao período 2008 – 2012 cita uma pesquisa realizada junto aos aprovados no Processo Seletivo Vestibular. Através desta pesquisa, pode-se conhecer o perfil atual do aluno do Centro Universitário Metodista (Projeto de Desenvolvimento Institucional 2008-2012):

- 65% dos alunos têm 20 anos ou mais;
- 55% dos alunos formaram-se no ensino médio há dois ou mais anos atrás [é um aluno maduro];
- 64% trabalham ou faz estágio [é um aluno “ocupado” e preocupado com o mercado de trabalho];



- 65% pagam sua faculdade ou têm bolsa de estudos [com sua própria renda];
- 74% estudaram em escola pública ou fizeram supletivo;
- 48%, ou seja, quase a metade dos alunos escolheu o Centro Universitário Metodista por causa do preço ou da possibilidade de bolsa.

### 3.9 FORMAS DE INGRESSO

Dentre as formas de acesso aos cursos de graduação da IES (transferência, ingresso de diplomado e vestibular), a que melhor representa o grande número de novos estudantes que ingressaram principalmente durante o processo de expansão é sem dúvida o vestibular. Este aumento no número de alunos é relevante em função de que o crescimento da oferta de vagas/matrículas esteve vinculado à distribuição de bolsas de estudos, o que possibilitou o ingresso de estudantes carentes e de grupos minoritários considerados excluídos da sociedade.

#### 3.9.1 Vestibular

O Setor de Vestibular do IPA foi criado em setembro de 2002. Antes disso, os Processos Seletivos eram organizados e coordenados pela Secretaria Acadêmica. Com a criação de um setor específico para o Processo Seletivo, profissionalizou-se esta área estratégica das IES. Até o ano de 2003, o formato da prova de vestibular do IPA acompanhava o mesmo modelo adotado nas demais instituições de ensino gaúchas, ou seja, era composta por questões de múltipla escolha cobrindo as matérias de português, matemática, química, física, biologia, geografia, história, literatura e língua estrangeira. Completava a seleção a prova de redação, em estilo de dissertação.

Durante o ano de 2003, atendendo à solicitação do diretor geral, criou-se um grupo para debater e definir um novo modelo de prova para os processos seletivos.

Depois de alguma resistência por parte dos docentes integrantes do referido grupo, ficou definido que as provas dos vestibulares seriam compostas pelas matérias de português, matemática e redação. Deste modo, a partir de dezembro de 2003, o IPA passou a simplificar seu processo de seleção de novos alunos. No entendimento da direção, este grupo de matérias escolhido contemplaria as diferentes áreas do saber sendo, portanto, suficiente para avaliar a capacidade dos candidatos.

Até o início do ano 2000, os vestibulares nas instituições públicas e privadas no estado do Rio Grande do Sul, de um modo geral, aconteciam duas vezes ao ano, uma no verão e outra no inverno. A partir do inverno de 2003, o IPA passou a realizar outros processos seletivos para o preenchimento das vagas ociosas ofertadas, tanto nos concursos de verão quanto nos de inverno. Somente no ano de 2004, a IES chegou a realizar 11 processos seletivos especiais, como eram chamados, quase um por mês. Esta estratégia implementada pelo IPA, que já era comum nos estados do centro do País, motivou outras IES da capital e região metropolitana a proceder da mesma forma.

No ano de 2004, o IPA passou a exigir – nos vestibulares especiais – apenas a realização da prova de redação. Assim, tinha-se uma avaliação composta pelo grupo de matérias (português, matemática e redação) no vestibular principal e nos vestibulares especiais aplicava-se somente a prova de redação. Este fato gerou inclusive protesto por parte de alguns cursos preparatórios para vestibular, na cidade de Porto Alegre. Tanto nos vestibulares principais, quanto nos complementares, a instituição passou a oferecer a todos os candidatos, de forma gratuita, uma oficina de redação.

Um outro processo que sofreu modificação foi o tempo para elaboração e divulgação do resultado do vestibular, que podia levar até doze dias. Com a criação do setor de vestibular, a lista de aprovados passou a ser divulgada em até três dias nos vestibulares principais (de grande porte) e em 24 horas nos vestibulares especiais. Para cumprir estes prazos, o IPA investiu na aquisição de um novo sistema de processamento de vestibular, mais moderno e confiável; aumentou sua equipe de corretores de redação, utilizando professores de outras instituições de

ensino superior; reorganizou em turmas o trabalho de correção de redações, que tomava mais tempo, inclusive as madrugadas.

As mudanças na política de ingresso foram acompanhadas por um grande aumento no número de inscritos nos processos seletivos. Até o ano de 2002, tinha-se uma média de 500 inscritos para os concursos de inverno e 800 para os de verão. No vestibular de janeiro de 2003, ocorreu um aumento de quase 100% em relação ao vestibular do verão anterior. Neste mesmo ano, as inscrições para o vestibular, que eram realizadas apenas presencialmente, passaram a ocorrer também via internet.

O número de inscritos a cada processo seletivo passou a aumentar gradativamente chegando ao seu auge no ano vestibular de verão do ano de 2005, quando mais de seis mil inscritos disputaram 3.700 vagas. Também a partir do ano de 2003, estrategicamente, a IES passou a realizar seus vestibulares simultaneamente em diferentes locais. Através de parcerias com instituições de ensino de pequeno porte ou entidades como hospitais, os concursos da Rede Metodista passaram a ocorrer em diferentes cidades do estado do Rio Grande do Sul. Através de parceria com a Escola Metodista de Educação Infantil Neyta Ramos, localizada no município de Osório, o IPA passou a aplicar provas dos vestibulares de verão no litoral norte do estado. Na mesma época, começou a realizar vestibular em diferentes pontos do interior do estado. Em Uruguaiana, no Colégio Metodista União, Passo Fundo, no Instituto de Educação Metodista, em Caxias do Sul, na Escola de Enfermagem do Hospital Pompeia, em Gramado, na Escola Cenecista e em Jaguarão, na Escola Estadual Espírito Santo. No ano de 2005 foi lançado o Feiripa, Feira de Profissões do IPA. Este projeto consistia em levar as profissões até os veranistas gaúchos. Assim, foi organizado um grupo de alunos e professores e, durante um final de semana foram feitos centenas de atendimentos ligados a área da saúde, na beira do balneário do Imbé. Além das atividades físicas promovidas pelas equipes de alunos e professores, foram realizados exames de glicose, colesterol, avaliação física, orientação nutricional, oficinas de Terapia Ocupacional dentre outras atividades.

Tabela 12: Número de inscritos nos vestibulares da Rede Metodista

<b>Ano</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>
<b>Nº Inscritos</b>	1.040	1.301	3.957	6.250	5.789	3.308
Dados referente aos vestibulares de verão.						

Fonte: Setor de Vestibular – Rede Metodista de Educação

As modificações nos processos que envolvem a seleção de novos alunos através de vestibular constituíram fatores decisivos para o grande aumento no número de inscrições. Na prática, se comparado ao número de inscritos no vestibular de verão de 2003 com os inscritos no ano de 2006 (que obteve a maior procura), tem-se um crescimento de aproximadamente 500%.

O crescimento no volume de inscrições e de matrículas deu sustentação para o preenchimento do grande número de novas vagas lançadas durante o período de expansão. Como resultado automático do crescimento no número de matrículas, houve um aumento na oferta de bolsas carência e PROUNI. Passado o período de expansão institucional, a demanda pelo vestibular da IES, a partir de 2007, passou a sofrer um declínio, acompanhando a tendência geral das IES privadas.

No que se refere ao tratamento dispensado aos candidatos ao vestibular, constata-se a preocupação da IES em possibilitar um ingresso adequado também aos Portadores de Necessidades Especiais – PNE's. Neste sentido, ocorre um encaminhamento especial que se inicia já no preenchimento da ficha de inscrição do concurso. No referido formulário de inscrição, é destinado um espaço ao registro da necessidade especial e, se for o caso, o tipo de apoio que o candidato necessitará no momento das provas.

Esses indivíduos são contatados com antecedência pela IES, quando esta informa sobre a disponibilização dos recursos ou atendimento solicitado pelo mesmo. O apoio dispensado a estes candidatos inclui desde salas de fácil acesso, uso de elevador, banheiros adaptados, participação de intérprete de LIBRAS, até fiscais que realizam o trabalho de “leitor” de prova, entre outros.

Dentro da proposta de buscar a permanência do estudante na IES, a mesma adotou algumas ações afirmativas, no intuito de garantir a igualdade e um melhor

aproveitamento do curso pelo estudante. Entre estas ações, cita-se como exemplo a criação de uma Sala de Recursos, na unidade central. Trata-se de um ambiente de acessibilidade para apoio ao Núcleo de Acompanhamento Discente, e tem como objetivo garantir o acesso e a permanência dos estudantes portadores de necessidades especiais – PNE's.

Este espaço tem como objetivo proporcionar aos alunos um melhor desempenho acadêmico, igualdade de oportunidades, reconhecimento das diferenças no processo educacional e bem-estar na instituição. O referido local possui serviços como: confecção e empréstimo de materiais transcritos para o Sistema Braille; digitalização de materiais didáticos salvos em formato texto ou documento para leitura através dos Softwares Específicos; interpretação de Língua Brasileira de Sinais para as pessoas surdas ou deficientes auditivas que solicitarem o serviço; apoio aos acadêmicos surdos relativos ao uso de sua segunda língua, o português, e adaptação de materiais didáticos e de outros recursos disponibilizados pelos professores para uso dos acadêmicos com deficiência.

### 3.10 ORGANIZAÇÃO DAS UNIDADES

O Centro Universitário Metodista IPA está organizado em cinco unidades que funcionam em Porto Alegre e no interior do Estado. Na capital, estão as unidades: Central, Cruzeiro do Sul e DC Shopping, além das Clínicas Integradas do IPA, junto ao Hospital Parque Belém e da turma (do curso de Serviço Social) da Penitenciária Feminina Madre Pelitier. Na cidade de Santa Maria, está a unidade FAMES (Faculdade Metodista de Santa Maria e Colégio Centenário) e em Uruguaiana a unidade União (Colégio Metodista União).

Observa-se na tabela a seguir a distribuição dos 9.500 alunos matriculados no Centro Universitário nas unidades de Porto Alegre. Os dados mostram que mais de 84% dos estudantes estão alocados nos cursos em funcionamento na unidade central, o que se explica pela maior infra-estrutura e investimentos realizados nesta unidade nos últimos anos e pelo número maior de cursos ofertados neste local.

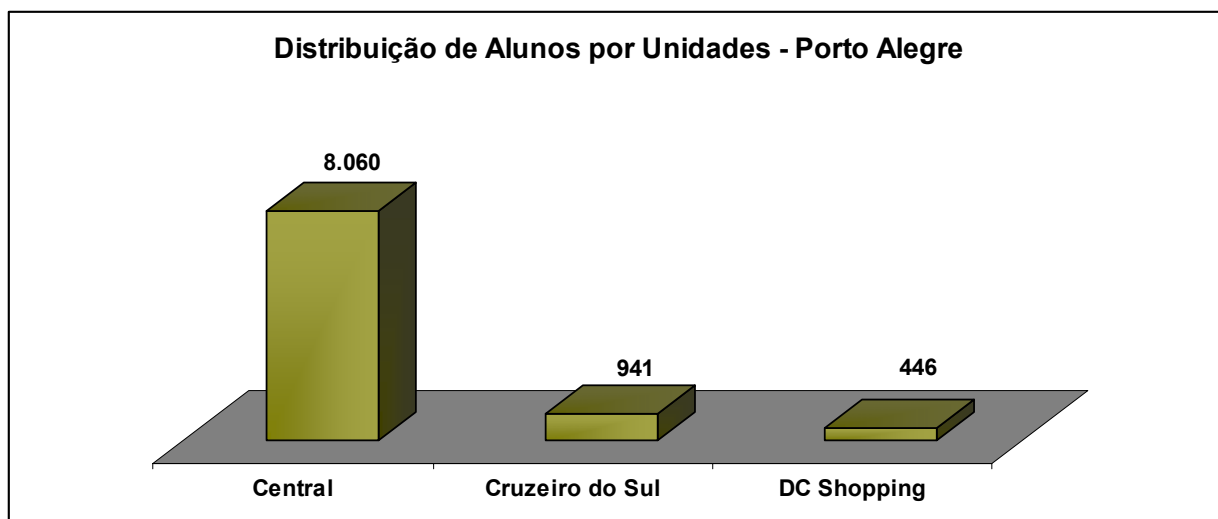


Gráfico 8: Distribuição de alunos por Unidades – Porto Alegre  
Fonte: Secretaria Acadêmica - Centro Universitário Metodista, do IPA.

### 3.10.1 Caracterização da Unidade Central

A unidade Central está localizada no bairro Rio Branco, distante 15 minutos do centro de Porto Alegre. Estudantes residentes em cidades como Viamão e Alvorada, e nos bairros das zonas norte e leste, podem chegar a IES utilizando apenas uma única linha de transporte coletivo. Neste local, funciona a maioria dos cursos de graduação, de especialização e os dois programas de mestrado.

A Unidade Central é a mais antiga das atuais unidades de ensino da Rede Metodista em funcionamento e é formada por seis prédios de três andares e um ginásio poliesportivo. O formato atual do campus IPA, como é chamado, é recente, e boa parte é resultado da grande re-estruturação física ocorrida entre os anos de 2002 e 2006. Durante este espaço de tempo, ocorreu a construção de um novo prédio e a ampliação e reforma de outros, o que levou a um aumento de mais de 400% no número de salas de aula. Todos os laboratórios sofreram grande ampliação, além da criação de outros novos. Atualmente, todos os laboratórios dos cursos de graduação da Unidade Central estão localizados no mesmo local de funcionamento dos cursos.

No ano de 2005, foi criada a atual praça de alimentação (dotada de lancherias, lojas, farmácia, livrarias, etc.) com o objetivo de ser um espaço de encontro e lazer dos estudantes. O campo de futebol, que existia no centro da unidade, foi desativado e, em seu local, passou a funcionar um grande estacionamento, através de uma parceira com uma empresa terceirizada que atua neste ramo.

O passeio que liga a Unidade Americano à Central foi re-estruturado e ganhou vigilância 24 horas. A instituição mantém também um contrato de serviço com uma empresa de segurança privada para fazer o monitoramento de chegada e saída dos alunos, nesta unidade e em seu entorno. Espaços de convivência foram criados e os vestiários do ginásio de esportes foram totalmente reformados e ampliados.

As áreas administrativas da Unidade Central, onde se dá o atendimento aos discentes, foram ampliadas e reformadas. Todos os setores de apoio acadêmico têm funcionamento na Unidade Central: Setor de Bolsa e Crédito, Central de Atendimento ao Estudante, Registro Acadêmico, Setor de Audiovisual, Reitoria e Pró Reitorias, Coordenadorias, Coordenações dos cursos de graduação, além de outros setores como Relações Internacionais, Cátedra de Gênero, Cátedra de Direitos Humanos.

O rápido crescimento institucional ocorrido em um curto espaço de tempo foi acompanhado por dificuldades relacionadas à gestão administrativa das áreas que dão sustentação à atividade acadêmica, especialmente durante o período compreendido entre os anos de 2003 e 2007. Como a Unidade Central concentra a imensa maioria dos estudantes do Centro Universitário, é neste local que algumas deficiências tornaram-se mais evidentes, em função de uma maior circulação dos alunos e da necessidade de atendimento dos mesmos. Tais setores apresentavam limitações de ordem numérica e técnica de pessoal.

A estrutura física, humana e informacional disponível, em determinadas situações, apresentava-se insuficiente para satisfazer às necessidades do corpo discente. Diante disso, muitos processos que envolviam a relação aluno versus

instituição tornavam-se problemáticos e morosos, o que acarretava frustração do corpo discente.

De modo geral todas as áreas que envolvem o relacionamento com o corpo discente sofreram dificuldade no desempenho, mesmo nas tarefas mais simples e rotineiras. Os principais conflitos eram registrados nas áreas onde existe o maior contato com os estudantes. Mensalmente, alguns alunos não recebiam, em sua residência, o documento para pagamento da mensalidade. Esta falha contribuiu decisivamente para o aumento do índice de inadimplentes.

Na impossibilidade de pagar a mensalidade pela falta do boleto, boa parte destes alunos procurava a área financeira (que tinha capacidade de atendimento limitada) no intuito de resolver o problema. Todavia, como a quantidade de alunos nesta situação muitas vezes era grande, invariavelmente o atendimento tornava-se excessivamente demorado.

As áreas de registro acadêmico e atendimento de secretaria apresentavam igualmente algumas deficiências, basicamente em função de dois fatores: 1. Utilização – até 2006 – de um sistema de informática precário, concebido para um número reduzido de alunos. Esta limitação trouxe inconsistências no gerenciamento dos dados e, a partir de um determinado momento, grande morosidade no seu manuseio. 2. O reduzido número de funcionários para atendimento, aliado, muitas vezes, ao pouco preparo dos mesmos.

Diante da incapacidade de resolução das dificuldades encontradas cotidianamente, os principais setores de atendimento vivenciavam um ambiente de conflitos constante com o corpo discente. Como resultado dos frequentes embates entre os alunos e os funcionários, as relações desgastavam-se e o descontentamento, que inicialmente era focado nas áreas financeira e de atendimento de secretaria, por vezes, tomava maior proporção e passava a ser estendido para toda a instituição.

A partir do ano de 2007, a nova Reitoria passou a implantar ações que visavam à superação das limitações nas áreas de atendimento aos alunos. Investiu



mais em treinamento para os funcionários da “linha de frente”: Áreas como a Central de Atendimento ao Estudante, Setor Financeiro, Bibliotecas, portarias, secretarias, seguranças e serviços gerais. Inúmeras reuniões de avaliação foram realizadas, capitaneadas diretamente pela Reitoria, no sentido de minimizar as deficiências no atendimento da instituição.

### **3.10.2 Caracterização da Unidade Cruzeiro do Sul**

A unidade Cruzeiro do Sul está localizada no bairro Teresópolis, próximo ao limite com a zona sul de Porto Alegre, distante 20 minutos do centro da cidade. Para chegar até ela, os estudantes dispõem de diversas linhas de ônibus que passam a uma quadra e meia de distância. Sua área de atuação abrange bairros populares como: Restinga, Lami, Belém Novo, Belém Velho, Cavalhada, Cascata, Glória, Cristal, Camaquã, entre outros.

Esta Unidade foi criada no final do ano de 2004, dentro da estratégia institucional de aproximar-se de comunidades carentes desprovidas de educação superior. No início de seu funcionamento, a maioria dos cursos ofertados nos vestibulares fazia parte do grupo de licenciaturas, como História e Letras, por exemplo. Entretanto, das licenciaturas oferecidas, apenas o curso de Educação Física e o de Pedagogia conseguiram preencher as turmas disponibilizadas a cada processo seletivo.

O “Cruzeiro”, como a Unidade é chamada pelos alunos e funcionários, foi criado também com a função de dar suporte aos demais locais nos quais a instituição mantém atividades na zona sul: as Clínicas Integradas no Hospital Parque Belém, o posto avançado na Penitenciária Madre Pelitier e o antigo posto no bairro Restinga. Com a anexação das turmas da Restinga e o crescimento das Clínicas Integradas, ocorrido nos últimos anos, o Cruzeiro passou a administrar apenas o posto da Penitenciária Madre Pelitier.

Atualmente, a unidade Cruzeiro conta com aproximadamente um mil alunos matriculados nos cinco cursos de graduação em funcionamento, a saber: Direito, Administração, Ciências Contábeis, Pedagogia e Educação Física. Vinculada a esta Unidade está a turma do curso de Serviço Social, que funciona no interior da Penitenciária.

Tabela 13: Número de alunos por curso – Unidade Cruzeiro do Sul

Curso	Administração	Ciências Contábeis	Direito	Educação Física	Pedagogia	Serviço Social *
<b>Nº de Estudantes</b>	367	124	140	108	178	24

Turma interna da Penitenciária Madre Pelitier

Fonte: Setor de Registro Acadêmico - Centro Universitário Metodista, do IPA.

“O Cruzeiro” não dispõe de infra-estrutura necessária para a realização das aulas práticas do curso de Educação Física, como ginásio poliesportivo, sala de lutas e piscina, por exemplo. Para isso, o IPA mantém um contrato de locação de espaços como estes junto ao Teresópolis Tênis Clube, localizado atrás da Unidade.

No início do referido contrato, vivenciou-se alguns transtornos em virtude de problemas de colisão de horários das aulas do curso de Educação Física com a utilização dos referidos espaços pelos associados do Clube. Estes desentendimentos geravam aborrecimentos aos estudantes que, por sua vez, reivindicavam melhorias na estrutura da Unidade. Atualmente, estas dificuldades foram contornadas, através de uma maior aproximação entre o Clube e a Instituição no firmamento de outras parcerias.

A referida Unidade começou a funcionar através da locação de um dos prédios do antigo Colégio Cruzeiro do Sul, pertencente à Igreja Anglicana do Estado do Rio Grande do Sul. O prédio, em formato de “U”, é composto por 22 salas de aula, um auditório com capacidade para 150 pessoas, dois banheiros femininos e dois masculinos. No mesmo local, funcionam diversos setores que tem como principal função o apoio às atividades acadêmicas desenvolvidas.

Os dois laboratórios de informática em funcionamento totalizam 90 computadores, o que está de acordo com o número de alunos pertencentes à Unidade. A biblioteca apresenta situação precária, principalmente em função da escassez de títulos. Atualmente, possui apenas 2931 títulos, aquém da necessidade dos cursos.

Além dos setores de apoio, existem no Cruzeiro do Sul empresas terceirizadas que prestam serviço de segurança, estacionamento, reprografia e lancheria. No total, entre funcionários do Centro Universitário e de empresas terceirizadas, a Unidade emprega aproximadamente 35 pessoas. O estacionamento disponível, com capacidade para apenas 70 automóveis, apresenta-se limitado frente à demanda de estudantes, professores, funcionários e o público em geral que visitam a Unidade.

Um dos principais problemas enfrentados é o modelo de centralização burocrática adotado pelo Centro Universitário. Com isso, muito do que é solicitado pelo corpo discente, em termos de documentação, é confeccionado e/ou enviado da Unidade Central, o que muitas vezes acarreta demora e frustração para os alunos. Muitos assuntos relacionados à vida acadêmica dos discentes podem ser resolvidos ou tratados apenas na Unidade Central.

Por outro lado, a característica de pequena Unidade, com poucos funcionários e um ambiente onde todos se conhecem, empresta ao Cruzeiro do Sul um cotidiano de informalidade. Os funcionários conhecem a maioria dos alunos pelo nome. Dentre os estudantes, muitos têm amizade com funcionários, o que é reforçada pelo convívio diário. A proximidade entre a equipe administrativa e o corpo discente leva a uma relação de certa intimidade entre os dois públicos. Contribuindo para esta realidade está o fato de alguns funcionários também serem alunos, mesmo que em outras unidades.

Esta relação de identidade muitas vezes colabora para amenizar os problemas enfrentados com o fluxo de documentos, por exemplo. O aluno da unidade Cruzeiro muitas vezes adota uma postura de conformação em relação ao problema não resolvido por ver no funcionário uma pessoa amiga que não é

responsável pelas dificuldades encontradas. Por vezes, os dois grupos procuram contornar as dificuldades utilizando outras alternativas.

Um outro problema é a “sensação de abandono” da Unidade por parte do Centro Universitário. Um exemplo disso é a falta de eventos. A grande maioria de palestras, congressos e exposições acadêmicas ou culturais é realizada na Unidade Central, ficando para o Cruzeiro do Sul apenas os eventos considerados “realmente necessários”. O Cruzeiro apresenta ainda limitações de móveis e equipamentos, o que, em muitas situações, gera desconforto ao quadro docente e reclamações por parte dos estudantes.

Por outro lado, talvez pelas inúmeras características diferentes da unidade central, dentre elas o ambiente mais informal, com menor fluxo de pessoas, a unidade Cruzeiro do Sul constitui-se num local bem querido pelo corpo docente, especialmente pelos que também lecionam em outros locais. Segundo relato dos próprios funcionários, “os professores gostam muito de dar aula no Cruzeiro porque aqui as coisas são diferentes”.

Inegavelmente, o caminho percorrido nos últimos anos pela Rede Metodista de Educação, especialmente o Centro Universitário, tem trazido inúmeras modificações em sua estrutura física e na sua capacidade de ofertar educação a um número cada vez maior de estudantes. Os processos de expansão, muitas vezes, costumam ser acompanhados de dificuldades que fogem do controle dos gestores. A diferenciação entre a infra-estrutura das unidades de ensino é um exemplo disso.

Por outro lado, o que mais chama a atenção na trajetória recente da Rede Metodista é sem dúvida a sua atuação social. Com a expansão dos cursos e unidades, aumentou também o número de matriculados, fato este que foi acompanhado por um direcionamento da IES para os estudantes de baixa renda e oriundos de grupos sociais historicamente não contemplados nas estatísticas do terceiro grau. O número de bolsistas teve um aumento expressivo, o que contribui para a diversidade social no interior da instituição.

Esta nova realidade trouxe para a Universidade não apenas os estudantes pobres, mas também índios e negros, fazendo com que a IES aprendesse a conviver com um público até então pouco presente nesse espaço universitário. A possibilidade de ingressar no ensino superior com o apoio de uma bolsa de estudos tornou real o que para muitos estudantes não passava de um sonho remoto.

## 4 A INCLUSÃO NA PRÁTICA

A partir deste momento, serão discutidos alguns resultados das ações afirmativas implementadas pelo Centro Universitário Metodista IPA. Buscando responder às questões propostas no início deste estudo, serão abordados aspectos como as características dos cursos, das turmas e o perfil dos estudantes utilizados neste trabalho.

A elaboração deste capítulo, apoiou-se nas ideias de Velho (1994; 1981), onde são tratados conceitos como trajetórias individuais e campo de possibilidades. Em sua obra o autor defende a ideia de que a “noção de projetos e campo de possibilidades pode ajudar na análise das trajetórias individuais”, assuntos estes que serão utilizados como subsídio na descrição dos contextos tratados neste capítulo.

### 4.1 ESCOLHA DOS CURSOS

Para a realização dessa etapa da pesquisa, foram escolhidos dois cursos de graduação do Centro Universitário Metodista IPA. A intenção foi a de comparar realidades sociais, em princípio, diferentes, como regiões sócio-econômicas, origem dos públicos, faixas etárias, dentre outras. Para isso, elegeu-se o curso de Fisioterapia, localizado na Unidade Central – bairro Rio Branco, e o curso de Pedagogia, localizado na Unidade Cruzeiro do Zona Sul – bairro Teresópolis. Tal escolha baseou-se também no fato de serem cursos pertencentes a áreas distintas, de um lado a saúde (Fisioterapia) e de outro a educação (Pedagogia).

A motivação para essa abordagem sustentou-se na possibilidade de traçar o perfil dos alunos de cada curso, o que contribuiria para descobrir: o que os fez optar por uma ou outra área e, sobretudo, o significado do curso na vida de cada um deles. Com base nestes objetivos, foram selecionados estudantes do penúltimo semestre de ambos os cursos, por entender tratarem-se de alunos que vivenciam

uma fase carregada de anseios sobre aspectos da carreira profissional, mercado de trabalho e outros tantos, ou seja, momento da tomada de consciência e de avaliação de projetos.

De antemão, é possível supor que, para o futuro aluno, a escolha por um determinado curso não leva em conta apenas o interesse pessoal do indivíduo, uma vez que, no curso de Fisioterapia, o valor da mensalidade é de R\$ 1.325,00, enquanto que no curso de Pedagogia a mensalidade em vigor é de R\$ 526,00. Tal diferença é significativa, principalmente considerando o salário mínimo nacional que, no momento da realização da pesquisa, era de R\$ 415,00. A diferença de valor de uma mensalidade para outra fica em quase dois salários mínimos. Assim, ao optar por um curso de graduação, o estudante precisa, entre outros fatores, levar em conta sua realidade sócio-econômica.

No entanto, seria simplista afirmar que todos os alunos matriculados no curso de Fisioterapia pertencem a um grupo social com alto poder aquisitivo. Da mesma forma, não se pode considerar que todos os alunos que cursam Pedagogia integrem o grupo de indivíduos com baixa renda. Todavia, é necessário levar em conta que, para um indivíduo que não se encontra em situação econômica razoável, as dificuldades ao longo da trajetória acadêmica serão maiores. Tais obstáculos referem-se ao fato de que, para a realização de um curso de graduação, o custo não se restringe apenas ao valor da mensalidade. Ao ingressar na faculdade, o indivíduo precisa arcar também com as despesas de transporte, livros, material escolar, cópias, alimentação (eventual), entre outros.

No intuito de traçar o perfil dos alunos dos dois cursos em questão e fazer relações entre eles, alguns dados obtidos através de pesquisa junto a setores da instituição são apresentados a seguir.

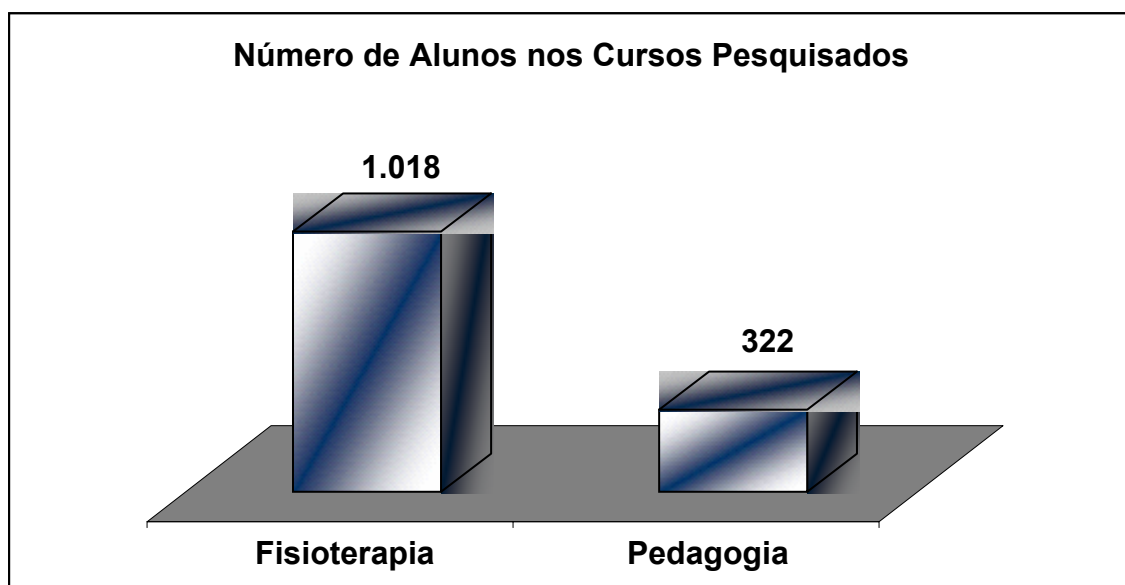


Gráfico 9: Número de Alunos nos Cursos Pesquisados  
Fonte: Setor de Registro Acadêmico - Centro Universitário Metodista, do IPA.

No ano de 2008, a Instituição contou com um total de aproximadamente nove mil e quinhentos (100%) alunos matriculados, distribuídos nos diversos cursos superiores ofertados. Deste total, 11% (1.018) estavam matriculados no curso de Fisioterapia e 2% (322), no curso de Pedagogia.

Os dados mostram também que, além da grande diferença no número de alunos entre os dois cursos pesquisados, o curso de Fisioterapia possui grande expressividade numérica em relação ao total de estudantes do Centro Universitário, visto que, no total são trinta e um cursos em funcionamento.

#### 4.2 CURSO DE FISIOTERAPIA

O curso de Fisioterapia, fundado no ano de 1980, foi o segundo curso nessa área a ser criado no estado do Rio Grande do Sul. Desde sua implantação, foi oferecido apenas na Unidade Central e adotou um currículo denso e extenso. No turno integral, o estudante tem aulas durante mais de um turno por dia, o que faz com que se exija do aluno disponibilidade total de horário, também em função da realização dos estágios curriculares.



Atualmente, o currículo do curso está distribuído em oito semestres e, desde o ano de 2005, pode-se optar também por cursá-lo no turno da noite.

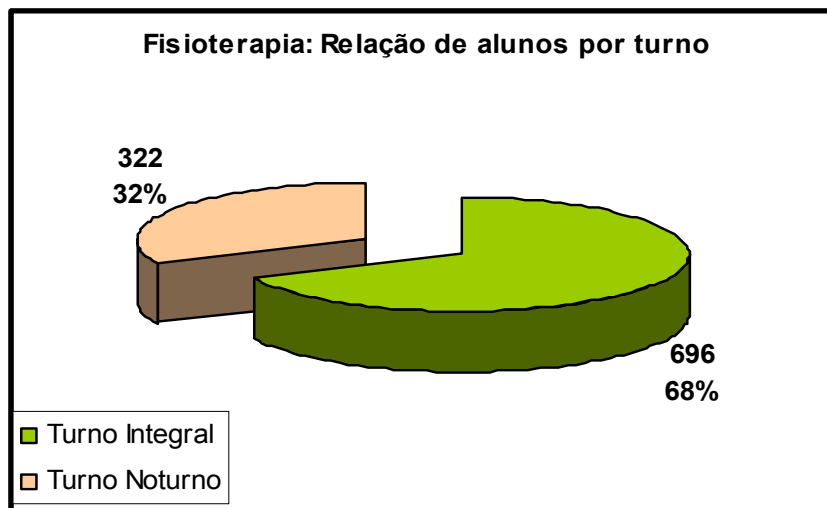


Gráfico 10: Fisioterapia: relação de alunos por turno  
Fonte: Secretaria Acadêmica - Centro Universitário Metodista, do IPA.

No gráfico acima, percebe-se que o número de alunos matriculados no turno integral é muito maior do que no turno da noite, concentrando mais da metade dos alunos do curso. O motivo desta diferença pode ser analisado por diversos ângulos, sendo que um deles foi possível detectar através das entrevistas. O fato dos estágios, mesmo para os alunos do turno da noite, serem ofertados durante o dia, traz dificuldades aos estudantes que necessitam trabalhar; por isso, ao estudar no turno integral, os alunos podem dedicar-se mais às disciplinas e a estes estágios.

Trata-se, portanto, de um aluno que não precisa trabalhar para obter o sustento próprio ou da família; sua rotina compreende apenas os estudos, realizados na Unidade Central do IPA. Furlani (1998) cita que:

O estudante em tempo integral é mantido totalmente pela família, podendo dedicar-se somente ao estudo, seja ele cursado no período diurno, integral ou noturno. O projeto familiar o diferencia, pois lhe garante a escolarização prolongada, sem outras preocupações (FURLANI, 1998 p. 41).

Nos anos de 1990, devido ao alto padrão de qualidade de ensino, confirmado pelo nível do seu corpo docente, o curso de Fisioterapia alcançou projeção para além dos limites estaduais, o que lhe conferiu um ótimo conceito no meio da saúde.

Dentre os demais cursos do Centro Universitário, a Fisioterapia orgulha-se em ser um dos que mais recebe ex-alunos na condição de docentes. Ele tem como antiga característica ser muito valorizado em todos os processos seletivos, fato que, internamente, o levou a ganhar fama de ser o curso que “não precisa de propaganda”.

Suas aulas acontecem sempre em um único local, não necessitando deslocamento para realização de nenhuma atividade, além dos estágios, fora da Unidade Central. Esta característica do curso representa, sem dúvida, uma facilidade para os alunos, pois estes têm à disposição, além de toda infra-estrutura administrativa, os laboratórios e demais espaços necessários para a prática acadêmica, diferentemente do que ocorre em outros cursos do Centro Universitário. Em alguns semestres do curso, inclusive, os alunos têm atividades também aos sábados pela manhã, para comporem a carga horária.

#### 4.3 CURSO DE PEDAGOGIA

Com história bem mais recente, a Pedagogia pertence ao grupo de cursos que foram criados com a transformação da faculdade em Centro Universitário. Inicialmente, foi ofertado apenas na unidade Americano, pertencente à Unidade Central, e, a partir do ano de 2006, passou a funcionar também na unidade Cruzeiro do Sul. Em ambos os locais, o curso é oferecido apenas no turno da noite.

Inicialmente, o projeto do curso apresentava duas modalidades: Séries Iniciais e Educação Infantil. Entretanto, a partir do ano de 2007, as duas modalidades foram unificadas em um único curso. Com a anexação do colégio IPA pelo colégio Americano e o incentivo da direção para capacitar e aproveitar internamente seu quadro docente, muitos professores das duas escolas passaram a exercer a docência no curso de Pedagogia. O currículo do curso está disposto em seis semestres, sendo bastante intenso, com estágios curriculares desde o início.

Atualmente, na unidade Cruzeiro do Sul, está matriculada cerca da metade dos estudantes do curso. Pelo fato da coordenação estar instalada na Unidade Central e algumas turmas funcionarem na unidade Americano (anexa à Central); algumas vezes os estudantes da turma da unidade Cruzeiro do Sul necessitam deslocarem-se para participar de atividades do curso, o que gera descontentamento entre estes estudantes.

Ao escolher um curso superior, é necessário levar em consideração diversos aspectos, dentre eles o já destacado custo da mensalidade, além do turno das aulas, da localização da instituição de ensino, do mercado de trabalho na área de atuação pretendida, a situação sócio-econômica e, também, as questões de gênero, uma vez que, conforme aponta Beltrão e Alves

Os primeiros legisladores do Império estabeleceram que o ensino primário deveria ser de responsabilidade do Estado e extensivo às meninas, cujas classes deveriam ser regidas por professoras. Porém, devido à falta de professoras qualificadas, o sistema educacional sequer logrou ensinar uma percentagem reduzida de alunas a ler e escrever, sendo muito grandes suas deficiências em todo país. Assim, na primeira metade do século XIX começaram a aparecer as primeiras instituições destinadas a ensinar mulheres, mas em um quadro de ensino dual, com claras especializações de gênero. Ao sexo feminino coube a educação primária, com conteúdo moral e social, dirigido para o fortalecimento do papel de esposa e mãe; a educação feminina ficava restrita ao magistério, isto é, à formação de professoras para os cursos primários. (2004, p. 18)

Assim, pode-se melhor compreender os dados referente à composição da turma escolhida para pesquisa em que todos os estudantes são do sexo feminino.

Atualmente no Brasil, o estudante que opta por um curso de licenciatura, sabe que, na maioria das situações, não encontrará uma carreira valorizada, com alta remuneração e reconhecimento profissional. A área oferece inúmeras oportunidades de atuação, o que muitas vezes leva o estudante a imaginar que, ao escolher essa profissão, sempre haverá uma oportunidade de trabalho. Tal promessa, em muitos casos, leva-o a optar por esta carreira que nem sempre é aquela com a qual sonhou para sua vida, mas constitui a que lhe proporcionará o almejado diploma de curso superior. Por outro lado, a atuação na área da educação, principalmente a pública, é muito mal remunerada, fazendo com que os professores vivam uma constante desmotivação profissional e, por consequência, pessoal.

## 4.4 AS TURMAS PESQUISADAS

### 4.4.1 Fisioterapia

A turma de Fisioterapia que serviu como referência para essa pesquisa possui um total de 53 alunos, sendo, 40 mulheres e 13 homens. Nota-se aqui uma predominância do sexo feminino, tradicional no curso de Fisioterapia. O horário de aulas dessa turma é de segunda a sexta-feira das 7:30 às 12:40 e das 14:00 às 19:00.

Com relação à moradia dos alunos pertencentes a esta turma, têm-se algumas constatações: 42% dos alunos residem em bairros de classe média alta, 40% em outros bairros, 6% em outras cidades da região metropolitana, e 13% no interior do estado. Estes dados revelam que quase a metade dos estudantes reside em bairros nobres<sup>2</sup> próximos à unidade central do IPA. Ao mesmo tempo, o índice de 13% para residentes (provenientes) do interior, comprova o bom conceito do curso também fora da cidade de Porto Alegre, como mostra o gráfico a seguir.

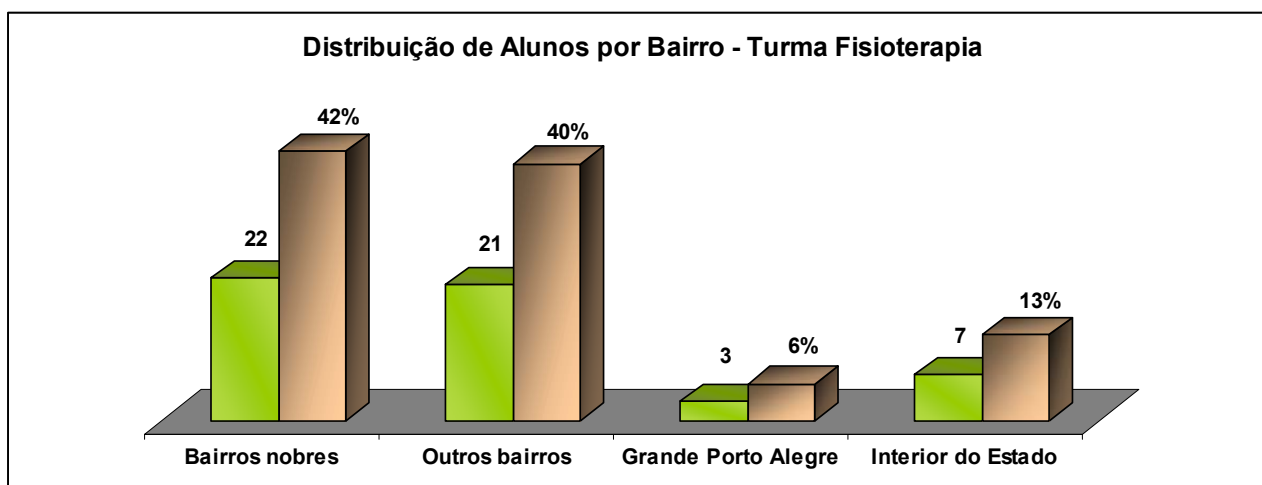


Gráfico 11: Distribuição de alunos por bairro – Turma fisioterapia  
Fonte: Setor de Registro Acadêmico - Centro Universitário Metodista, do IPA.

<sup>2</sup> Considerou-se bairro nobre aqueles com maior infra-estrutura, oferta de serviços e proximidade com o centro da cidade. Exemplo: Moinhos de Vento, Higienópolis, Petrópolis.

No tocante às idades dos estudantes, observa-se que a maioria está dentro do padrão considerado normal para cursar o ensino superior. Dos 53 estudantes, 32 estão dentro da faixa etária universitária, 19 deles ultrapassaram esta fase e têm entre 25 e 35 anos, e apenas dois alunos têm entre 36 e 45 anos. A turma não possui nenhum estudante com mais de 45 anos de idade, como aponta o gráfico abaixo.

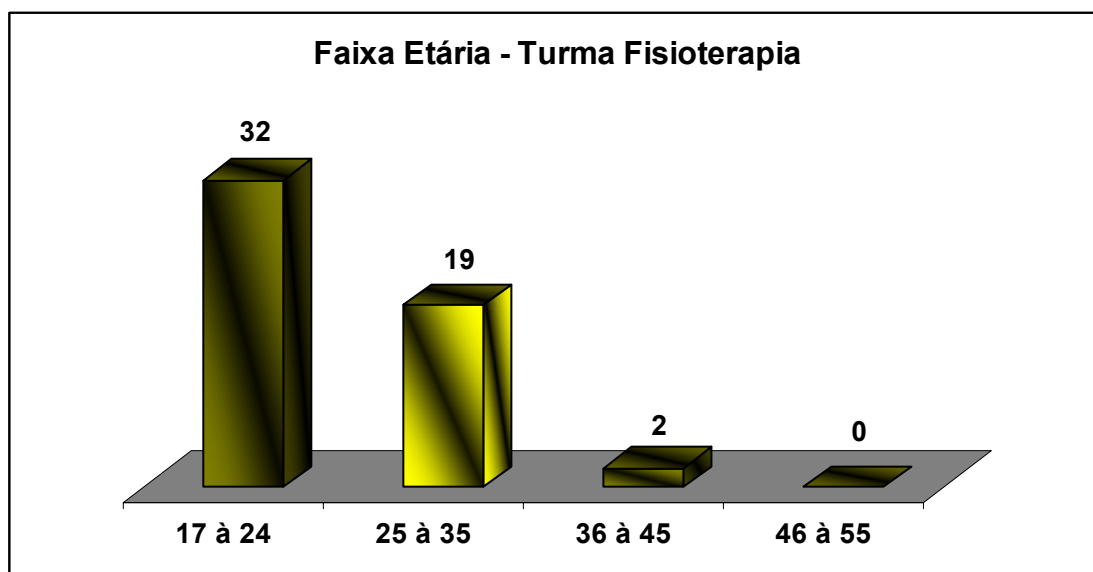


Gráfico 12: Faixa etária – turma fisioterapia  
Fonte: Secretaria Acadêmica - Centro Universitário Metodista, do IPA.

No que se refere à formação básica dos estudantes que compõem a turma pesquisada, observa-se a predominância daqueles que realizaram o ensino médio em escolas privadas (30). Os alunos provenientes de escolas públicas somam 17 do total. Ainda nesta turma, constatou-se a presença de 6 estudantes oriundos de supletivos. Este número, embora pequeno se comparado ao total de estudantes da turma, mostra a existência de um grupo de indivíduos que possivelmente teve dificuldade em cursar o ensino regular, optando, portanto, pela complementação dos estudos através de ensino supletivo.

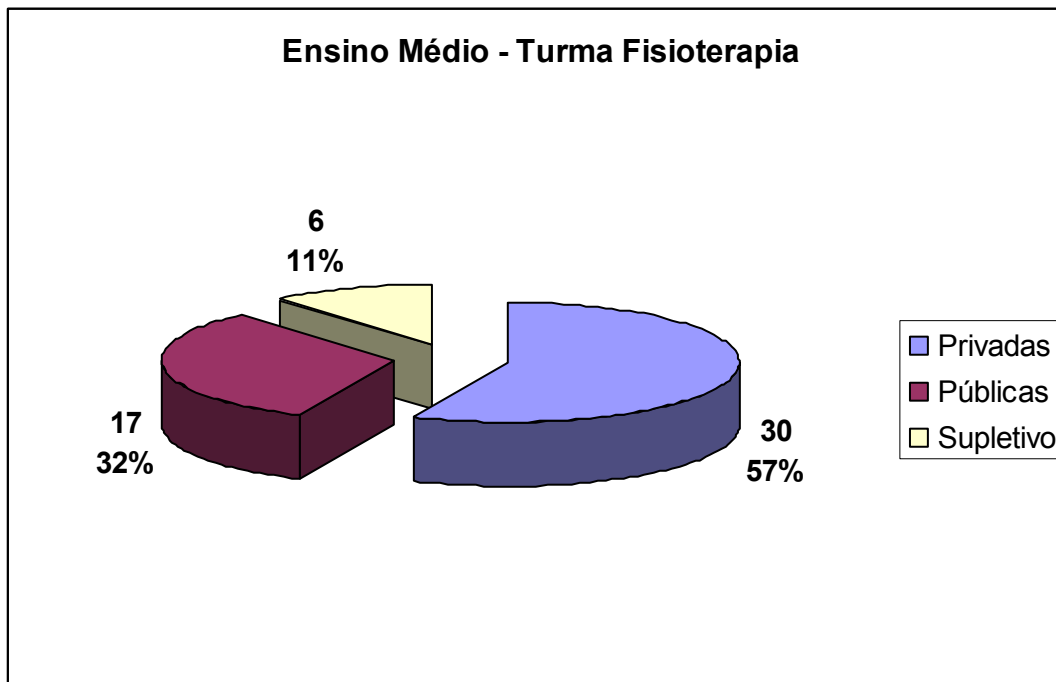


Gráfico 13: Ensino médio – turma fisioterapia

Fonte: Secretaria Acadêmica - Centro Universitário Metodista, do IPA.

O índice de bolsistas encontrado no curso de Fisioterapia, frente ao número total de alunos bolsistas dentro do Centro Universitário é baixo. Dos 53 estudantes desta turma, apenas 7 possuem algum tipo de benefício.

#### 4.4.2 Pedagogia

Como já mencionado, todos os 47 estudantes que compõem a turma pesquisada, pertencem ao sexo feminino. Estas estudantes residem basicamente em bairros populares da capital; 91% delas moram em bairros de baixa renda, 6% em bairros nobres e um pequeno percentual, de 2%, em outras cidades da região metropolitana de Porto Alegre.

É importante ressaltar que a grande maioria das alunas reside em bairros próximos à unidade Cruzeiro do Sul. Informações como estas contribuem para indicar que o curso é composto basicamente por indivíduos oriundos de grupos sociais mais pobres.

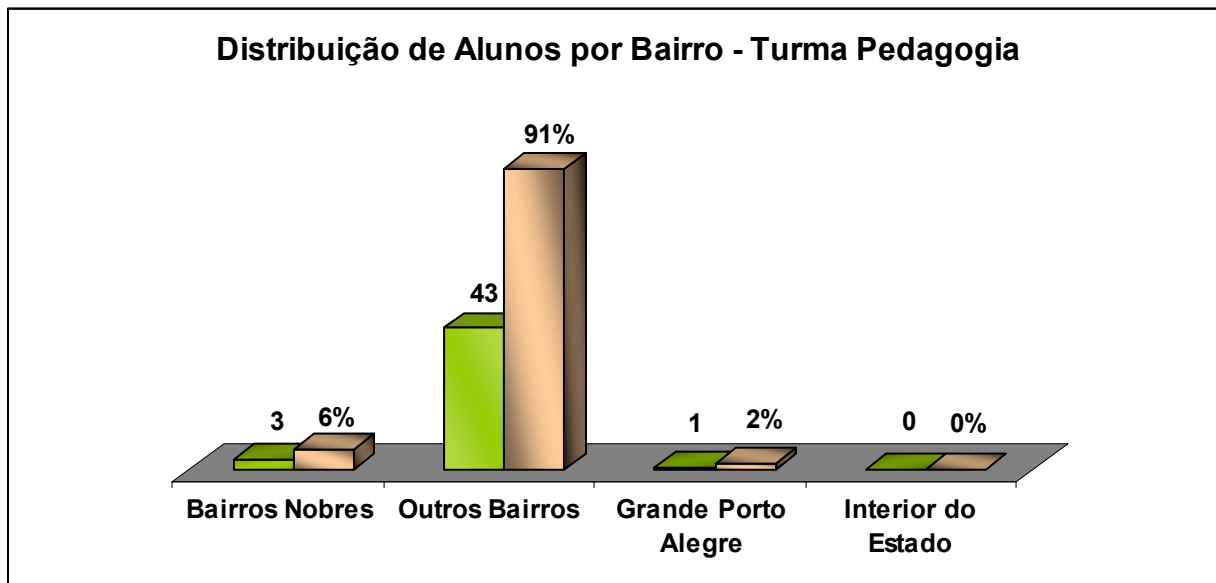


Gráfico 14: Distribuição de alunos por bairro – Turma pedagogia  
 Fonte: Secretaria Acadêmica - Centro Universitário Metodista, do IPA.

A maioria da turma analisada concentra-se numa faixa etária elevada, conforme apresenta o gráfico abaixo.

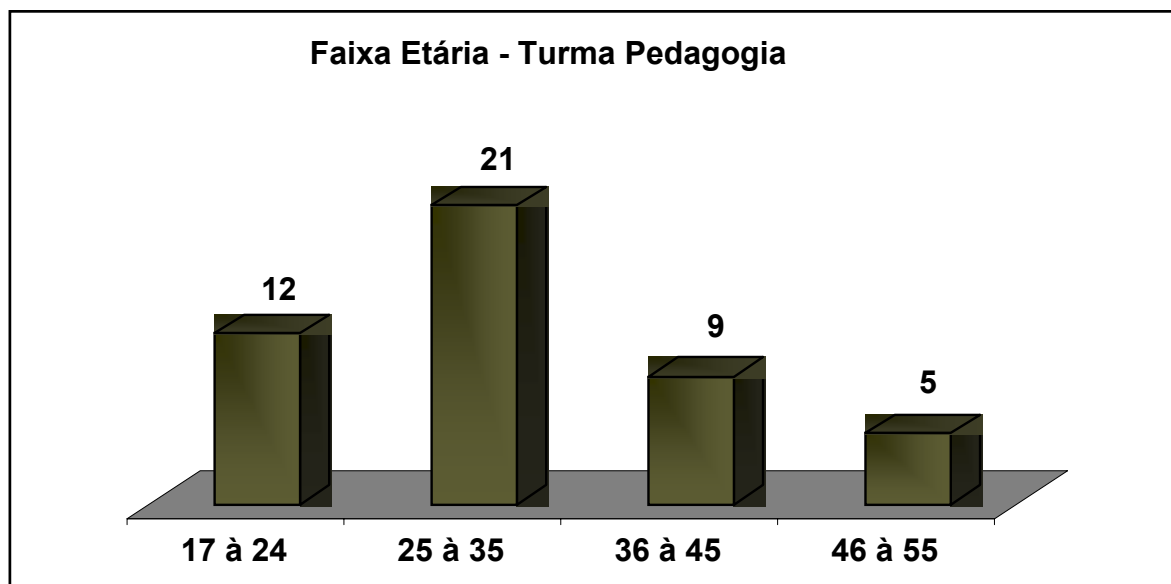


Gráfico 15: Faixa Etária - Turma Pedagogia  
 Fonte: Secretaria Acadêmica - Centro Universitário Metodista, do IPA.

Os dados mostram que 12 alunas têm até 24 anos. Já a maior parte delas, 21, encontra-se entre os 25 e 35 anos. Um percentual significativo do grupo, 9

pessoas, ocupa a faixa dos 36 até os 45 anos e 5 alunas têm mais de 46 anos de idade.

Se considerado o padrão nacional, segundo o qual os estudantes com idade de cursar o ensino superior estariam entre os 17 e 24 anos, observar-se-á que a grande maioria das estudantes desta turma não se encaixa neste grupo. Os dados mostram uma turma madura, onde a grande maioria das estudantes provavelmente teve que trabalhar, deixando os estudos para mais tarde.

No tocante à formação básica, a pesquisa revela que a grande maioria das alunas realizou seus estudos em escolas da rede pública (35). Este dado fica mais significativo se somar a este número àquelas estudantes que fizeram supletivo (04). Neste caso, chega-se a um percentual de 83% do total de estudantes da turma. As estudantes vindas de escolas privadas correspondem apenas a 08 pessoas.

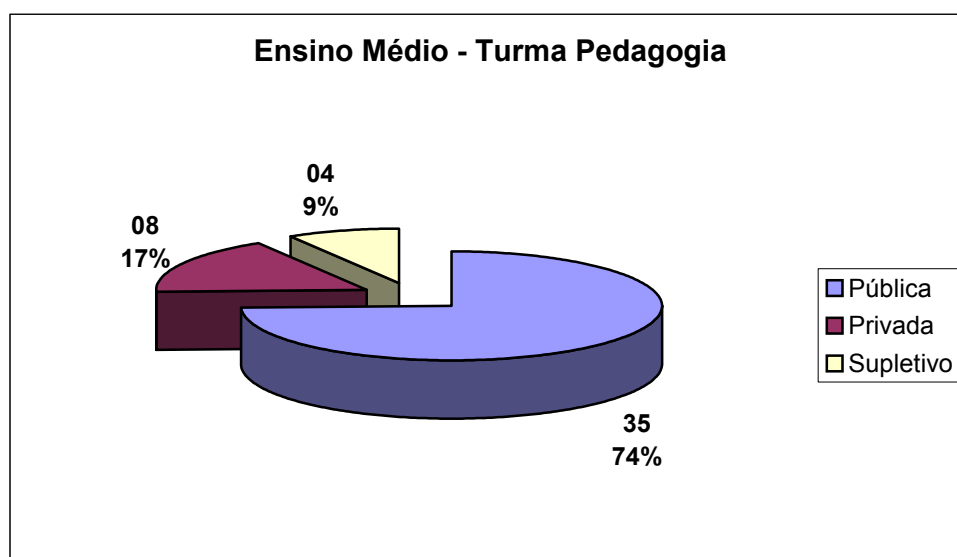


Gráfico 16: Ensino médio – turma pedagogia  
Fonte: Secretaria Acadêmica - Centro Universitário Metodista, do IPA.

Com relação à concessão de bolsas, a turma do curso de Pedagogia apresenta um alto percentual de contempladas com algum tipo de benefício. Das 47 alunas, 23 possuem bolsa, ou seja, quase metade da turma. A Pedagogia ocupa o segundo lugar em número de alunos beneficiados com bolsas no Centro Universitário.



#### 4.5 CONVERSANDO COM OS ESTUDANTES ENTREVISTADOS

A análise de uma sociedade ou de um grupo social pode-se dar através de muitos ângulos. No entanto, Velho (1981) afirma ser fundamental levar em consideração, de modo especial, a opinião do próprio indivíduo investigado sobre estes domínios, visto que, do contrário, pode-se incorrer no erro de se aplicar somente a visão do pesquisador em contextos que diferem entre si. Daí a importância de colher diretamente dos estudantes, o que representa para eles a obtenção do diploma de graduação.

Na realização deste trabalho, foram entrevistados três alunos do curso de Fisioterapia e três do curso de Pedagogia. Todas as conversas foram gravadas com consentimento dos entrevistados, mediante prévio preenchimento de formulário de autorização de utilização de informações. As entrevistas ocorreram no mês de dezembro de 2008, em diversos horários nos turnos da tarde e da noite, nas unidades em que cada aluno estuda, observando sua disponibilidade de tempo.

Os locais escolhidos para as conversas foram salas de aula desocupadas, bibliotecas ou salas de estudo. A escolha dos estudantes obedeceu ao critério de estarem em final de curso. Os convites para participação das entrevistas ocorreram na maior parte pessoalmente, muitas vezes no próprio ambiente de sala de aula. Em alguns casos, eles também foram feitos por e-mail e telefone.

Foram encontradas algumas dificuldades para a realização das entrevistas. Muitos alunos não tinham disponibilidade de tempo, estavam saindo em viagem ou simplesmente não possuíam interesse em participar. Outros tantos, no momento do convite, aceitavam prontamente a proposta; entretanto, no dia da entrevista, não compareciam no local e horário combinado. Esta última situação ocorreu principalmente com os estudantes do curso de Pedagogia.

Um fato interessante que merece registro foi o comportamento de uma das alunas, também do curso de Pedagogia, que, após receber o convite para participar da pesquisa, informou que estava muito atarefada, com inúmeros compromissos

acadêmicos, profissionais e particulares, mas que desmarcaria o que fosse preciso para poder ajudar, pois, talvez em um outro momento, poderia ser ela quem estivesse precisando de ajuda.

Para a realização das entrevistas, seguiu-se um roteiro previamente elaborado, contendo os principais assuntos que seriam tratados ao longo da conversa informal com os estudantes. Cabe registrar que, durante cada entrevista, não se estipulou regras para abordar os assuntos, optando-se por um diálogo espontâneo entre entrevistado e entrevistador. Esta postura na condução das entrevistas contribuiu para uma diversificação no tempo de realização de cada conversa. Em alguns casos, houve a necessidade de agendar mais de um encontro para que fosse possível contemplar todos os assuntos necessários.

No contato com cada um dos estudantes, foram coletados dados como: local onde reside, com quem mora, se trabalha ou faz estágio, se possuía experiência profissional anterior, cidade de origem, quem paga a mensalidade do curso, informações sobre a família, dentre outras. Tais informações serviram de subsídio para análise das categorias escolhidas para serem tratadas neste estudo. A investigação propôs-se a abordar as questões que envolvem as trajetórias de classe, a inclusão social, a relação dos estudantes com suas famílias e também com a instituição e a diferença das expectativas individuais em relação à profissão e ao futuro.

De posse destes dados, juntamente com as demais informações sobre a realidade destes estudantes – obtidas através do contato com os mesmos – traçou-se um perfil de cada aluno, a fim de auxiliar na busca das respostas para perguntas como: o que representa para você a realização de um curso superior? Qual é o significado do diploma na sua vida? Em que medida esta conquista pode influenciar sua vida a curto ou médio prazo?

A seguir, serão apresentados os perfis construídos a partir das entrevistas. Para uma melhor visualização de alguns elementos que compõem esse perfil, foi elaborada uma tabela contendo alguns dados importantes sobre os estudantes.

Nome do estudante (1)	Curso	Semestre	Sexo	Idade	Estado civil	Quem paga curso	Atualmente Trabalha ou faz estágio	Já trabalhou antes	Bolsista	Local residência	Própria/alugada
Patricia	Fisioterapia	7º	F	21	solteira	pai	estágio	não	não	Bairro nobre	própria
Paula	Fisioterapia	7º	F	22	solteira	pai	trabalha	não	sim	Bairro nobre	Alugada (*)
Marcos	Fisioterapia	7º	M	22	solteiro	pai	estágio	sim	sim	Bairro nobre	Alugada (*)
Leticia	Pedagogia	6º	F	22	solteira	pai	não	não	não	Bairro popular	própria
Sara	Pedagogia	6º	F	27	casada	Ela mesma	trabalha	sim	sim	Bairro popular	própria
Nadia	Pedagogia	6º	F	42	separada	Ela mesma	não	sim	não	Bairro popular	própria

Quadro 1: Perfil dos estudantes entrevistados

Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador.

(1) Foram utilizados nomes fictícios.

(\*) Residência alugada em Porto Alegre. Na cidade de origem possui casa própria.

#### 4.5.1 Paula

Paula está no penúltimo semestre do curso de Fisioterapia. Ela tem 22 anos e é solteira. Atualmente, mora em um apartamento alugado em um bairro nobre da capital. As despesas de moradia, bem como água, luz e alimentação são divididas com outro jovem universitário que mora com ela.

Paula está em Porto Alegre desde 2006, quando ingressou no curso de Fisioterapia do IPA, vinda por transferência de outra instituição de ensino privada localizada em sua cidade de origem, na Serra Gaúcha. Descobriu a instituição a partir de informações de uma irmã mais velha que morava em Porto Alegre em função de seus estudos de pós-graduação.

Conforme relata, mantinha uma vida social muito boa na sua cidade de origem, mesmo assim, optou por trocar de instituição e de cidade, pois, como ela própria diz, se continuasse na antiga universidade, levaria dez anos para formar-se porque lá vinha cursando poucas disciplinas por semestre, devido ao alto custo da mensalidade.

Paula levou aproximadamente um ano para se adaptar e retomar a vida social na nova cidade. Um fator positivo neste período foi o fato de gostar muito das aulas, o que certamente contribuiu para amenizar o estranhamento do novo local.

Com relação à qualidade do ensino prestado na faculdade atual, a mesma se “vangloria” ao comparar-se com as colegas de curso deixadas na antiga cidade. Segundo ela, “até tenho outras colegas da época que estão lá ainda, e a gente se encontra e conversa e elas ficam apavoradas do tanto que a gente tem aqui e eles não têm lá”. A relação mantida com os colegas da antiga faculdade permite à aluna fazer um comparativo permanente, não apenas nas questões que envolvem sua formação, mas também nos aspectos profissionais. “Até o mercado de trabalho lá, num hospital, por exemplo, se tu falar que é aluno da UCS e tu falar que é aluno do IPA, eles nem olham currículo nem nada, os do IPA tem preferência”.

Paula relata que, no início do curso, não levava o estudo muito a sério. “Eu levava como se estivesse no ensino médio. No início era bem igual”. Mas o passar dos semestres foi acompanhado de um amadurecimento, e seu pensamento mudou a ponto de surpreender-se com o próprio desempenho acadêmico. Para ela, o curso é muito “puxado”, não sobrando espaço para uma vida social ativa como a que mantinha em sua cidade natal. O círculo de amigos em Porto Alegre é composto praticamente por colegas de turma da faculdade; isso confirma a rotina de dedicação intensa exigida pelo curso. Dos colegas considerados “amigos”, apenas dois são de Porto Alegre, o restante veio de cidades do interior do Estado.

Neste momento, quase no final do curso, ela afirma ter certeza de ter escolhido a profissão certa e considera-se uma privilegiada por estar inserida nesta faculdade. Pode-se constatar que Paula tem, de um modo geral, uma boa relação com a faculdade, o que se nota quando afirma que só terá boas lembranças da instituição na qual se formou.

Antes de vir morar em Porto Alegre, Paula morava em Caxias do Sul com a família. O pai é eletricitista autônomo, sua mãe é concursada da Prefeitura de Caxias do Sul e tem curso Técnico de Enfermagem. As quatro irmãs completam sua família.

A irmã mais velha, com 30 anos, é formada em Enfermagem, a segunda com 24 anos formou-se em Serviço Social e tem mestrado. Tem uma que está terminando o Ensino Médio e, por fim, a caçula deve concluir o Ensino Médio no final do próximo ano. Na família, trabalham o pai, a mãe e as duas irmãs mais velhas. As irmãs menores atualmente somente estudam.

Todas as suas despesas em Porto Alegre são custeadas pelo pai. Foi ele também o responsável pelo pagamento das faculdades das outras duas irmãs. Cansada de ter que pedir dinheiro para o pai, em outubro de 2008, Paula começou a trabalhar em uma tele-entrega de lanches, sem informar à família.

Daí eu fui e pensei: vamos ver se eu vou ficar né? Daí, uma semana depois eu avisei o meu pai né? Daí ele disse: - guria os estudos são a primeira coisa. Porque o meu pai pensa assim: eu vou dar a opção: estuda ou trabalha. Quando a gente terminou o segundo grau, aí todas optaram pela faculdade sabe”.

Para ela, este emprego temporário e com baixo salário – que está sendo sua primeira experiência profissional, pois nunca havia trabalhado antes – pode ajudar a custear suas pequenas despesas. Paula tem consciência de que não está sendo fácil para seu pai arcar com todos os gastos envolvido em sua formação.

Paula, após o período de adaptação na nova cidade, sentiu uma melhora em sua relação com a família. Mais madura, passou a valorizar mais o dinheiro e, principalmente, as pessoas. Notou também que a família agora a vê com “outros olhos”.

Durante a conversa, algumas vezes Paula faz menção a um “período difícil”. Referia-se ao tempo que levou para adaptar-se totalmente à nova realidade de vida em Porto Alegre. Logo que chegou à Capital, ligava para seus pais por qualquer motivo. Ela relata que a mãe costumava dizer que ela precisava “cortar o cordão umbilical”. Ela comenta que tem mais contato com o pai do que com a mãe e que seu pai “dá o sangue” pelas filhas.

Ao falar da mãe, nota-se em suas palavras alguma mágoa, quando diz que a mesma passa o tempo todo dormindo. Quando Paula liga, não consegue falar com a mãe porque ela está sempre deitada e não demonstra muito interesse. Ao mencionar sobre sua relação com as irmãs, constata-se que a distância estreitou seus laços, pois, o fato de morar longe, fez com que elas aguardassem com ansiedade os poucos encontros (visitas) para saber as “novidades”.

Na conversa com Paula, pode-se observar que ela nutre um sentimento de satisfação em relação a sua família.

Família, alguns dizem que tu escolhe antes de vir, outros não acreditam nisso. Acho que estou na família que eu deveria ter. Graças a Deus, tenho essa que eu tenho. Todo mundo briga, mas tem coisa pior por aí, então eu sou uma privilegiada.

A estudante demonstra otimismo quando fala sobre sua atuação profissional após a formatura. Considera normais os sentimentos de insegurança e dúvida, comuns nesta fase acadêmica, e diz sentir-se bem preparada para enfrentar o mercado de trabalho.

Ao mesmo tempo, Paula tem consciência de que não encontrará muitas facilidades para atuar em sua profissão, mas se sente consolada porque pretende retornar a sua cidade tão logo conclua o curso e lá acha que terá emprego garantido através de uma amiga. “Eu vou trabalhar na clínica (da amiga) e vou trabalhar para o Hospital de Farroupilha, que é pela Unimed, né? da Unimed Farroupilha”.

Nota-se que, para a estudante, está claro que terá que trabalhar muito. Ela associa muito trabalho com pouco dinheiro, no período logo após se formar. E o modo como coloca este pensamento é carregado de um sentimento de conformidade. Entretanto, essa conformidade logo dá lugar à ideia de que seu sucesso profissional e financeiro depende muito de seu empenho.

#### 4.5.2 Patricia

Patricia tem 21 anos, está no penúltimo semestre do curso de Fisioterapia. É filha única, solteira, mora com o pai, que é advogado, em um bairro de classe média alta em Porto Alegre.

Antes de entrar na faculdade, fez meio ano de Curso Preparatório para o Vestibular – Cursinho. Neste período, acumulou as aulas do Cursinho com o conteúdo da escola, pois, na época, estava no terceiro ano do ensino médio. Coursou todo o segundo grau no Colégio Seigné, uma escola particular localizada no centro da capital.

Desde a infância, Patricia tinha vontade de fazer faculdade no IPA. Prestou Vestibular e foi aprovada em outras três instituições, mas escolheu esta pela tradição do curso, pelo bom conceito do mesmo junto ao Ministério da Educação, pelo fácil acesso e pelos valores das mensalidades, que seriam mais acessíveis.

Patricia considera o curso bastante “puxado”. No início, pelo fato de não ter o costume de se dedicar muito aos estudos, teve dificuldade, o que fez com que fosse reprovada em algumas cadeiras. “No colégio, assim, eu não era tão esforçada nas matérias, mas, assim, pro vestibular e dentro da faculdade, eu sempre tentei dar o meu melhor, porque é a minha vida, né? no colégio a gente não tem esta ideia”. Desde o princípio da conversa, nota-se que Patricia encara com muita seriedade seu desempenho.

Desde que iniciou sua vida acadêmica, priorizou as oportunidades de estágio, mesmo que estes não envolvessem qualquer remuneração, o que evidencia claramente a preocupação com a qualificação e o preparo para exercer a profissão.

(...) eu queria ter a visão da prática. Saber o que é ser fisioterapeuta, o que é trabalhar e lidar com pessoas, o que que é isso sabe?, o que que é tu curar alguém de alguma coisa. Isso é muita responsabilidade pra uma, eu vou fazer vinte dois anos na semana que vem, eu vou me formar com vinte três anos, tem noção o que é ter responsabilidade de trabalhar, salvar vidas numa UTI, né? (...).

Com isso, Patricia concluirá seu curso tendo realizado estágio durante toda a trajetória acadêmica, o que a deixa mais “tranquila” no que se refere à experiência profissional.

Para ela, a formação acadêmica de um estudante passa principalmente pela forma como ele se coloca diante das aulas. Independentemente da faculdade, o que vai determinar a formação do aluno é o próprio aluno. “Ter professores bons como nós temos aqui no IPA mas, se eu não aproveitar não vai adiantar de nada”.

Em determinado momento da conversa, evidencia-se uma clara diferenciação: “Nunca me decepcionei com o curso, né? Com o IPA, sim, mas com o curso não”. Pode-se perceber, de um lado, o conceito positivo, visualizado na enorme admiração e reconhecimento que tem pelo curso em si. De outro lado, o negativo, refletido nos inúmeros problemas de gestão da Instituição. Problemas estes exemplificados na dificuldade em realizar as matrículas e na sujeira do laboratório de anatomia. “Aqui tem essa dificuldade, mas em que lugar que não tem né?”. A decepção com a organização da Instituição é bem compensada com a satisfação pelo curso: “Eu entrei na faculdade e cada vez eu fui me apaixonando mais e mais e mais (pelo curso/profissão).

Por outro lado, a leitura das palavras de Patricia apresenta também um pensamento que relaciona o valor (alto ou baixo) da mensalidade à avaliação do funcionamento administrativo da faculdade. Conforme Patricia, na instituição X você paga um valor bem mais alto, mas, em compensação, não tem esses problemas. Ou ainda, no IPA, os alunos sofrem com estes problemas administrativos, mas, em compensação, têm os melhores professores.

Patricia considera a Fisioterapia uma profissão muito bonita e sente-se pessoalmente realizada dentro da faculdade (curso): “Quando tu pega um paciente numa cadeira de rodas e depois dá tchau pra ele andando é uma coisa que não tem, aumenta o ego, sabe? É uma coisa fora, que não tem explicação”.

Ela considera que, quando entrou na faculdade, era muito nova e infantil, mas que durante a estada no ambiente acadêmico evoluiu muito como pessoa. Na sua



concepção, este crescimento está relacionado ao contato que teve diariamente com a diversidade vivenciada no interior da faculdade:

porque aqui quando tu faz o curso que eu fiz e estou terminando, é assim, é preto, branco, pessoas diferentes, pessoas magras pessoas gordas, pessoas que tem mal cheiro, pessoas que cheiram bem. Então, tu lidas com todo e qualquer tipo de preconceito tu lida aqui dentro, dentro dos estágios e dentro da vida acadêmica.

Os pais de Patricia são separados. Ela morou com a mãe até os seus 15 anos. Resolveu morar com o pai porque entendia que a convivência com a mãe carecia de disciplina e de incentivo para assumir responsabilidades, entre outras coisas, para com os estudos. Além disso, a forma como a mãe administrava o valor da pensão recebida do pai contribuiu para a tomada desta decisão.

Depois que passou a morar com o pai, sua vida mudou bastante. O pai é mais rígido que a mãe em relação a muitas coisas e cobra muito. Segundo ela, esta situação garante uma harmonia entre ambos, pois, com as cobranças exercidas pelo pai, ela mesma passa a se cobrar também.

Tanto o pai quanto a mãe, após a separação, sempre tiveram namorados. O pai está com a mesma namorada há mais de 10 anos; entretanto, eles optaram por não morarem juntos. “Com isso, eu não me tornei uma pessoa ciumenta. Eu sempre convivi com namorada de pai, namorado de mãe”.

De acordo com o relato de Patricia, a relação com o pai é muito boa, apesar das cobranças. A união, o carinho e a amizade entre os dois são marcantes. “O meu pai é daqueles advogados, bem advogados assim, ele é bem sério, leva tudo muito a sério, mas ele é gente boa. Ele é bem meu amigo, a gente é bem cúmplice”. O sonho do pai sempre foi que a filha morasse com ele, inclusive, durante muitos anos, ele tentou obter a sua guarda através da justiça.

Patricia diz que, durante toda sua infância, não teve da mãe algumas coisas comuns nas relações entre mãe e filho. A mãe não costumava acordar com ela para dar-lhe café. Tinha que acordar sozinha, vestir-se e ir para a escola, por exemplo,

tudo por conta própria. Também, por isso, considera que sua infância não foi tão fácil.

Na adolescência, passou a notar e a fazer comparações entre si e os colegas de escola. Relata que as outras meninas tinham roupas e acessórios de marca enquanto que ela, quando pedia para a mãe comprar algo, esta sempre dizia que não tinha dinheiro. Na época, a mãe não trabalhava e as duas viviam da pensão alimentícia que, segundo ela, girava em torno de dois mil reais.

Em seu entendimento, a mãe vinha aproveitando-se desta condição de receber pensão. Isso fez surgir em Patricia um sentimento de indignação que acabou sendo decisivo para optar por ir morar com o pai. “Quando eu entrei no IPA, eu já morava com o meu pai. Era bem complicado morar com a minha mãe porque ela tem problema de alcoolismo. Com quinze anos, eu vim morar com o meu pai”.

Segundo Patricia, sua vida profissional está muito bem encaminhada e dificilmente não exercerá a profissão. Para reforçar essa intenção, relata a situação vivida por um colega de curso que, após se formar, foi trabalhar de porteiro no prédio do escritório de seu pai porque não aceitava trabalhar em uma Clínica de Fisioterapia e ganhar R\$ 600,00. Ela tem noção de que as coisas costumam ser difíceis, mas entende que poderá tranquilamente viver do trabalho de fisioterapeuta. Ela argumenta que existem muitas oportunidades de trabalho, mas, se não houver esforço por parte do profissional, de nada adiantará. “Não é assim tão fácil, tem que dar uma suadinha na camiseta pra conseguir o lugar”.

Nota-se um otimismo no relato sobre suas expectativas para depois da formatura. Ela se diz preparada, caso o mercado de trabalho não a aceite muito bem em função de sua pouca idade, mas, ao mesmo tempo, tem a certeza de que se conseguiu transpor obstáculos como entrar na faculdade com apenas 18 anos e se formar, também conseguirá ultrapassar mais este desafio. “Assim, se tiver que trabalhar em hospital, vou trabalhar, se tiver que trabalhar em clínica vou trabalhar, o que abrir a porta pra mim eu estou entrando”.

Patricia tem consciência de que deverá iniciar profissionalmente por baixo. Relata saber que não começará ganhando altos salários. “Eu vou ganhar três mil reais por mês quando eu tiver a minha clínica, quando eu tiver o meu espaço, quando eu tiver os meus pacientes. Por enquanto, vai ralar, vai trabalhar em três, quatro lugares. É assim que começa”. Diz que para conquistar seu espaço, sabe que deverá trabalhar duro.

O pai de Patricia é um advogado bastante conhecido e experiente, o que provavelmente lhe resulte em um bom salário. Com base em sua trajetória profissional, pode-se entender a preocupação do pai em incentivar e proporcionar as condições necessárias para que a filha siga o mesmo caminho de sucesso. Esta preocupação do pai pode ser constatada também no fato da filha ter estudado sempre em escola particular.

Dentro deste contexto, cabe ressaltar mais uma vez a seriedade e a determinação de Patricia no que tange a sua formação. Em vários momentos no curso, seu pai tentou ajudá-la, indicando amigos que poderiam abrir-lhe portas para estágios. Entretanto, em nenhum momento ela aceita ajuda, pois entende que a participação do pai em sua formação vai até o pagamento da mensalidade do curso, todos os outros aspectos devem ser superados por ela própria.

Porque, também, se tu não é confiante nas coisas que tu faz e se tu não é confiante no que tu quer, se tu não tem certeza daquilo que tu quer então é melhor tu parar e pensar no que tu está fazendo.

A valorização que Patricia faz do investimento que o pai tem realizado nela pode ser observada não apenas na forma como trata as questões que envolvem a faculdade e sua formação, mas também em seu relacionamento com o namorado, conforme se observa em uma conversa que teve com o mesmo:

Tu está no quinto semestre da fisioterapia, não é o que tu quer, tu não é feliz fazendo fisioterapia, tu não estuda tu não vem pra aula, roda em todas as cadeiras, para e pensa o que tu quer. (...) Tua mãe e teu pai estão trabalhando e pagando pra quê? Tu vai te formar? Vai, um dia tu vai te formar, e aí? Vai fazer o que? vai ser porteiro? E hoje ele faz administração e está super bem, trabalha de carteira assinada.

Com base no relato de Patricia, verifica-se uma realidade bem diferente da vivenciada por ela com a mãe. Há muitos anos sua mãe convive com o alcoolismo. Além disso, no ano de 2007, foi constatado que ela tinha câncer. Este fato possibilitou que a mesma obtivesse recentemente a aposentadoria por invalidez. “A minha mãe, agora que ela teve o câncer é que ela se encostou de vez. Daí ela conseguiu aposentadoria pelo INSS, mas nunca quis também assim, nunca foi de trabalhar, o alcoolismo é brabo”.

#### **4.5.3 Marcos**

Marcos é um jovem de 22 anos que tem como características facilmente perceptíveis os traços que remetem à origem italiana: a fala mansa e certa timidez na forma de se expressar. Está a seis meses de se formar em Fisioterapia pelo IPA. Mora em um apartamento alugado em um bairro de classe média alta, próximo à faculdade. As despesas com moradia são divididas com um outro estudante universitário que mora com ele.

Antes de vir para Porto Alegre, Marcos morava em Bento Gonçalves com os pais e o irmão mais velho, e cursava Fisioterapia na Universidade de Caxias do Sul – UCS. Lá ele estava no início do curso e, mesmo com bolsa de estudos, só conseguia fazer uma ou duas cadeiras por semestre apenas. Quando ingressou na UCS, já vinha fazendo um estágio de auxiliar administrativo remunerado – via ensino médio – em um órgão de transportes ligado à Prefeitura de Bento Gonçalves.

Findado o contrato de estágio, passou a fazer um trabalho de leva e busca de exames médicos de Bento Gonçalves para Caxias do Sul. Os clientes eram todas pessoas conhecidas. Como este trajeto era o mesmo para ir à faculdade, passou a ganhar algum dinheiro fazendo este “bico”. Como a remuneração que ganhava tanto no estágio como no transporte de exames era muito pequena, o pai pagava os seus deslocamentos e a alimentação na faculdade em Caxias do Sul.

A rotina de estudos e trabalho na cidade vizinha durou dois anos. Em determinado momento, Marcos fez um levantamento de quanto gastaria para se formar se continuasse estudando em Caxias e quanto gastaria se viesse estudar no IPA, em Porto Alegre. Apresentou ao pai, que aceitou a troca e concordou com a transferência de faculdade. Já no primeiro semestre no IPA, Marcos conseguiu a concessão da bolsa carência: “(...) ela me disse que eu tinha ganhado bolsa, daí eu não acreditei. Eu sentei na escada e fiquei acho que vinte minutos chorando”.

Logo no início da conversa, Marcos surpreende declarando que se considera um fã do IPA e que, portanto, talvez fosse suspeito para ser entrevistado. Ele prossegue a fala relatando que, no aspecto de ensino, não há como comparar, pois o IPA é muito mais forte que a UCS.

Durante a conversa, repete-se a referência também feita pela sua colega de curso, Paula, a de que na Serra Gaúcha o curso de Fisioterapia do IPA goza de grande respeito e credibilidade junto aos profissionais da saúde, o que se constata igualmente na fala de Marcos.

Outra coisa, o IPA tem uma enorme fama positiva. Lá na região de Caxias, se tu diz que se formou em Fisioterapia no IPA, báh, não precisa dizer mais nada. O curso é muito valorizado lá por todo mundo, principalmente nos hospitais.

Marcos diz que, em virtude do formato do curso ter se concentrado em quatro anos, e não mais em cinco, como era antes, os alunos ficam praticamente sem nenhum tempo livre, visto que os estágios ocorrem sempre no turno inverso ao das aulas. Nesta condição, o pai precisa ajudar em suas despesas, pois praticamente não há tempo para trabalhar sem ter que reduzir o número de cadeiras por semestre. “Eu prefiro fazer tudo agora porque, daí, eu termino antes e é menos dinheiro pro meu pai me sustentar”.

Ele fala que gosta muito do curso. Para ele, só o estágio é um pouco cansativo, mas, mesmo assim, é compensatório porque, quando volta para as aulas, faz a relação com a teoria, o que possibilita nítidas melhorias no tratamento de seus pacientes.

A relação que mantém com a família sempre foi muito boa. As brigas com o irmão se resumiam a pequenos episódios sobre presentes que um ganhava e o outro não. Ele conta que um fato negativo marcante foi quando surgiu um boato de que o pai mantinha um relacionamento com outra mulher em Porto Alegre. Isso porque, no início do casamento (durante dez anos), o pai trabalhava na Capital e morava em Caxias do Sul. Mas, logo depois, não se falou mais no assunto e o mesmo acabou sendo esquecido. Marcos relaciona este episódio com o fato do pai ser “metido a bonito”. E ele não exita em logo complementar: “o meu pai é mesmo bonito”.

Marcos comenta que, quando pode visitar a família, sente dificuldade em atender a todos, pois cada um de seus familiares disputa um pouco de sua atenção. Além disso, ele ainda mantém a relação com os amigos de infância que cobram suas visitas também. Assim ele reclama que, quando vai a Bento Gonçalves, é sempre muito corrido.

Menciona também que tem um pouco de tristeza pelo irmão mais velho, que iniciou a faculdade de computação, mas teve muita dificuldade nas cadeiras que envolviam cálculos e, por isso, acabou abandonando o curso. Atualmente, ele faz um curso técnico em redes de computadores, em Caxias do Sul, e deve se formar no final de 2008. “O curso do meu irmão também é particular, mas é ele que paga, porque ele recebe do meu pai (salário)”.

Nos relatos que Marcos faz da família, percebe-se a relação de amizade e companheirismo que sempre manteve com o irmão mais velho. Algumas coisas importantes para suas vidas eles fizeram juntos e ao mesmo tempo com os estudos na escola, o trabalho para ajudar nas despesas da casa. E quando a família decidiu que era melhor deixarem o trabalho para fazerem cursos de informática, ocorreu o mesmo.

A família do pai mora na cidade de Nova Roma do Sul. Já a família da mãe é toda de Castro Alves; as duas cidades vizinhas de Caxias do Sul. Tanto os familiares do pai quanto os da mãe têm origem italiana. Marcos diz que, a cada final de ano, as famílias reúnem-se para comemorar o Natal e o Ano Novo juntas.

Quando indagado sobre o que vislumbra para sua vida logo após a formatura, Marcos diz que o que realmente sente é medo. Ele menciona o caso de uma colega de curso que também é sua amiga, e que, após se formar, não conseguiu trabalhar na sua área de formação e permaneceu desempregada. “(...) é de estudante para desempregado”.

Considera-se um bom profissional, especialmente porque, em seu entendimento, a troca de faculdade lhe possibilitou um grande crescimento como ser humano e, principalmente, acadêmico. Ele faz comparações entre as duas faculdades, por exemplo, na quantidade de estágios, o que lhe dá um alento de estar sendo melhor preparado para o mercado de trabalho do que quem permaneceu na antiga faculdade.

Marcos pretende fazer pós-graduação, mas ainda não sabe quando. Diz que só poderá fazer quando puder arcar com os custos. Neste momento, sua intenção é mesmo terminar o curso e voltar para Bento Gonçalves. Ele conta que, algum tempo atrás, seu pai estava trabalhando na reforma da casa de um grande diretor de hospital, e esta pessoa, após saber que Marcos estava próximo de se formar, disse para seu pai que Marcos poderia trabalhar com ele.

Na conversa com Marcos, evidencia-se alguns traços identitários da família e seus costumes. Na visão de Marcos, sua família é uma típica família italiana. Segundo ele, seu pai não é de cobrar muitas coisas dos filhos, embora a cada final de ano reprovado resultasse em uma surra.

Sua trajetória familiar é marcada por muito trabalho. O pai de Marcos é encanador autônomo e chegou a Bento Gonçalves fazendo pequenos biscates em residências particulares. Com o passar dos anos, foi se auto-aprimorando, ganhando experiência e fama de bom encanador. Aos poucos, o trabalho foi aumentando no mesmo ritmo em que as coisas foram melhorando. Passou a assumir o trabalho de encanamento de prédios e grandes obras. Logo depois, surgiu a oportunidade de realizar um grande trabalho para a Vinícola Salton e, a partir de então, tem fechado contratos em sua maioria com grandes empresas de Bento Gonçalves e região.

A mãe também trabalhou durante muitos anos em uma grande vinícola, mas há algum tempo dedica-se apenas ao lar. Depois que a mãe parou de trabalhar, o pai continuou pagando sua contribuição para a previdência. É justamente com esta aposentadoria da mãe que Marcos mantém-se financeiramente em Porto Alegre. Sua mãe sempre quis que ele e o irmão fossem iguais aos primos, que estudavam em escola particular e tinham sempre boas notas. Entretanto, hoje, conforme menciona Marcos, os primos não estão tão bem como ele e o irmão.

Então, agora, eu meio que atiro na cara dela. Porque os meus primos estudavam em um lugar diferente, em uma escola particular e eu e o meu irmão em uma escola pública. Então, não adianta, o ânimo era diferente.

No segundo semestre de 2008, foi constatado que o pai estava com câncer e, a partir de então, ele teve que se afastar do trabalho. Marcos diz que, se o médico não tivesse proibido o pai de trabalhar, este continuaria trabalhando até morrer. “O meu pai é lutador e mostra pra nós que a gente também tem que ser”. Com a doença do pai, o irmão mais velho de Marcos, que já o ajudava na empresa, passou a tocar o trabalho sozinho.

Marcos consegue visualizar a melhora na condição de vida de sua família. Ele está prestes a se formar e com perspectivas de trabalhar em sua cidade natal exercendo a profissão que tanto gosta. O irmão tem possibilidade real de seguir administrar os negócios na empresa de prestação de serviços. Logo o pai também estará aposentado como sua mãe.

#### **4.5.4 Leticia**

Leticia tem 22 anos e está no último semestre do Curso de Pedagogia no IPA. Ela mora com uma tia e atualmente está desempregada. Leticia é uma moça sorridente e que se expressa com certa facilidade. Os pais e os irmãos moram no mesmo condomínio que ela, mas em apartamentos diferentes, em um bairro de classe média baixa na zona sul de Porto Alegre.



Sua família é formada pelo pai, que tem 52 anos; a mãe, com 42 anos; e os dois irmãos, um com 20, outro com 12 anos. Ela e os irmãos sempre estudaram em escola particular, mesmo durante o período de grande dificuldade vivido pela família, há alguns anos. A família de Leticia e a tia moram em um mesmo condomínio popular distante 30 minutos do centro da cidade.

Leticia e os irmãos fizeram a pré-escola também na zona sul. Depois, ela e o irmão maior foram para uma escola privada, o colégio Sevigné, que fica no centro da Capital, onde fizeram o ensino fundamental e o médio. Na sétima série, o pai de Leticia perdeu o emprego. Diante desta situação, ela procurou a diretora e conseguiu uma bolsa de 80% para ela e 20% para o irmão durante aquele ano. Depois disso, a bolsa de ambos passou para 20% até o final do ensino médio.

Seu sonho sempre foi cursar Administração, diz Leticia. O primeiro vestibular para este curso foi na UFRGS, logo depois da conclusão do ensino médio, mas ela não passou. No ano seguinte, fez curso preparatório para o vestibular – cursinho. Tentou novamente uma vaga na Universidade Federal, então para Pedagogia, pois, segundo ela, não teria chances de ser aprovada para o curso Administração.

No mesmo ano que tentou o curso de Pedagogia na UFRGS, Leticia inscreveu-se para o Vestibular do IPA, também em Pedagogia. Como não conseguiu aprovação na Federal, acabou matriculando-se mesmo no IPA. Na ocasião, cogitou também estudar na PUCRS, mas, financeiramente, o IPA era mais viável, principalmente pelo fato de ter uma unidade bem próxima da sua casa.

A partir da metade do curso, Leticia passou a se questionar se estava realmente estudando o que gostaria. A rotina de estágios no turno inverso às aulas tornara-se bastante cansativas, conforme seu relato. Ela reclama da “confusão” dos alunos terem que arrumar os seus próprios estágios curriculares, pois, sem estes, não poderiam continuar o curso.

Para Leticia, a época dos estágios foi, além de cansativa, muito difícil. Ela diz que ficou muito descontente, a ponto de pensar em trancar a matrícula. Esta

desmotivação, vivida em parte de sua trajetória no curso, deve-se também à atuação dos professores em sala de aula.

Eu não tinha vontade de vir pra aula e também os professores não me davam vontade de vir aqui pra aula. Porque eu vinha aqui na aula e não tinha nada, era só umas coisas. Os professores não me motivavam a estar presente também. Então, era dos dois lados que balançava, né?.

Ela menciona também alguns problemas vividos junto aos professores e à coordenação do curso, no penúltimo semestre, em função do excesso de atividades e de avaliações em um curto espaço de tempo, o que, para ela e os colegas, era inviável de administrar, em função dos estágios e trabalhos de cada um.

(...) então eles deram um livro pra gente ler, um livro inteiro, e fazer resenha do livro, e fazer mais apresentação de trabalho, e mais a Mostra Pedagógica, e mais o relatório, e mais os trabalhos que eles dão, e não é só um, todos dão.

Além das dificuldades mencionadas por ela, os sérios problemas de saúde na família contribuíram para aumentar ainda mais a desmotivação vivenciada em determinado momento.

Apesar das dificuldades relatadas, Leticia conta que criou muitas amizades durante o tempo que está na faculdade. Ressalta também a grande heterogeneidade de sua turma.

Ela entende que nos dias de hoje é fundamental o profissional especializar-se. Isso porque o mercado de trabalho está cada vez mais concorrido e, com certeza, a qualificação profissional abre muitas portas.

Que nem no meu caso, eu não tenho magistério, entre uma pessoa que tem faculdade de pedagogia e magistério e outra que só tem a pedagogia, eles vão escolher a pessoa que tem magistério.

Prestes a concluir o curso, ela se diz em dúvida sobre sua profissão. Afirma não conseguir ver-se daqui a 20 anos dando aula. “Eu não sei, como é que eu vou te dizer, eu gosto da pedagogia, gosto de criança, mas não sei se é isso que eu quero.

Agora, terminando o curso, é “ótimo” né?”. De todo modo, entende que a escolha por cursar Pedagogia não foi uma decisão errada.

Leticia reclama que, durante todo o tempo de faculdade, privou-se de muitas coisas de que gostava muito, mas que agora, depois que se formar, terá mais tempo para fazer tudo aquilo que não pode durante o curso.

Quanto à visão de seu futuro, Leticia diz pretender fazer pós-graduação em Educação Especial, mas, ao mesmo tempo, revela que gostaria de cursar também Psicopedagogia ou Pedagogia Empresarial. “Porque eu pensei em fazer Pedagogia Empresarial e pensar, se eu realmente gostava mesmo e, aí, encaminhar para fazer Administração”. Suas palavras demonstram uma indecisão em relação ao caminho a tomar neste momento da vida.

Durante a conversa, ela revela que o seu grande sonho é fazer uma viagem para o exterior. Relata que há muito tempo acalenta este desejo e que talvez somente agora possa realizá-lo. Ao mesmo tempo, diz que pretende fazer o concurso para a prefeitura de Porto Alegre, e que, se for aprovada, terá que adiar a viagem mais uma vez. Leticia se vê como uma pessoa que está correndo atrás de seus objetivos.

Ela e o irmão maior foram criados pelos avós maternos que moravam no mesmo condomínio que os pais escolheram para viver após o casamento. Os pais tinham que trabalhar o dia inteiro, por isso ela e o irmão ficavam com os avós.

A relação familiar tem sido permeada pelo sofrimento devido aos problemas de saúde enfrentados. Quando ela tinha 14 anos, sua mãe teve um aneurisma, o que comprometeu seriamente a sua memória.

É que o quadro dela, como é que eu vou te dizer, nos primeiros meses ela não reconhecia nada, tu entrava lá ela te falava alguma coisa dizia, que tu não era filho dela, sabe? Então, ela voltou do hospital bem diferente né?. Ela tem recordações, ela sabe quem é os filhos dela, mas coisas do presente tem que ser muito marcantes pra fixar. O tratamento é só com terapia ocupacional.

Com a debilitação, a mãe teve que se afastar do emprego até conseguir se aposentar por invalidez, há pouco tempo. Este problema de saúde trouxe muitas implicações na vida da família.

Na mesma época, o pai foi demitido da empresa em que trabalhava, o que acabou por permitir-lhe dar uma maior atenção para a esposa, que precisa de cuidados especiais. Desempregado, o pai de Leticia passou a fazer “bico” como taxista durante um ano. Devido à situação de saúde da mãe, Leticia e os irmãos foram morar com os avós durante dois meses. Passado o trauma inicial, os filhos voltaram para casa.

Nesta época, o irmão mais novo tinha apenas quatro anos de idade. Conforme conta Leticia, ele foi o que mais sofreu devido ao problema de saúde da mãe. Desde então, este irmão passou a ter problemas de relacionamento com as pessoas de fora da família, parou de estudar por um tempo e hoje sofre de um tipo de depressão. Ela comenta que o irmão necessita de acompanhamento psicológico, mas que os pais não veem com bons olhos este tipo de tratamento.

Antes, ele descia pra rua, mas na terceira série foi quando ele empacou. Ele tinha uns oito anos, daí começou a desmoronar o mundinho dele. Ele tem amigos só que ele não sai pra rua. E ele parou com o acompanhamento. (...) É que ele era muito pequeno e a minha mãe mudou bastante né? E tu ficar dois meses sem mãe e pai.

No início deste ano, ele voltou a estudar, mas não se sentiu bem porque era o mais velho da turma; todos os outros colegas eram mais novos e menores do que ele. A escola em que o irmão está matriculado é particular e o pai é quem paga a mensalidade.

Depois de algum tempo, Leticia voltou a morar com os avós maternos que eram seus vizinhos de condomínio, pois a avó estava sofrendo de mal de Parkinson e precisava de cuidados. Com o falecimento da avó, dois anos depois, Leticia permaneceu morando com o avô e sua tia. “A questão de eu morar com a minha tia partiu de mim. Não fui imposta a morar lá e também não fui obrigada a voltar. É que foi aos poucos, não foi assim, ah! vou morar aqui”.

Quando estava no penúltimo semestre do curso, seu avô teve diagnosticado câncer no pulmão. Diante desta situação, Leticia dividia a atenção das questões da faculdade com o auxílio no cuidado do avô. O falecimento deste avô ocorreu no início do último semestre do curso.

Leticia mantém uma relação mais próxima com a família da mãe, originária da cidade de São Borja, do que com a do pai, que mora em Viamão. Mesmo assim, ao final de todos os anos, eles se reúnem, tanto com os familiares do pai quanto com os da mãe. Ela será a terceira neta materna a se formar. Na família, já há uma prima Veterinária e outra Psicóloga; como neta paterna, será a primeira.

O irmão mais velho de Leticia passou no vestibular em uma faculdade privada no centro de Porto Alegre. Ele havia iniciado um curso técnico em informática, mas não gostou, por isso largou-o na metade. A mensalidade de sua faculdade também é paga pelo pai.

O meu irmão é mais presente porque ele mora com os meus pais mas a gente sempre se fala. Tipo assim, eu vou lá uma vez por semana, assim. (...) A gente sai pra ir nos parentes juntos. Eu só não moro com eles mas a nossa relação é bem legal é bem presente.

Ela faz questão de mencionar a admiração que tem pela tia, com quem mora. Segundo ela, a tia sempre teve muita fibra, pois cuidou durante muito tempo dos pais quando estes adoeceram. Leticia nutre um carinho especial pelo pai que considera uma pessoa muito esforçada. “Ele não é daquelas pessoas que ficam paradas, ele não, ele vai. Agora ele caiu e machucou aqui a rótula do joelho, mas está indo trabalhar, não parou”.

Seu pai completou apenas o ensino fundamental. Quando ficou desempregado durante o problema de saúde da esposa, teve dificuldade na recolocação profissional em virtude da pouca escolaridade. Por indicação de um amigo, conseguiu admissão no emprego atual, numa indústria química. Trabalha na área de produção e tem um bom salário. Apesar de não ter feito faculdade, demonstra preocupação com os estudos dos filhos, conforme relata Leticia.

O meu pai, como é que eu vou te dizer? Ele incentiva muito eu a estudar. Porque ele não teve isso e ele sabe que é importante. Quando ele ficou desempregado, ele sofreu, tu não consegues muita coisa.

A mãe completou o ensino médio e entrou na faculdade. Entretanto, após o nascimento da filha, teve que abandonar o curso. Antes do problema de saúde, ela trabalhava no Serpro – Serviço Federal de Processamento de Dados, na área burocrática e fazia costuras. Já a tia (irmã da mãe) com quem Leticia mora e a avó materna eram professoras. O avô materno trabalhou durante muitos anos de sua vida como taxista, em Porto Alegre.

#### **4.5.5 Sara**

Sara é aluna do IPA, unidade Cruzeiro do Sul, onde cursa o último semestre de Pedagogia. Considera-se uma pessoa tranquila, que valoriza as coisas simples da vida. Tem 27 anos, é casada desde 2006 e seu marido tem 26 anos. Moram em uma localidade no extremo sul de Porto Alegre. Seu bairro, Vila Aurora, além da estrada de chão, reúne muitas características de zona rural, constituído em sua maioria por pequenas chácaras e sítios, além de cavalos e vacas serem facilmente encontrados em um passeio pelas ruas; também existe uma reserva indígena, na qual Sara é professora.

Já nos primeiros minutos de conversa, tem-se a certeza de que ela é completamente apaixonada pelo lugar onde mora. Conforme conta, no seu bairro não tem muitas coisas, comparando-o em termos de infra-estrutura com locais mais nobres e modernos; porém, segundo Sara, tem muitas coisas que compensam, e muito.

Só que tem aquela outra vizinhança, aquela que tu pega uma xícara de açúcar quando o teu terminou, que recolhe a tua roupa pra ti porque chuveou e fecha a tua casa se tu saiu e deixou a casa aberta. Então é ótimo, é outra coisa lá, os valores são outros.

Sara mora com o marido em uma pequena propriedade que ganhou do pai quando se casou, em frente à chácara de sua família. Ela tem uma irmã de

17 anos que mora com os pais, o senhor João, de 54 anos e a senhora Neuza de 49.

Seus estudos foram realizados em escolas do município e do estado. Até a metade do ensino fundamental, estudou no próprio bairro e, após a quarta série, teve que ir para uma escola no bairro Lami, a Dr. Coelho de Souza. O ensino médio também foi feito em outro bairro, Belém Novo, na escola Dr. Glicério Alves. Sara completou os estudos fazendo o curso de Magistério no Instituto Isabel de Espanha, na cidade de Viamão.

A ideia que tinha do curso superior era refletida das imagens de infância relativas às primas, que cursavam Medicina e Pedagogia e não faziam outra coisa senão estudar. Portanto, Sara associava a faculdade à perda de coisas que gostava muito, como sair a cavalo sem hora para voltar, tomar chimarrão, passear com os amigos, brincar com os cachorros.

O receio em relação ao ingresso na faculdade baseava-se também no fato dela residir em uma localidade muito distante de tudo, o que implicaria chegar em casa todos os dias após a meia noite.

É, então, me desesperei e agora, conversando contigo, talvez encontrei a resposta. Eu não sabia porque me desesperei tanto, talvez fosse por isso, né?. Tão longe de tudo, é um outro mundo, é um outro mundo né?. Eu me criei lá, por uma família com valores de fora ainda. Moro lá há vinte sete anos. Meus pais moram lá desde que nasceram.

Ao mesmo tempo, Sara apostava em que, fazendo faculdade, aumentaria as suas possibilidades de arrumar um emprego, visto que, na época, estava desempregada. “Não pode ser um bicho de sete cabeças, todo mundo estuda, todo mundo faz, eu tinha esse medo do curso superior”.

A decisão de Sara contou com a influência de um amigo de rodeios que, então, era universitário do IPA. O amigo foi o responsável pela agilização de todo o processo de inscrição no vestibular. Ela diz, também, que a mãe foi outra pessoa que volta e meia lhe perguntava se gostaria de estudar e dizia que pagaria a mensalidade do curso, acaso ela aceitasse.

Logo no primeiro semestre do curso, Sara inscreveu-se para o programa de bolsa carência e foi contemplada com 50% de abatimento da mensalidade.

Dentro da faculdade, Sara viu que boa parte do que imaginava poderia ser diferente, dependendo de como encarasse as responsabilidades com os estudos. Logo assimilou que a disciplina e o empenho nas aulas eram fundamentais para alcançar um bom rendimento no curso.

Talvez, se eu não tivesse pensado assim, tivesse levado de barbada teria sido difícil, estaria te dizendo agora que teria sido muito difícil. Mas como eu me preparei, assim, de chegar a chorar, então foi tranquilo.

Ela compara o campus onde estuda com o bairro onde mora. O fato de todos se conhecerem e se ajudarem, a relação de afeto entre funcionários e alunos em que todos se querem bem, empresta ao lugar um ar de cidadezinha do interior. “Ao contrário de outras pessoas que pensam: ah! é um campus pequeno, é o campus pobre. Isso é muito interessante, isso é muito bom. E tu não vê isso em outras instituições”. Peculiaridades como as de seu campus, Sara garante não existir no Campus Central pelo fato de ser muito maior.

Por outro lado, ela é enfática quando se queixa dos professores que estão prestes a se aposentar e se posicionam negativamente em relação à profissão.

Ai coitadinha saiu do curso agora, acha que tudo é um sonho, que vai ser uma maravilha e a coisa não é bem assim. Não é bem assim porque tu não quer fazer assim. Se tu te mexer pra fazer assim vai ser como é que tem que ser né?.

Mesmo assim, para Sara, a realização do curso possibilitou encarar o mundo sob um outro ângulo. Diferentemente do que imaginava como regra do ensino superior, onde o conhecimento seria “plantado” na cabeça de cada um, a convivência com os professores e as reflexões feitas em sala de aula ampliaram sua capacidade de compreender as diferenças.

A surpresa em receber da faculdade e do curso valores tão “ricos” lhe possibilitaram levar tudo isso para outros ambientes, fora do meio acadêmico. Ela



credita à faculdade a adoção de uma postura que incentiva as pessoas e, principalmente os familiares, à reflexão sobre esta “humanização”.

Sara diz que a irmã está na fase das “crises de adolescente” e que, no caso dela, há um agravante pelo fato da família cultivar fortemente os valores ditos “antigos” ou “lá de fora”. Ela diz que a irmã se acha um “ET” porque não pode fazer as coisas que outras jovens de sua idade fazem. A maioria das suas amigas não mora no seu bairro, participam do Orkut, usam o MSN e compartilham suas experiências pela web.

Na sua opinião, esta situação é muito complicada. Sara compreende os anseios da irmã por já tê-los vivido e, ao mesmo tempo, tem pena da mãe porque, ao tentar “proteger” a filha das coisas ruins, ela acaba entrando em conflito com a menina, o que gera grande sofrimento para as duas. Sara acha que se a mãe e a irmã conseguissem encontrar um equilíbrio na relação, resolveriam este problema.

Sua postura em relação à situação da irmã reflete sua maturidade. Ela procura manter um diálogo e uma proximidade permanente com a irmã mais nova. Através de conversas, tenta fazer com que sua irmã compreenda a importância da preocupação dos pais sobre sua educação. Sara entende que precisa ter abertura com a irmã porque a mãe possui um padrão conservador que a impede de conversar assuntos como sexo, por exemplo. “(...) eu vou ser a pessoa que vou ter que fazer esse intermediário, que vou levar na ginecologista, que vou incentivar a usar preservativos, que vou cuidar dela”. Sara sabe bem o papel que deve cumprir como irmã mais velha, por já ter passado por esta fase vivida pela irmã e ter “sobrevivido”.

Durante a conversa sobre os problemas da irmã mais nova, Sara deixou escapar uma informação significativa: “Eu tive isso também, acho que tive, porque eu sempre quis fazer Veterinária e acabei fazendo Pedagogia”. A revelação foi surpreendente porque em nenhum momento da conversa, inclusive após proferir a referida frase, ela demonstrou qualquer indício de que o curso de Pedagogia não era o que sonhava cursar.

Sara relata que é normal a família repreender o pai, em razão dele fazer uso de medicação para o coração e a pressão e, mesmo assim, aos finais de semana tomar caipirinha frequentemente. Diz que o pai é do tipo “durão” e que acha que nada vai lhe acontecer.

Sara lembra que, quando passou no vestibular, a mãe ficou “elétrica” de tão feliz. Já o pai, fez alertas do tipo: “diploma não garante sucesso pra ninguém”. Mas logo ela complementa sua fala, defendendo o pai: “Ele é muito realista, ele é muito pé no chão”.

Ela diz que se considera uma mescla dos dois, mas, na verdade, acha-se mais parecida com o pai do que com a mãe porque é mais explosiva e, principalmente, porque também tem dificuldades com o novo. Segundo ela, a mãe não tem preocupação alguma com as questões materiais; já seu pai é um pouco mais “consumista”. Sara considera este jeito desapegado da mãe um dos valores da educação que está herdando.

Depois de ingressar no curso, algumas conversas com a família tornaram-se mais acaloradas em função dos posicionamentos incisivos de Sara sobre a importância de se aceitar o “diferente”. Entretanto, mesmo com as divergências de pensamentos, ela entende que sua família pode ser considerada uma “família estruturada”, especialmente porque, nela, os valores familiares são muito fortes.

Esta proximidade entre os familiares pode ser entendida também pela forma como a família Fagundes, como é chamada pelos amigos, vive. Praticamente todos os parentes moram no bairro Canta Galo. Os avós paternos e maternos, os tios e tias, os primos e primas, todos residem no mesmo bairro. E mais, seus pais são irmãos de seus padrinhos e estes residem no mesmo sítio dos pais de Sara.

E a minha família tem essa coisa dos valores. Pô! Como é bom quando tá todo mundo bem, todo mundo reunido, todo mundo feliz. (...). Então a gente faz, sempre quando a gente se reúne a gente ora. Sempre a gente faz uma oração pra agradecer porque tá todo mundo junto, não tem ninguém doente, que Deus permaneça nos dando saúde porque a gente não precisa de mais nada, só de saúde. Tendo saúde e trabalho, do que mais a gente precisa?.

Para Sara, o mais importante em sua profissão não é a remuneração, mas o retorno em termos de satisfação. Em seu discurso, nota-se uma valorização do trabalho exercido pelo professor. Segundo ela, o professor tem em suas mãos uma oportunidade ímpar para mudar a vida de uma pessoa.

Sara teve outras experiências profissionais, como caixa de restaurante e em escola de educação infantil. Mas, sem dúvida, é no emprego atual, uma escola de alfabetização dentro de uma reserva indígena, que se mostra verdadeiramente realizada. Pensa que as melhores oportunidades costumam aparecer para quem as procura e, por isso, não pretende se acomodar. Sabe que muito vai depender da sua formação e de seu próprio esforço.

Ela pretende aprofundar-se em educação indígena, fazer especialização e mestrado. Entretanto, crê que cada coisa deve ser assumida em seu tempo. Por isso, devido ao fato de estar muito cansada no final de seu curso, decidiu pensar em pós-graduação apenas para o ano de 2009.

O marido de Sara nunca gostou de estudar. Sempre pensou que o tempo que gastaria com estudos estaria perdendo de fazer outras coisas de que gostava. Concluiu o ensino médio ao custo de muita cobrança dos pais. “Ele é muito, muito de cola solta, assim como a gente fala lá fora. Muito de tá, sai a cavalo, volta de tardezinha, então, mas ele me deu a maior força (nos estudos)”.

Quando os dois se conheceram, ele trabalhava no Centro de Registro de Veículos Automotores – CRVA – do bairro Cristal, em Porto Alegre. Trabalhou como cobrador de ônibus e inspetor de qualidade de um grande aviário na zona sul. Depois de casados, trabalhou de motorista durante dois anos, com o pai de Sara. Atualmente, tem uma micro-empresa e trabalha em casa, na confecção de artigos em couro.

O apoio do marido foi fundamental para continuação dos estudos de Sara. Na sua concepção, a harmonia do casal está acima de projetos como este. Por isso, comenta com certo ar que denota sentimento de alívio e gratidão ao mesmo tempo:

se não tivesse tido todo o apoio e a compreensão do marido, provavelmente não teria ingressado na faculdade.

Os pais de Sara têm apenas a quinta série do ensino fundamental. Das quatro pessoas de sua família, ela será a primeira e se formar no terceiro grau. Seu pai tem uma pequena empresa de transportes que loca caminhões para a Prefeitura de Porto Alegre. Ele também é um dos motoristas e dirige os caminhões. Sai de casa todos os dias às seis da manhã e volta às sete da noite. O tio, que também trabalha na empresa e é sócio do pai, fica mais em casa, fazendo os contatos e dando o suporte necessário. Ela comenta que o pai não para nunca; os sábados ele reserva para lavar os caminhões.

A mãe de Sara trabalha em casa; faz costuras. Sobre isso, o pai as vezes brinca: “costurando ela ganha mais que eu”. Sua irmã ainda não trabalha, está terminando o ensino médio. Já está definido com a mãe que ela fará um curso técnico de informática no ano de 2009.

#### **4.5.6 Nadia**

Nadia está concluindo o penúltimo semestre do curso de Pedagogia do IPA, unidade Cruzeiro do Sul. É representante de turma e membro do colegiado do curso há dois anos. O filho de 14 e a mãe de 72 anos moram com ela, e constituem a sua família. Além dos dois, Nadia também tem um “namorado”, como ela chama o namorado, com quem já está há um bom tempo.

Ela tem 42 anos e costuma se destacar por falar com rapidez e intensidade. Mesmo apresentando simpatia, considera-se uma pessoa que acumula histórias tristes ao longo da vida. Mora em casa própria num bairro de classe média na zona sul da cidade.

Ela faz questão de registrar que seu ingresso na faculdade foi marcado como o final de uma fase muito ruim em sua vida. Ela trabalhou durante dez anos em um

escritório de arquitetura, no bairro onde mora. Neste emprego fazia, desde as tarefas mais simples, até as que envolviam maior responsabilidade. Comenta que era ela quem praticamente tocava sozinha o escritório, pois a arquiteta vivia na rua vistoriando as obras. Fala também que o trabalho era muito desgastante e fazia com que Nadia vivesse sempre estressada e esgotada.

Em determinado momento, através de exames, foi diagnosticado que Nadia estava com um sério problema de saúde e precisaria submeter-se a uma cirurgia com urgência. Em virtude de complicações cirúrgicas, ela ficou internada na unidade de tratamento intensivo durante mais de 20 dias. Neste período, esteve entre a vida e a morte, relata, tendo recebido, por três vezes, a extrema-unção. “Foi um momento muito difícil pra mim porque, eu estava morrendo e eles não sabiam o que fazer”.

Devido às complicações com a saúde, precisou se afastar do trabalho. Em casa, sem poder trabalhar por durante um ano, teve sérios problemas de depressão. Nadia conta que, nesta mesma época, folhando o jornal, viu um anúncio do vestibular do IPA e resolveu “fazer só por fazer”.

Escolheu o curso de Pedagogia ressaltando que, quando tinha 16 para 17 anos, o que queria mesmo fazer era Psicologia, mas naquele momento da vida não imaginava fazer faculdade. “(...) eu fiz a minha inscrição de última hora, assim, quase antes do banco fechar. Foi de última hora, por isso que eu caí de pára-quadras na Pedagogia”. A partir da entrada na faculdade muita coisa mudou em sua vida.

Ela diz que, no início do curso, ficou muito assustada com o grande número de cadeiras que teria que cursar a cada semestre e, ainda, dar conta de sua casa, do filho e da mãe, que também tem problemas de saúde. Mas, na medida em que recebia os ótimos resultados obtidos nas avaliações, foi motivando-se a continuar.

Nadia relata que, durante boa parte do curso, tudo foi “muito corrido”; não sobrava tempo para praticamente nada. A semana era preenchida pelas aulas, pelos estágios e também pelo curso de Assistente Educador do Senac, que fez durante seis meses. Aos finais de semana, durante quase todo o tempo de faculdade, as colegas reuniam-se em sua casa para fazer os trabalhos e relatórios das cadeiras.

Sobre seu desempenho acadêmico, vangloria-se dizendo que a maioria de suas notas foi dez.

O melhor momento vivido por Nadia durante sua trajetória no curso foi quando realizou um estágio extracurricular na escola Estadual Odila Gay da Fonseca, próxima à sua casa.

Bom, foi a melhor coisa da minha vida. Eram dezesseis crianças. Sabe o que é tu chegar numa sala e tu ficar parada na porta porque as crianças vinham te dar um abraço coletivo e quase te derrubavam no chão? Cada dia que preparava aula, eu que escolhia as atividades, eu cantava, eu pulava. Aquele momento que eu vivi, eu dizia assim, meu Deus, é isso que eu quero.

A experiência no estágio da escola na zona sul foi tão importante para Nadia que, após o término do contrato, ela permaneceu dando aula na Escola por mais algum tempo como voluntária. “Assim, aquele momento foi mágico pra mim, que eu disse, bom, eu tenho tudo a ver com a Pedagogia”.

Um outro fato que chamou sua atenção foi quando teve a oportunidade de conviver com alunos portadores de necessidades especiais – PNE's. Conta que aquele foi um momento muito especial para ela dentro do curso porque constatou que teria a oportunidade de aprender muito com cada um daqueles alunos.

Todavia, Nadia menciona que nem tudo foi tão bom durante a realização do curso. Após o estágio da escola próxima a sua casa, seu entusiasmo com a faculdade foi se perdendo. Segundo conta, existem diferenças entre o que os professores pregam e cobram nas aulas e o que realmente é possibilitado aos alunos desempenhar nos locais de estágio. Para ela, o discurso docente não é colocado em prática no mercado de trabalho; não por desinteresse dos alunos, mas sim pela postura dos profissionais mais experientes.

A decepção sentida na realização de outros estágios, associada a algumas desavenças com colegas e professores do curso contrastam com o empenho e a dedicação que manteve durante toda sua trajetória acadêmica. Ela sempre encarou

a faculdade como um desafio a ser superado, especialmente pela idade em que cursou.

Observando sua história acadêmica e levando em consideração o momento vivido na época da chegada no curso, pode-se constatar que a faculdade preencheu um papel importante, inclusive dando sentido à sua vida. Porém, as experiências negativas vivenciadas durante o percurso no curso expõem certa fragilidade e insegurança em assumir a atividade como professora.

Nas questões familiares, Nadia é cobrada, tanto pela mãe quanto pelo filho. Este último gostaria que ela dedicasse mais tempo a ele. Diz não entender porque a mãe se envolve tanto com as colegas e passa o tempo todo fazendo trabalhos da faculdade no computador. Para ele, a mãe só pensa no IPA e não nele.

Então, agora as coisas são tudo por mail, né? Então, tem dias assim que eu engato o dia inteiro, não levanto nem pra almoçar. A minha mãe pega e me dá sanduíche, me dá não sei o que, porque não dá tempo, tá? Então, enquanto mãe, eu acredito que o meu filho me cobra bastante, e eu tenho problema com o pai dele também, então, porque eu sou mãe, pai, periquito e papagaio.

Nadia diz que, pelo fato de viver estressada, o que por vezes a faz chegar em casa chorando, sua mãe costuma brigar com ela frequentemente, pois entende que ela não deveria se envolver tanto com as aulas e sempre acaba prejudicando sua saúde. “Então eu, enquanto filha, levo uns “pitacos”, apesar de ter quatro ponto dois, levo uns “pitacos” né?”. Ela também reclama dizendo que a mãe costuma afirmar que as características negativas Nadia herdou do pai.

Seu ex-marido foi presente em sua vida somente até o filho completar dez anos, quando moravam em uma casa alugada no mesmo bairro em que residem hoje. Depois da separação, ocorreu um distanciamento, principalmente porque este passou a ter relacionamento e filhos com outras mulheres.

O namorado de Nadia é médico e, segundo ela, vive correndo; trabalha em três cidades ao mesmo tempo. Eles chegaram a morar juntos, mas, como o namorado tinha duas ex-esposas e isso causava alguns inconvenientes, Nadia

preferiu mandar o namorado embora de sua casa. Atualmente, eles se veem somente quando sobra tempo. “As duas ex-esposas passavam o final de semana inteiro ligando, torturando, torturando, torturando, eu quase enlouquecia”, conta ela.

Nadia não pretende parar de estudar. Este desejo fica evidente quando ela fala sobre o “gosto” que adquiriu pelas leituras, pela possibilidade de criar e realizar os trabalhos. Fala que tem pensado em fazer pós-graduação em Psicopedagogia, pois assim ela estaria mais próximo do que gosta, que é trabalhar com portadores de necessidades especiais. Mas fala também que já esteve pesquisando e o curso é muito caro. Deste modo, dificilmente teria como pagar a mensalidade.

Durante a conversa, Nadia revelou que gostaria muito de montar uma escola de educação infantil, em sociedade com alguém, assim poderia desenvolver as teorias que aprendeu no curso e mostrar o seu “diferencial”, coisa que não conseguiu realizar plenamente durante o tempo de faculdade. Por outro lado, ainda durante a conversa, comentou que está inscrita em um concurso da Fundação Estadual de Proteção Ambiental – Fepam – e que, se conseguir passar, seu futuro estará garantido.

Durante o tempo que conversou sobre aspectos que envolvem a formatura, o futuro, a atuação profissional e o mercado de trabalho, Nadia deixou evidente seu desinteresse pela docência, ou talvez, o que conte mais seja mesmo a remuneração segura do emprego público.

Nadia cresceu sem ter a figura do pai ao seu lado. Sua mãe foi casada durante dez anos. Quando ficou grávida e nasceu uma menina, o pai não a assumiu porque queria um menino. Assim, ela acabou sendo criada pela avó materna com quem morou durante toda a juventude, juntamente com a mãe. “(...) a minha mãe tinha que trabalhar de manhã, de tarde, de noite e de madrugada pra mim comer, pra mim ter um teto pra morar, pra mim ter roupa”.

Nadia começou a trabalhar ainda muito nova. Com doze anos, por intermédio da mãe, foi ser secretária em um consultório médico. Ainda menor de idade, e novamente por intermédio de sua mãe, conseguiu uma vaga em uma casa de jogos



que funcionava no centro de Porto Alegre. “Então eu trabalhava enquanto todo mundo ia passear e fazer festa”.

Trabalhou como coordenadora de digitação no Jockey Clube do RS, onde conheceu o marido que, na época, era segurança. Na Companhia Estadual de Energia Elétrica – CEEE – atuou durante dez anos como contratada. No ano de dois mil e três – depois de dez anos de espera – recebeu a indenização da CEEE. Ela conta que, com o dinheiro que recebeu, pôde comprar e reformar a casa e hoje vive com alguns “confortos”.

Quando o filho nasceu, o marido não deixou que ela trabalhasse fora; preferiu que ficasse cuidando do menino em casa.

Eu não sabia o que era ir na esquina a pé. O Junior foi andar de ônibus depois de grande. Porque, se eu tinha que ir no pediatra e ele não estava por ali, ele me dava dinheiro e eu tinha que ir de táxi. (...) Então, eu posso dizer que, assim, eu tive uma vida de dondoca, quatro anos.

Conforme já mencionado, tempos depois, Nadia foi trabalhar no escritório de arquitetura próximo a sua casa. Financeiramente, ela mantém as despesas da família com alguns “pilas” que sobraram, com a aposentadoria da mãe e a ajuda do namorado. “Tem também o pai do meu filho assim... Eu não quero falar dele que é outro problema na minha vida ta?”.

#### 4.6 OS DIVERSOS SENTIDOS DA INCLUSÃO

A seguir, pretende-se analisar os diferentes significados que a inclusão no ensino superior pode ter na vida dos estudantes que foram alvo dessa pesquisa. Usando como recurso as noções de trajetórias individuais e familiares, mobilidade social e campo de possibilidades, conforme foram trabalhadas por Gilberto Velho (1994; 1981), serão discutidos os aspectos referentes à realidade sócio-cultural e financeira dos alunos e suas famílias e, também, a repercussão das escolhas feitas por estes no processo de implementação de seus projetos de formação.

Conforme Velho (1994):

As trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos. A viabilidade de suas realizações vai depender do jogo e interação com outros projetos individuais ou coletivos, da natureza e da dinâmica do campo de possibilidades. (VELHO, 1994, p. 47)

Com a realização das entrevistas, pode-se conhecer um pouco da vida pessoal e familiar de cada um dos estudantes. Ao observar a trajetória ocupacional paterna, notou-se certa uniformidade. Com exceção do pai da aluna Patrícia, que tem nível superior, é advogado, uma profissão com maior prestígio e que possivelmente tenha melhor remuneração, os demais exercem profissões com status relativamente baixo. São profissionais autônomos que exercem trabalhos manuais.

Sobre as mães dos alunos pesquisados, a grande maioria tem como principal atividade os afazeres domésticos. Apenas uma das mães trabalha fora; é funcionária pública em uma prefeitura de uma cidade da região serrana. No que se refere à escolarização dos pais dos estudantes, observou-se uma predominância de baixa escolarização.

Estudante	Curso	Pai		Mãe	
		Ocupação	Instrução	Ocupação	Instrução
Leticia	Pedagogia	Operário	Ensino Fundamental	Do lar	Ensino Médio
Marcos	Fisioterapia	Encanador	Ensino Médio	Do lar	Ensino Médio
Nadia	Pedagogia	Atendente no Comércio	Não informado	Do lar (aposentada)	Não informado
Patricia	Fisioterapia	Advogado	Superior	Não informado	Ensino Médio
Paula	Fisioterapia	Eletricista	Ensino Médio	Funcionária Pública	Técnica Enfermagem
Sara	Pedagogia	Motorista	Ensino Médio	Do lar (costureira)	Não informado

Quadro 2: Instrução e ocupação profissional dos pais dos estudantes entrevistados  
Fonte: Quadro elaborado pelo pesquisador.

Constatou-se também que, mesmo as famílias em que os pais não possuíam altos rendimentos, conseguiram arcar com as mensalidades dos cursos de graduação dos filhos. Inclusive, em uma delas, os pais já haviam se responsabilizado pelo pagamento da faculdade da filha mais velha e agora pagavam

os estudos da filha menor. Ou seja, em alguns casos, as famílias mantinham um padrão de vida razoável, pois conseguiam arcar com as despesas da casa e ainda financiar os estudos dos filhos que moravam em Porto Alegre. Estas situações remetem a Furlani (1998) que afirma que a conquista do diploma de ensino superior representa um desafio não apenas para o estudante, mas também para a família pois, para esta, a permanência do filho na universidade implica em esforços financeiros; a incorporação do espírito da “ética do sacrifício”.

Nota-se que o fato dos pais da maioria das famílias não possuir nível superior não impediu que os filhos ingressassem na universidade. Presume-se que a entrada e a permanência dos filhos na faculdade deva envolver o recebimento de incentivo moral ao estudante (já que auxílio financeiro ficou comprovado que muitos recebem) por parte dos pais. Pistas encontradas durante o contato com os estudantes levam a aceitar com naturalidade esta hipótese.

Como exemplo disso, cita-se os dois estudantes do curso de Fisioterapia que deixaram as famílias na serra e vieram estudar em Porto Alegre. Nestes casos, tanto a aluna – quando comenta que o pai não gostou de saber que ela havia conseguido um emprego temporário, quanto o aluno – quando fala que era surrado quando repetia o ano na escola, demonstraram ser alvo de cobrança por parte dos pais, no que se refere ao desempenho acadêmico.

Ao mesmo tempo, durante a realização da pesquisa, podem-se constatar alguns dilemas postos diante dos futuros estudantes no momento das escolhas profissionais e a implicação das decisões tomadas pelos mesmos em sua trajetória acadêmica e profissional. Segundo Bourdieu e Passeron, ao optar por qualquer que seja a profissão, o futuro aluno é levado a considerar principalmente sua situação social, pois, conforme apontam esses autores:

A experiência do futuro escolar não pode ser a mesma para o filho de um executivo de nível superior que, tendo tido mais de uma chance sobre duas de ir para a faculdade, encontra necessariamente em seu entorno social, e mesmo em sua família, os estudos superiores como um destino banal e cotidiano, e para os filhos de um operário que, tendo menos de duas chances sobre cem de ascender, só conhece os estudos e os estudantes através de outras pessoas e por meios indiretos (BOURDIEU; PASSERON 1964, p.12).

Em alguns casos, os cursos escolhidos pelos estudantes, no momento do vestibular, não refletiram sua preferência pessoal. Observa-se que muitos alunos manifestam vontade de seguir outra profissão que não aquela para qual estão prestes a se formar. Neste sentido, Severino e Fazenda (2003) alertam que o próprio Conselho Nacional de Educação aponta que as distinções sócio-econômicas na escolha dos cursos aparecem antes mesmo da realização do concurso, ou seja, já no momento da inscrição.

Em muitas IES ocorre inclusive um processo de elitização, refletido em maior procura por carreiras com alto prestígio em detrimento das demais. Assim, por vezes, o estudante opta por seguir a carreira que melhor se enquadra em sua situação sócio-econômica, o que nem sempre é o reflexo de sua vontade.

Verificou-se que o ingresso dos alunos nos cursos que realmente tinham intenção em cursar por vezes não se dá especialmente em função de dois fatores. Primeiro, a incapacidade de conseguir aprovação em um processo seletivo de uma universidade pública. Sobre esta questão, cabe mencionar, inclusive, que, diante da grande concorrência nos vestibulares das instituições federais, muitos jovens sequer tentam participar desses concursos, por não acreditarem que poderão obter sucesso. Em segundo lugar, com a impossibilidade de acesso ao ensino público, o estudante se vê obrigado a partir para uma segunda opção, a universidade privada.

Ocorre que, muitas vezes os cursos de graduação preferidos pelos estudantes possuem mensalidades com valores altos, levando-os a escolher um curso cujo valor da mensalidade caiba em seu orçamento. Sobre estas situações, é comum perceber-se que, muitas vezes, os estudantes acabam cursando aquilo que podem e não aquilo que realmente desejam. Dessa forma, os cursos que têm mensalidades mais baixas são os mais procurados, como os da área da educação, por exemplo.

Especificamente no caso da instituição pesquisada neste trabalho, verifica-se que existem cursos com maior procura a cada processo seletivo. O que possui maior densidade de candidatos por vaga é o curso de Fisioterapia. No lado oposto, o curso

de Pedagogia historicamente apresenta baixo índice de inscrições de candidatos ao vestibular. A priori, imagina-se que, para obter aprovação no curso de Fisioterapia, a seleção exigirá destes candidatos um melhor preparo e maior capital cultural do que o exigido aos candidatos ao curso de Pedagogia.

Deve-se lembrar também que as classes com maior poder aquisitivo têm maiores chances de preparar os estudantes, e que os grupos de baixa renda enfrentam maiores dificuldades na formação educacional dos filhos. Frente a esta realidade, poder-se-ia afirmar com certa tranquilidade que mesmo nas instituições privadas pode haver uma elitização das carreiras:

Neste caso, a escolha por um curso de menor prestígio e menos disputado no vestibular constitui uma avaliação racional do campo de possibilidades ao seu redor, de forma a viabilizar, tornar possível, e não apenas um devaneio, o projeto de cursar uma faculdade, a partir de um planejamento concreto. (PAVÃO, 2004, p. 82).

Barros (2006) reforça essa ideia ao afirmar que alcançar a vitória de ser aprovado no vestibular, mesmo que esta aprovação tenha vindo depois de inúmeras tentativas fracassadas e para cursos de pouco prestígio, também constitui uma oportunidade real de aquisição de capital cultural e, acima de tudo, a possibilidade de ascensão profissional.

Dentro da universidade, o estudante depara-se com a realidade do curso que escolheu e, esta, muitas vezes, não representa o que ele almejava. Esta constatação normalmente é acompanhada por insatisfação e aborrecimentos diversos. Com o decorrer dos semestres, para os que não trancaram, abandonaram ou migraram para outros cursos, a proximidade da formatura por vezes é acompanhada por um sentimento de frustração, conforme se observa nos depoimentos de duas alunas do curso de Pedagogia, a seguir:

Foi bem difícil. Eu pensei em trancar, sei lá, fazer alguma coisa. Eu não tinha vontade de vir pra aula e também os professores não me davam vontade de vir aqui pra aula. Porque eu vinha aqui na aula e não tinha nada, era só umas coisas. Os professores não me motivavam a estar presente também. Então era dos dois lados que balançava, né?

Eu cada dia que passa eu me decepiono mais (...), cada dia que passa eu estou mais decepcionada aqui dentro se tu quer saber (...). Então assim ó, literalmente eu vou terminar a pedagogia porque falta um ano mas, porque a docência pra mim, sabe?"(mostrando um gesto de indignação).

Assim, para o estudante pobre que ingressa no ensino superior através de escolhas que privilegiam exclusivamente o fator valor da mensalidade, há um alto risco de frustração.

As consequências de não se levar em consideração interesses, habilidades e motivações na opção pela carreira são desastrosas, não apenas em termos de realização pessoal e profissional, mas também para o conjunto da sociedade para a qual reverterá o produto de seu trabalho (FURLANI, 1998 p. 81).

Além disso, é importante lembrar, ainda, que, para este grupo de estudantes, ao longo do curso, possivelmente se avolumem outras dificuldades financeiras relacionadas ao custeio do transporte, da alimentação, da compra de livros, entre outras.

Em sua tese que trata da inclusão e exclusão das camadas populares na universidade, Pavão (2004) afirma que, normalmente, as atividades extracurriculares ou mesmo as culturais e artísticas costumam ser realizadas fora do horário das aulas. Deste modo, os estudantes que trabalham ficam impossibilitados de participar destas formas de socialização. Além das atividades referidas pela autora, é oportuno frisar que os cursos promovem normalmente atividades fora do ambiente acadêmico, como viagens ou visitas técnicas, e que estas, normalmente, costumam ter custo extra, o que também não deixa de ser um fator dificultador para os estudantes trabalhadores de baixa renda.

Sobre esta questão, no caso dos cursos e unidades pesquisados, observou-se existir uma clara diferenciação entre os dois locais de funcionamento dos cursos. Relatos dos estudantes do curso de Pedagogia davam conta de que, em sua unidade (Cruzeiro do Sul), o número de palestras e eventos eram insignificantes. Ao passo que, na unidade central, onde funciona o curso de Fisioterapia, existe uma gama enorme de atividades acadêmicas, culturais, artísticas, etc. Estas observações reforçam uma ideia de estratificação entre os dois cursos.

Além disso, entende-se que caberia uma reflexão um pouco mais aprofundada no que se refere à questão das atividades acadêmicas que envolvem custos extras desenvolvidos no ambiente da universidade ou mesmo fora dela.

Nestas situações, os estudantes bolsistas e/ou carentes normalmente ficam desamparados de qualquer subsídio, o que pode representar prejuízo ao estudante, se o mesmo não conseguir custear de algum modo sua participação.

Paralelamente a isso e observando os contrastes de cada local analisado, soma-se o fato que questões como estas podem ser contextualizadas ainda numa perspectiva onde

o uso de padrões linguísticos característicos de segmentos sócio-econômicos de baixo prestígio constitui, para o grupo de estudantes bolsistas, que têm como projeto a inclusão e permanência na universidade, um elemento de desvantagem, um estigma ou um atributo diferencial vergonhoso (PAVÃO, 2004, p. 91).

Tem-se, portanto, dentro de uma mesma instituição, diferenças nos hábitos de cada grupo de estudantes onde estes podem, dependendo da situação, funcionar tanto como uma caracterização de território, quanto uma delimitação de fronteira sócio-econômica no interior do ambiente acadêmico.

Para Berntein (apud VELHO, 1981), existiria certa relação entre as formas de expressão da linguagem nas diferentes classes sociais. Diferentemente do que ocorre na infância da classe trabalhadora, na classe média, a criança estaria em contato com uma gama maior de alternativas para expressar suas emoções e, portanto, mais suscetível à sensibilidade no trato da comunicação. Guardadas as devidas proporções, durante a realização deste estudo, podem-se perceber algumas diferenças que vão além do espaço geográfico que separa os dois cursos pesquisados.

Alguns aspectos que envolvem os hábitos dos estudantes das duas unidades puderam ser facilmente destacados. Como exemplificação a esta questão, cita-se que os alunos pertencentes à unidade Cruzeiro do Sul apresentam o hábito de utilizar o tom de voz excessivamente alto, independente do local em que estão presentes. A esta peculiaridade, soma-se também certa despreocupação no que se refere à utilização de termos verbais de baixo calão, que não seriam considerados recomendáveis em ambientes coletivos como o saguão de entrada e a secretaria, por exemplo.

Observou-se durante a pesquisa que os estudantes alocados na unidade Cruzeiro do Sul costumavam apresentar este comportamento também no trajeto do corredor para a sala de aula, quando estavam indo embora e em seu deslocamento no interior dos prédios.

Por outro lado, a situação vivenciada por alunos que se encontram matriculados em cursos para os quais eles realmente demonstravam interesse em ingressar é bastante diferente. Nestes casos, a aceitação e satisfação com o curso é consideravelmente maior, como se observa nos exemplos de dois dos alunos do curso de Fisioterapia, a seguir:

E também a questão de, como é que eu posso te explicar, assim..., que a Fisioterapia é uma coisa muito bonita, é uma profissão muito bonita. Então, tu tens uma realização pessoal muito grande aqui dentro, porque assim oh!, quando tu pegas um paciente numa cadeira de rodas e depois dá tchau pra ele andando, é uma coisa que não tem, aumenta o ego sabe, é uma coisa fora, que não tem explicação.

Olha o curso é tão bom, tão bom assim oh!. O estágio é que é mais cansativo, mas é legal porque, daí, tu vens pra aula e pensa: báh! eu tenho um paciente assim, aí eu posso fazer isso ou aquilo no tratamento dele. É porque eu sempre fui muito ligado né?”.

Para o primeiro grupo – alunos do curso de Pedagogia – onde a escolha do curso se deu levando em consideração o fator financeiro, a faculdade é vista como um peso. A rotina do curso, os trabalhos, os estágios e o tempo gasto com a formação, tudo isso é relacionado à ideia de *sacrifício*. No segundo grupo – que conta com alunos do curso de Fisioterapia – em que a escolha do curso baseou-se exclusivamente na vontade pessoal do estudante, as reclamações quanto aos aspectos que envolvem as deficiências ou as exigências do curso são muito mais amenas. Para estes, o tempo da faculdade constitui um importante investimento em seu futuro, o que gera prazer e satisfação.

Nestes casos, observa-se que os projetos individuais dos dois grupos de estudantes são semelhantes. Pode-se dizer que o que os distingue é justamente a tese de Velho (1994), onde o sucesso de cada projeto individual está associado ao campo de possibilidades do indivíduo, ou seja, das condições que cada um reúne para executar o seu plano de formação.



Além disso, estas situações distintas apontam para a necessidade de uma análise que contemple, não apenas o período em que ocorre a tomada de decisão que leva, ou não, ao ingresso no ensino superior, mas também a trajetória do estudante.

A necessidade de antecipar renda futura ou de ajudar no orçamento familiar tem pressionado os filhos, sobretudo os de famílias de menor renda, a terem uma breve passagem pelo sistema educacional. Por conta disso, o ingresso de filhos de famílias humildes no mercado de trabalho tende a ocorrer na faixa dos 10 aos 15 anos de idade (POCHMANN, 2000, p.66).

Dentro desta perspectiva, um outro ponto importante que merece ser considerado é a realidade de cada indivíduo frente à entrada no mercado de trabalho. É sabido que, no Brasil, é comum o ingresso de jovens com menos de dezoito anos de idade. Um caso extremo que ilustra esta situação foi vivenciado por uma das alunas entrevistadas nesta pesquisa, pois, como se observou, a mesma começou a trabalhar com apenas doze anos de idade.

Neste sentido, constatou-se que, de um modo geral, os estudantes dos cursos de licenciatura, em especial, aqueles que optaram por cursar esta modalidade em função de suas limitações financeiras, por vezes possuem um histórico de ingresso no mercado de trabalho muito precoce.

Então, a minha vida foi um pouco difícil. Aí, com doze anos a minha mãe trabalhava em um hospital e tinha um médico que tinha um consultório ali perto do hospital de Clínicas. A secretaria dele ia entrar de férias e ele precisava de uma secretaria, então, com doze anos, fui trabalhar de secretaria (Nadia).

Eu já trabalhei de tudo o que tu possas imaginar. Trabalhei de caixa de restaurante, trabalhei em uma escola de educação infantil (...) (Sara).

Por tudo isso, como se vê, existe uma disparidade em relação às trajetórias estudantis dos jovens que se candidatam ao ensino superior. De um lado, aqueles que puderam escolher a carreira que mais lhe convinha, sempre levando em consideração suas aptidões e preferências pessoais; de outro lado, os que, por vezes, muito cedo tiveram que trabalhar para auxiliar nas despesas da família e no custeio de sua própria formação escolar. A partir desta problemática, pode-se

compreender melhor como cada estudante chega ao momento da disputa por uma vaga no ensino superior.

No grupo de alunos que possuem melhores condições financeiras, observa-se uma preocupação – que resulta em investimentos – dos pais na formação dos jovens, muito antes destes atingirem a idade de ingresso na universidade. Estes estudantes normalmente realizam os estudos (ensino fundamental e médio) em escolas particulares de boa qualidade e complementam o conteúdo em cursos preparatórios para o vestibular – cursinhos. Sobre esta característica, encontrada nas camadas sociais com melhor condição financeira, Bourdieu (1998) aponta que,

Em suma, os investimentos aplicados na carreira escolar dos filhos viriam integrar-se no sistema das estratégias de reprodução, estratégias mais ou menos compatíveis e mais ou menos rentáveis conforme o tipo de capital a transmitir, pelas quais cada geração esforça-se por transmitir à seguinte os privilégios que detém (BOURDIEU, 1998, p. 312).

Uma situação bem mais tranquila, sob o ponto de vista das preocupações com o futuro e sua própria sobrevivência, o jovem de classe alta (ou média alta) pode cuidar apenas dos estudos. Esta condição possibilita-o ingressar no mercado de trabalho mais tarde e mais bem preparado em relação ao jovem pobre. Pochmann corrobora essa ideia:

No caso dos filhos de famílias de renda mais alta, o período de passagem pela escola é bem mais longo. A preparação para a entrada no mundo do trabalho leva o jovem sair da escola e ingressar no mercado de trabalho na faixa de 18 a 25 anos de idade (POCHMANN, 2000, p. 66).

Para se compreender com maior clareza o perfil dos alunos de baixa renda, é pertinente levar em consideração que os mesmos fazem parte de um grande número de estudantes brasileiros que vêm estudando no turno da noite. Esta expressiva parcela dos estudantes de graduação do noturno possui características peculiares que devem ser ressaltadas. Furlani (apud FERRETTI; MADEIRA 1992) aponta que a parcela de trabalhadores estudantes que frequentam as aulas à noite passou a ser a maioria a partir da democratização do ensino superior verificada na década de 1960.

A autora também comenta que pesquisas realizadas (SPOSITO, 1989; CASTANHO, 1989) apresentam um grande número de jovens estudantes do noturno trabalhando no setor de serviços, o que pode constituir um indício de suas aspirações em ascender socialmente. Esta constatação baseia-se no fato de que os postos de trabalho pertencentes ao setor de serviços possuem um status maior do que as atividades que englobam trabalhos manuais e que muitas vezes não se exige escolaridade.

Porém, o dado mais marcante apontado pela autora é justamente a condição atual destes jovens, que se encontram em ascensão em relação aos seus pais. Na presente pesquisa, observou-se a ocorrência de um crescimento no nível de escolaridade das famílias, visto que a maioria dos pais dos estudantes entrevistados não possuía ensino superior.

Dauster (2001) ressalta que a rotina diária dos estudantes de origem popular, muitas vezes sendo estes filhos de pedreiros, empregadas domésticas, manicuras, entre outras ocupações, é por demais desgastante, pois, além de envolver todas as atividades inerentes ao curso, como a realização de trabalhos, pesquisas e provas, estes estudantes muitas vezes sofrem com os deslocamentos entre a casa, o trabalho, a universidade e as demais atribuições pessoais, como cuidar da família, no caso das mulheres, por exemplo.

Durante as entrevistas, situações como estas foram relatadas principalmente pelos estudantes do curso de Pedagogia. Para estes alunos, em determinado momento do curso, houve sofrimento e angústia em função de terem que desempenhar as atividades de estágio em um turno, o trabalho em outro e, à noite, se deslocarem para as aulas da faculdade.

Uma das questões observadas durante o contato com os estudantes entrevistados foi a existência de certa disparidade no que se refere a como cada grupo familiar trata a questão da continuidade dos estudos dos filhos, ou seja, o que representa para cada família o investimento em educação manifestado através do ingresso dos filhos na universidade. Durante o desenvolvimento das entrevistas, através da forma como cada estudante abordava a maneira como a família via o

prossequimento de seus estudos, percebeu-se visivelmente a existência de uma preocupação por parte dos pais no sentido de expressar de várias formas a importância da formação superior dos filhos. Esta preocupação ficou mais evidente em alguns casos e menos em outros. A forma de ver e tratar a educação como um fator fundamental foi observado predominantemente nas famílias dos estudantes do curso de Fisioterapia.

Sobre esta questão, Velho (1981) afirma que o próprio desempenho individual de cada estudante pode refletir a importância que cada família dá aos estudos. Neste sentido, tanto o desempenho como o ingresso e a permanência do filho na universidade ganha muito mais importância para a camada de classe média, que normalmente possui um projeto de ascensão social, do que para a camada pobre da população, que vê a necessidade dos filhos trabalharem para ajudar no sustento da família.

Barros (2006) explica ainda que, diferentemente do que ocorre nas famílias em que os pais possuem formação superior e que, em função disso, os filhos são encaminhados naturalmente para a universidade, o ingresso de estudantes de camadas empobrecidas no terceiro grau representa uma vitória pessoal significativa acompanhada pelo aumento do “prestígio individual” do estudante. A afirmação deste autor vem ao encontro de uma das constatações encontradas neste trabalho. O ingresso na faculdade, para a maioria dos estudantes entrevistados, ocorreu mediante muito esforço, cujo mérito é reconhecido pela família. Inclusive para alguns estudantes a permanência no curso se deu fundamentalmente pelo benefício da bolsa de estudos, situação vivenciada tanto no curso de Pedagogia quanto no de Fisioterapia.

Com exceção da aluna Patricia que, se não tivesse se matriculado no IPA, teria condições financeiras de estudar em qualquer outra instituição de ensino, dado o preparo e o investimento do pai em seus estudos, para os demais estudantes pesquisados o ingresso nesta IES não ocorreu com muita facilidade. Este fato é explicado pelas condições sócio-econômicas vivenciadas em cada uma dessas famílias no momento do ingresso dos filhos na universidade. A entrada e a

permanência destes estudantes na IES também foi resultado de esforço familiar, pois, do contrário, tal projeto não seria possível.

Durante a realização deste trabalho, teve-se a oportunidade de presenciar a formatura de uma das turmas pesquisadas, no caso a do curso de Pedagogia. Todo o esforço e a dedicação empenhados durante a realização do curso superior viu-se traduzidos nos sentimentos externados no momento da colação de grau. Durante o ato solene que representa a chegada à reta final de um grande projeto individual, cada gesto e cada expressão são revestidos de muita emoção. Estes sentimentos ganham uma dimensão especial pelas circunstâncias econômicas vividas por parte dos estudantes, desde a matrícula no curso até o dia da formatura. Isto porque, em muitos casos, os familiares contribuíram com seu esforço para a permanência do aluno na universidade.

Assim, o projeto que, no início do curso, era individual, com o passar do tempo, para muitos, tornou-se coletivo, de toda a família que, de uma maneira ou de outra, colaborou ativamente para a realização do mesmo. Durante a cerimônia de colação de grau, pode-se notar igualmente o semblante de alegria dos familiares e demais convidados presentes. Da mesma forma, observou-se que boa parte dos convidados possuía características que levam a pensar ser a primeira vez que eles participavam de um evento com este nível de formalidade, o que era visível no semblante de constrangimento de alguns.

A formatura configura um momento de consolidação de vitória pessoal e tem um peso muitas vezes proporcional às dificuldades encontradas durante a realização do curso. Estes fatos ganham uma dimensão especial principalmente porque boa parte das formandas tinha mais de 30 anos de idade e somente agora conseguiu alcançar este objetivo.

No interior do universo de estudantes pesquisados encontraram-se ainda algumas situações em que, para colocar em prática os projetos individuais, os alunos abandonaram sua cidade de origem, partindo para uma nova vida em uma cidade distante. Nestes casos, deixaram seus familiares e sua vida social para estudar (e talvez trabalhar) na cidade de Porto Alegre. Situações como estas são

definidas por Velho (1981) através de um processo de particularização da identidade. Nesta, a busca pela ascensão social, obtida através da conquista do diploma confere ao indivíduo um tipo de prestígio e afirmação pessoal.

No caso dos dois estudantes do curso de Fisioterapia (Marcos e Paula), a realidade vivenciada longe de casa fez com que formassem novas posturas diante das dificuldades que se apresentavam a cada dia. Para Paula, que mantinha uma vida social intensa na cidade de origem, houve a necessidade de aprender a conviver com a saudade dos familiares e amigos. Ela precisou reformular seu círculo de amizades a partir das possibilidades que dispunha em Porto Alegre.

No caso de Marcos, morar sozinho fez com que aprendesse a “se virar”. Precisou aprender a cozinhar, cuidar de sua roupa e de despesas como aluguel, luz, água, etc. Sobre este aluno, outro fato que chama a atenção é a forma como define a adoção de uma nova postura social. Para ele, quando se está longe de tudo e de todos, sem os familiares e os velhos amigos, cada oportunidade de contato com outras pessoas deve ser muito valorizado, pois, a partir daí, pode surgir uma nova amizade. Assim, para esses estudantes, a realidade encontrada na nova cidade e a postura adotada frente a isso certamente contribuiu de alguma forma na formulação de sua identidade durante o tempo em que estiveram na academia.

Em pesquisa realizada com estudantes universitários no estado do Rio de Janeiro, Barros (2006) registrou que, ao contrário do que ocorria com as mulheres do início do século XXI, hoje em dia as estudantes universitárias de baixa renda têm a sua frente um conjunto de oportunidades muito mais amplo. Para estas jovens, a entrada na universidade tem representado a chance de viver uma nova realidade coberta por inúmeras possibilidades. Esse alargamento de perspectivas pode ser percebido na história da aluna Sara, do curso de Pedagogia, uma das entrevistadas durante esta pesquisa.

Moradora da zona rural da cidade de Porto Alegre, a referida aluna viveu praticamente toda sua vida no próprio bairro ou em suas cercanias, mantendo uma vivência social praticamente restrita àquela região da cidade. Mesmo sabendo que o ensino superior lhe daria melhores condições de empregabilidade – visto que, na

época estava desempregada –, receava ingressar na faculdade por imaginar que não conseguiria transpor obstáculos como o de chegar muito tarde em casa por residir longe de tudo. Via a universidade como sendo um outro mundo impossível de alcançar. No entanto, como ela mesma conta, dentro da faculdade, a convivência com outros indivíduos lhe trouxe um outro olhar sobre o mundo que a rodeava. Com o emprego em uma escola de educação indígena e estando maravilhada com o universo de novos valores e reflexões vivenciados no ambiente acadêmico, ela costuma incentivar seus familiares e outras pessoas a adotarem novas posturas nas relações sociais.

Sara aprendeu a tolerar as diferenças e a entender mais claramente a diversidade. Relata que, nas discussões familiares, procura conscientizar os pais e o marido sobre a necessidade de respeitar a opção sexual das pessoas, seja ela qual for. Os valores absorvidos na faculdade e a experiência de trabalhar com índios lhe fez encarar a vida de uma forma “mais humana”, e isso ela faz questão de transmitir às pessoas de seu convívio.

Neste sentido, tanto no caso da estudante Sara, do curso de Pedagogia, que com o ingresso na faculdade teve modificada sua forma de pensar e tratar a diversidade, quanto para a estudante de Fisioterapia Patricia, que com o decorrer do curso teve um amadurecimento no senso de responsabilidade, observa-se o que Velho (1994) cita como uma “transformação do indivíduo” através da realização de seu projeto.

O mesmo autor afirma ainda que, nas situações onde os projetos individuais são compartilhados com outros indivíduos, nem sempre há uma uniformidade na interpretação do mesmo, dadas as diferenças de “gênero e gerações”, por exemplo. Esse processo pode ser identificado na realidade vivenciada pela estudante Nadia, nos momentos em que sua mãe e principalmente seu filho a questionavam do porque a estudante passava tanto tempo em frente ao computador elaborando os trabalhos acadêmicos.

Barros (2006) ressalta também que, em famílias de baixo poder econômico, a perda da figura do pai ou da pessoa responsável pelo sustento da família pode

influenciar na trajetória dos filhos, inclusive antecipando o ingresso dos mesmos no mercado de trabalho.

Esta situação pode ser observada na trajetória de uma das alunas do curso de pedagogia. Se, por um lado, é verdade que a saída de casa para trabalhar possibilita ao jovem conhecer um novo universo, o que faz com que seja ampliado seu círculo de sociabilidade e autonomia individual; por outro, não há dúvida de que, para quem precisa trabalhar e estudar, a jornada diária pode ser bastante cansativa e sofrida. Além disso, o jovem que se vê obrigado a trabalhar para ajudar nas despesas da casa, na mesma medida vê diminuído seu tempo destinado aos estudos. Comumente, esta defasagem de dedicação à educação é notada somente no futuro, quando este jovem avalia sua formação, participando de seleções para o ingresso no terceiro grau ou mesmo no mercado de trabalho.

As entrevistas revelam que a trajetória de vida da aluna Nadia, do curso de Pedagogia, sempre foi marcada por muita dificuldade. Relegada pelo pai em virtude de ter nascido mulher, foi criada pela mãe e a avó, que na época precisavam trabalhar em três turnos. Com apenas 13 anos de idade precisou começar a trabalhar para contribuir com o sustento da família. Em seus relatos sobre o passado, menciona que, enquanto as jovens de sua idade brincavam e saíam para passear, ela precisava trabalhar durante todo o dia. Atualmente, prestes a se formar e quase aposentada, ela consegue proporcionar ao filho de 14 anos uma condição mais tranquila para desenvolver sua juventude sem que o mesmo tenha que trabalhar para auxiliar a família. Notadamente, além das inúmeras dificuldades enfrentadas ao longo da vida, observam-se, nesta situação, indícios de uma evolução na condição sócio-econômica da referida estudante. Provavelmente, a trajetória de vida projetada para seu filho não tenha contornos de sofrimento iguais aos seus.

Em seu estudo sobre a classe média, Velho (1981, p. 41) explica que,

dentro de um universo que, segundo critérios sócio-econômicos, como renda e ocupação poderia ser visto como homogêneo, encontram-se fortes discontinuidades em termos de ethos e visão de mundo.



Ou seja, dentro de um grande grupo de indivíduos, podem existir grupos com motivações e expectativas diferentes. Na presente pesquisa, associa-se a esta afirmação o fato de se encontrar indivíduos universitários, pertencentes a mesma instituição e ao mesmo curso, no caso Fisioterapia, gozando, portanto, de muitas características semelhantes, terem pretensões bastante distintas. No grupo de alunos do referido curso, havia aqueles que, após a formatura, tinham como projeto de vida atuar como profissionais autônomos, abrindo seu próprio consultório, o que se pode remeter a uma ideia de emancipação e ambição. Por outro lado, havia também estudantes que tinham como meta para após a formatura voltar para a cidade natal e lutar para conseguir um emprego como funcionário de um hospital ou de uma clínica, evidenciando assim um projeto bem mais modesto em termos de carreira.

No grupo de estudantes do curso de Pedagogia, a tese de Velho (1994) é confirmada novamente. Tomando como exemplo inicialmente a estudante Leticia, constatou-se que o fato de ela não ter feito um curso que realmente lhe motivava talvez tenha contribuído para que não tenha expectativas muito positivas sobre sua carreira e futuro profissional. Próximo da formatura, ela se divide entre a vontade de fazer especialização – em algum curso que ainda não sabe ao certo – e aproveitar o tempo disponível para realizar outras atividades que deixou de fazer durante o período da faculdade. Neste momento da vida, entende ainda que uma opção viável para si seria a realização de concurso público. No caso desta estudante, notadamente repete-se a postura de indecisão vivida no momento da escolha do curso de graduação.

Durante esta investigação, no entanto, observou-se que o fato de não cursar o que se quer não determina obrigatoriamente a frustração do estudante. Isso porque, no caso da aluna Sara, por exemplo, o sonho inicial era fazer Veterinária e isso não foi possível. Mas, diferentemente do que ocorreu com Leticia, durante a faculdade Sara foi gostando e se identificando com a proposta do curso e, ao final, mostrou-se satisfeita e realizada com a escolha feita. Para ela, está muito clara a necessidade de continuar os estudos e é o que pretende fazer tão logo possa arcar com os custos que envolvem este projeto. As evidências mostram certa motivação

desta estudante em continuar trabalhando com educação indígena e, na medida do possível, aumentar sua qualificação profissional.

Já a situação observada junto à aluna Nádia denota uma interessante mistura de sentimentos e posicionamentos frente ao seu presente como acadêmica, e futuro como profissional. Durante as conversas com a estudante ficou nítido o gosto tomado pelo estudo, as leituras e elaboração dos trabalhos acadêmicos. Inclusive, após a conclusão da graduação ela gostaria continuar a estudar, mas sabe que as dificuldades financeiras a impossibilitarão de continuar. Ao mesmo tempo, ficou nítida sua insatisfação com o curso em si e, também, com a forma como alguns assuntos administrativos do curso eram conduzidos, fatos que a desmotivaram na reta final do mesmo.

Mesmo assim, ela demonstrou imensa alegria por ter descoberto um gosto pelo trabalho com portadores de necessidades especiais, uma área em que poderia ser feliz em atuar. Suas expectativas a respeito da profissão não apontam para a área onde está prestes a se formar; pelo contrário, fica evidente que o momento é de preocupação em encontrar um emprego que resulte em uma boa remuneração, garantia que não é visualizada com o exercício da Pedagogia.

As descobertas feitas durante a realização desta investigação trazem à tona também algumas implicações da diversidade encontrada na composição do corpo discente da instituição pesquisada, e que possivelmente se reproduzem em muitas outras IES privadas. Olhando para as trajetórias individuais e familiares de cada estudante, e contrastando-as com os depoimentos coletados, evidenciam-se diferentes expectativas e visões de mundo. Focando o resultado obtido através do contato com os estudantes e, levando em consideração as perspectivas individuais sobre sua formação e a concepção de futuro a partir da obtenção do diploma, o universo pesquisado pode ser dividido em três grupos principais.

Para alguns estudantes, o projeto de realização do curso superior constitui uma meta a ser alcançada “naturalmente”. O caminho para esta conquista, embora envolva investimento de tempo e dedicação, é acompanhado por sentimentos de satisfação e realização pessoal. Para este grupo de alunos, a obtenção do diploma

costuma ser fruto de uma mentalidade familiar de valorização da condição socioeconômica estável alcançada e materializada através da qualificação educacional dos filhos. Nestes casos, o investimento em educação inicia desde o nascimento dos filhos e vai até a formatura, cobrindo, não apenas a mensalidade da faculdade, mas todas as demais despesas do estudante.

Para um outro grupo, a própria materialização do ingresso na universidade em um curso prestigiado é considerada, por si só, uma vitória e motivo de distinção em relação a seus pares. O tempo empreendido com os estudos longe de casa representa a condição de um regresso à cidade natal em uma melhor situação. Estes estudantes creditam à universidade – em especial ao curso que escolheram – a sólida formação acadêmica que estão tendo. Para eles, além do crescimento acadêmico, também é evidente em suas vidas o crescimento como indivíduos, o que é motivo de muito orgulho. Pertencentes a famílias em que os pais não têm formação superior, a conquista do diploma representa para estes alunos um claro sinal de mobilidade social.

Finalmente, para um terceiro grupo de estudantes, ressaltando que estes são predominantemente do curso de Pedagogia, observou-se a existência de uma consciência clara da importância da qualificação profissional, por isso eles depositam no diploma a esperança de obter uma melhor condição no mercado de trabalho. No entanto, de modo geral, sentem-se frustrados por não realizarem o curso que realmente gostariam de cursar. Possivelmente, por essa razão, deixam transparecer que o verdadeiro sonho é a conquista de um diploma, independente do curso escolhido.

A multiplicidade de expectativas e trajetórias individuais dos estudantes entrevistados reflete-se também na forma como cada grupo visualiza a diversidade e a inclusão social. Para estes estudantes, a diversidade pode ser observada nos momentos em que se vivencia a própria vida acadêmica, no contato com outras pessoas no estágio ou mesmo no trabalho. Exemplo disso é o caso da aluna Leticia, do curso de Pedagogia, que nota em sua própria turma a existência de muitos colegas com idade bem acima da sua. Já para alguns alunos, a universidade possibilitou-os ver o mundo de uma forma mais abrangente, livre de qualquer

preconceito, fato observado com a estudante Sara, também do curso de Pedagogia. Em outros casos, a questão da inclusão social muitas vezes se manifesta através da prestação de serviços a comunidades e a indivíduos carentes.

Para a aluna Patricia, do curso de Fisioterapia, nestas situações o contato com pessoas de todo tipo através do atendimento nos locais de estágio representa a chance de proporcionar a alguém, através de seu trabalho, uma condição melhor. Por outro lado, os outros dois estudantes da Fisioterapia entendem que o fato de estarem inseridos em uma instituição de ensino renomada já é um privilégio e constitui a sua própria inclusão.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes mesmo de mencionar as conclusões obtidas a partir da elaboração do presente trabalho, é oportuno ressaltar novamente os aspectos que motivaram sua execução. Dentre estes está o fato do pesquisador pertencer ao quadro funcional de uma IES confessional, de natureza jurídica privada e filantrópica, que traz como proposta a valorização do ser humano e o respeito à pluralidade e à diversidade.

A proximidade com esta realidade impulsionou decisivamente o aprofundamento da pesquisa, pois, como parte integrante deste contexto, teve-se a oportunidade de testemunhar um importante momento de crescimento institucional vivenciado pela IES, que foi acompanhado pelo aumento significativo do número de estudantes e dos desdobramentos advindos deste processo. Como citado anteriormente, este período de expansão institucional foi traduzido na chegada de um grande número de alunos de baixa renda na faculdade, fato que fez surgir no pesquisador muitos questionamentos sobre qual seria realmente o resultado deste movimento de massificação do ensino.

Frente a este cenário, também surgiram questões que remetiam a indagações sobre o perfil deste novo estudante. Quem de fato estava sendo beneficiado pela ampliação da possibilidade de realizar um curso superior? Que importância cada estudante dava à universidade e que reflexos a posse do diploma poderia trazer ao cotidiano destes indivíduos? Questionamentos como estes acompanharam o desenvolvimento da investigação do início até o seu final.

Com a realização deste estudo, uma das constatações foi de que o momento pelo qual atravessa a educação superior nacional apresenta algumas características já conhecidas e outras até então inéditas em sua história. O movimento de expansão das instituições, das vagas e, automaticamente, das matrículas, constitui um importante passo em direção à democratização do ensino superior. Sabe-se, porém, que movimentos de ampliação da oferta de educação superior semelhantes a este já ocorreram no passado recente do País.

O que há de novo atualmente é a tentativa de massificação de programas que visam o apoio ao ingresso e à permanência do estudante na universidade. Esta novidade tem sido responsável pela chegada de um contingente heterogêneo de estudantes na academia.

Neste sentido, o trabalho começou com a análise da trajetória do ensino superior no Brasil. Inicialmente, apresentou-se um breve histórico da educação superior passando por sua implantação, evolução e momento recente. Por entender que existe uma forte relação entre os inúmeros setores que compõem a sociedade, na elaboração deste capítulo houve a preocupação em contemplar também as características e acontecimentos históricos vividos em cada época, os quais colaboraram para a formação e o desenvolvimento desta modalidade de educação.

Abordou-se como foi conduzida pelos governos a questão da demanda pelo ensino superior e os resultados das políticas adotadas. No mesmo capítulo, retrataram-se também as dificuldades enfrentadas por aqueles que pretendem prosseguir os estudos com a realização do terceiro grau e o grande contingente de estudantes que não consegue alcançar este objetivo devido à incapacidade do estado em garantir o acesso democrático a esta modalidade de educação.

Com a abordagem dos principais programas governamentais de apoio ao ingresso na universidade, podem-se conhecer os princípios de cada ação, sua aplicabilidade e, principalmente, sua abrangência no território nacional. Neste âmbito, constatou-se, por exemplo, o importante crescimento e expressividade do PROUNI nos últimos anos, e ao mesmo tempo algumas carências apresentadas pelo mesmo. Deste modo, o capítulo inicial teve como objetivo retratar a trajetória da educação superior nacional e as ações implementadas pelo atual governo, visando o apoio ao estudante de baixa renda. O referido texto buscou situar o leitor dentro dos principais movimentos relativos à expansão desta modalidade de ensino.

Dentro de um contexto que mostra a movimentação pela passa a educação superior e as políticas a ele destinadas, fazia-se necessário tomar como exemplo uma organização que contemplasse estes aspectos. Com este intuito, no capítulo 3,

foi apresentado o caso da Rede Metodista de Educação do Sul, uma IES, que tem como proposta promover educação seguindo os dogmas da Igreja Metodista.

A análise da referida IES mostrou que a mesma prega o compromisso com o bem estar da pessoa, contemplando inclusive seus aspectos sociais. Neste sentido, procurou-se retratar o papel do Centro Universitário IPA, especialmente no que diz respeito à sua atuação como um dos agentes de inclusão social através da educação. Com base nisso, foi apresentada a caracterização da IES objetivando uma melhor compreensão das ações afirmativas implementadas pela mesma.

No decorrer da pesquisa, pode-se conhecer os programas de inclusão colocados em prática que possibilitaram o ingresso na faculdade de um grande número de indivíduos que pertenciam a grupos sociais a margem deste processo. O resultado de todas estas ações contribuiu para o aumento significativo da diversidade social no interior do Centro Universitário, este talvez, um dos mais importantes resultados alcançados.

A composição deste capítulo pretendeu revelar, portanto, de que maneira o Centro Universitário Metodista IPA vem atuando como um dos atores na aplicação das políticas públicas implementadas pelo atual governo e qual tem sido a sua contribuição social como IES nesta questão.

Com a elaboração do capítulo 1, procurou-se conhecer os resultados práticos das políticas afirmativas do Governo Federal e das ações de inclusão implementadas pelo Centro Universitário Metodista IPA. Optou-se por utilizar como universo para a abordagem dessas políticas em sua forma concreta duas turmas de alunos de dois cursos distintos, um da área da saúde – Fisioterapia – e outro da área da educação – Pedagogia. Baseada inicialmente em hipóteses que propunham que a escolha dos estudantes por determinado curso apoiava-se preponderantemente em fatores sócio-econômicos; foram feitas comparações entre as duas turmas de alunos escolhidos para a pesquisa.

Além das relações entre os dois grupos, foi feita a descrição de cada um dos cursos, que posteriormente serviu como subsídio para a análise do resultado das

entrevistas com os estudantes. Os dados obtidos a partir do aprofundamento da pesquisa realizada junto aos cursos, as turmas e, por fim, aos alunos, revelou diferenças significativas entre os mesmos.

Este comparativo mostrou, por exemplo, que os estudantes do curso de Pedagogia eventualmente necessitam deslocar-se de sua unidade para tratar alguns assuntos de seu interesse que só podem ser resolvidos na Unidade Central em virtude da mesma agregar todos os setores administrativos e de apoio às atividades acadêmicas. Esta situação gera descontentamento entre os estudantes, o que contribui para um sentimento de segregação.

Outros aspectos igualmente importantes apontaram para demais diferenças entre os dois grupos analisados. Os estudantes do curso de Pedagogia são mais velhos do que os estudantes do curso de Fisioterapia. Neste, mais de 74% da turma tem idade acima de vinte quatro anos, realidade observada não apenas na turma pesquisada, mas, de modo geral, em todas as demais turmas do curso; 91% dos estudantes da Pedagogia residem em bairros populares, próximos à unidade Cruzeiro do Sul, e apenas 6% em bairros nobres.

No grupo pesquisado, 72% frequentou o ensino médio em escolas públicas, contra 28% que estudou em escolas privadas. No tocante ao recebimento de benefícios, mostra-se igualmente relevante o fato de que praticamente a metade da turma é bolsista, situação que se reflete no posicionamento do próprio curso, que ocupa o segundo lugar em número de estudantes bolsistas no Centro Universitário.

As características observadas no grupo de estudantes do curso de Pedagogia revelam um perfil de indivíduos originário de uma classe social com baixo poder aquisitivo. São, em grande maioria, mulheres trabalhadoras, residentes na zona sul de Porto Alegre e que, em boa parte, teve a possibilidade de estudar somente depois de constituir família. No geral, são pessoas com feições, vestimentas e comportamento que revelam uma origem popular e que possivelmente tem sua permanência no curso sustentada por fatores como a concessão de algum tipo de bolsa, pelo baixo valor da mensalidade ou por apoio de familiares no custeio das despesas de sua formação.



O resultado obtido a partir desta investigação aponta para a confirmação da hipótese inicial de que a condição financeira constituiu um fator decisivo na escolha do curso. Tal realidade pode ser comprovada inclusive a partir do contato realizado diretamente com os estudantes na ocasião das entrevistas. Naquele momento, alguns alunos justificaram a escolha pelo curso de Pedagogia em função deste constituir-se na melhor possibilidade que se apresentava, dadas as suas condições sócio-econômicas vividas na época.

Pertencente a mesma IES, há também o grupo de estudantes do curso de Fisioterapia. Representado pela turma que foi investigada neste trabalho, de modo geral, estes alunos têm um perfil de classe média alta. As características encontradas nesta turma e que, sem dúvida, serve como retrato do restante do curso, apresentam um nível social mais elevado quando comparado ao curso de Pedagogia.

Neste comparativo cita-se como exemplo o fato dos estudantes do curso de Fisioterapia possuírem mais “facilidades” em relação aos estudantes do curso de Pedagogia, pois o primeiro curso está compactado em uma única unidade (a central), o que possibilita aos seus alunos usufruírem de todos os recursos necessários no mesmo local onde estudam, diferentemente da situação vivida pela turma da Pedagogia.

No curso de Fisioterapia, quase 70% estuda em regime de turno integral, ou seja, são alunos que não trabalham. No grupo analisado nesta pesquisa, mais da metade está dentro da faixa etária considerada normal para a realização de um curso superior (até os vinte quatro anos) e, do restante, apenas dois estudantes têm mais de 35 anos de idade. Mais de 40% destes alunos reside em bairros nobres e 60% é oriundo de escolas particulares. A condição sócio-econômica mais favorável encontrada na turma de alunos analisada pode ser explicada pelo número de bolsistas, pois, num universo de 53, apenas sete estudantes possuem algum tipo de bolsa. Trata-se, portanto de uma parcela de jovens proveniente de famílias que conseguem investir na formação de seus filhos.

Grande parte do curso é composta por indivíduos integrantes de classe média alta que têm na família um histórico de formação superior. Nestes casos, cabe ao estudante preocupar-se apenas com seu rendimento acadêmico, visto que todo o resto é incorporado pela família como sendo sua parcela de contribuição na formação do mesmo. Contudo, mesmo diante de todos estes aspectos que mostram um perfil de estudante com alto poder aquisitivo, não se pode considerar que o curso de Fisioterapia é composto exclusivamente por alunos ricos. A pesquisa revelou que, no interior do grande grupo, existem alunos de origem humilde, cuja permanência no curso é sustentada mediante um grande esforço familiar.

O aprofundamento da investigação possibilitou chegar-se também a algumas conclusões sobre o papel do diploma de ensino superior na vida dos estudantes investigados. Em algumas situações, as trajetórias familiares e individuais apontaram para uma elevação no nível econômico, fato observado no grupo familiar de dois dos estudantes do curso de Fisioterapia, Marcos e Paula. Nestes casos, verificou-se que o aumento na renda foi proveniente da evolução do desempenho profissional do pai. Esta evolução foi a alavanca que possibilitou assumir os custos da formação dos filhos.

Para estes alunos, a conquista do diploma do ensino superior é muito valorizada, principalmente em função do esforço despendido pela família para mantê-los estudando. Estes estudantes veem claramente a graduação como um passaporte que lhes dará a oportunidade de exercer a profissão que escolheram de forma digna. Consideram válido todo esforço despendido no curso, pois apostam que esta é a saída que garantirá um futuro com menores dificuldades do que as enfrentadas por seus pais.

Situação semelhante a esta, onde há grande valorização do diploma pelos estudantes, foi observada também em famílias com maior poder aquisitivo. Nestas famílias, observou-se uma preocupação com o investimento na educação dos filhos desde a infância. A diferença, neste caso, aparece na forma como estes estudantes de classe média alta se veem após a formatura. Ao contrário dos primeiros, onde a graduação, por si só, representa uma vitória que trará, antes de mais nada, uma melhor condição financeira, para os alunos de alto poder aquisitivo, a profissão é a

continuidade de um padrão de vida considerado normal. A preocupação com o custeio de tudo o que está relacionado a sua sobrevivência não existe em seu cotidiano. Talvez por este motivo a questão de satisfação profissional esteja tão presente em suas falas.

Estes indivíduos valorizam o fato de poderem exercer a profissão que escolheram; que lhes dá prazer e que os faz felizes. Há, portanto, uma associação do diploma com realização pessoal, um pouco diferente da visão do primeiro grupo de alunos mencionado, para quem o diploma associa-se mais a questões relacionadas ao mercado de trabalho.

Dentro do mesmo universo de estudantes pesquisados, estão inseridos aqueles cuja condição financeira interfere decisivamente em suas escolhas. Neste caso, o custo da formação é assumido pelo próprio aluno, pois nem sempre é possível contar com qualquer auxílio da família. Esta realidade não dá espaço para muitas possibilidades. Deste modo, ao optar por determinada profissão, o indivíduo vê diminuída a relevância dos aspectos que envolvem sua vocação e desejo pessoal. Como resultado, costuma escolher o curso que mais se encaixa em seu orçamento.

São estudantes que também possuem o sonho do diploma, e a entrada na universidade, mesmo não sendo no curso realmente pretendido, é vista com alegria e entusiasmo. Entretanto, com o passar do tempo, as decepções acumuladas pela incompatibilidade com o curso são responsáveis por uma importante mudança em sua motivação. Fica subentendido que, durante o período da faculdade, ocorre uma significativa modificação no modo como veem a profissão que escolheram.

Esta situação interfere inclusive em suas perspectivas após a formatura. O diploma continua sendo importante, mas nem tanto. Com a chegada da formatura surgem outros projetos que não estão relacionados com o exercer a profissão. A participação em concursos públicos independentemente da área é citada com naturalidade entre as estudantes do curso de Pedagogia. Para alguns, fica nítida a preocupação em trabalhar com algo que garanta primeiramente uma boa

remuneração. Notadamente este grupo de estudantes não visualiza a oportunidade de bons ganhos exercendo a profissão para a qual está prestes a se formar.

A elaboração da pesquisa junto a esta instituição de ensino revelou a existência de particularidades inerentes ao conjunto de estudantes que não ficam evidentes nas estatísticas do ensino superior. O estudo mostrou que a conquista do diploma pode ter significados diferentes para os diversos grupos que estão chegando à universidade neste movimento de democratização do ensino. Para boa parte destes alunos, o que está em jogo não é apenas o diploma propriamente dito, mas também o simbolismo que acompanha o mesmo.

Barros (2006) e Velho (1994) afirmam que a formação na universidade representa a vitória do estudante de classe popular. Para estes autores, a conquista do diploma está associada ao aumento do prestígio individual e à ampliação do campo das possibilidades desses indivíduos. Situações como estas ficaram evidentes nos casos dos dois estudantes do curso de Fisioterapia que vieram do interior do Estado. Na conversa sobre seus planos e expectativas, constatou-se a intenção de voltar para a cidade natal com uma profissão definida, o que significa, além da conquista do grande objetivo e da obtenção de um novo status, melhores possibilidades no mercado de trabalho.

Neste mesmo sentido, observou-se que, em alguns casos, a representação dada pelos alunos ao diploma teria uma ligação com o perfil sócio-econômico destes. Esta afirmação baseia-se no fato de que os estudantes que optaram pela escolha de um curso considerando apenas o aspecto financeiro não apresentaram o mesmo nível de expectativa positiva dos demais alunos no momento da formatura. Dentro deste raciocínio, a valorização da graduação seria proporcional à identificação que o aluno teve com seu curso. Assim, ao final da faculdade, para aqueles que optaram por uma profissão que representava seu verdadeiro desejo e aptidão, a conquista do diploma terá um tipo de significado positivo, ao passo que a probabilidade de frustração e decepção ao final desta etapa será considerada normal nos casos em que a opção por determinado curso baseou-se exclusivamente na adequação do valor da mensalidade dentro do orçamento do estudante.

Tem-se deste modo diferentes representações e valorações para a formação no ensino superior. A partir dessas constatações, vale o questionamento sobre o aproveitamento do benefício concedido aos estudantes através das bolsas de estudo, sejam elas obtidas via programas governamentais ou pelas ações de inclusão mantidas por IES como o Centro Universitário Metodista IPA. Se por um lado, há um importante contingente de indivíduos sendo beneficiados pela distribuição de bolsas; por outro, há neste grupo um percentual de indivíduos que tem chegado ao final do curso sem qualquer perspectiva de atuação na área de formação. Caberia uma reflexão sobre o objetivo principal de tais ações afirmativas no que se refere ao resultado das mesmas no âmbito da atuação dos contemplados no mercado de trabalho.

A finalização de um estudo proporciona a compreensão de muitas questões, ao mesmo tempo em que abre um novo campo de investigações. Um dos aspectos que merece maior atenção é a realidade vivenciada pelos estudantes bolsistas nas IES privadas. Diferentemente do que se pode imaginar, a obtenção de uma bolsa de estudos não representa um “porto seguro” para estes estudantes. A sua condição sócio-econômica e cultural por vezes mostra-se como um impeditivo para que o mesmo que possa vivenciar a vida acadêmica em sua plenitude. Esta mesma situação é vivenciada pelos estudantes de baixa renda que enfrentam grande dificuldade no acompanhamento de atividades que envolvem custos extras.

Cabe ressaltar que, apesar da boa intenção que envolve as ações de promoção das políticas afirmativas, sejam elas governamentais ou mesmo institucionais, estas podem acompanhar certas segregações no interior da academia; por isso a importância da realização de um sistema de reavaliação permanente por parte dos agentes envolvidos neste processo de inclusão social através do ensino superior.

Sabe-se que devido à complexidade desse tema e às inúmeras interpretações que podem ser levantadas a partir de estudos semelhantes, a discussão sobre os questionamentos propostos neste trabalho não se resume à conclusão do mesmo. Portanto, a construção desta pesquisa pretendeu, antes de qualquer coisa, contribuir de alguma forma para o prosseguimento dos debates que envolvem a educação

superior nacional. Se os dados levantados e as discussões propostas foram úteis para este fim, o objetivo maior deste estudo terá sido alcançado.

## REFERENCIAS

A EDUCAÇÃO brasileira agora no caminho da qualidade. **Jornal Zero Hora**, p. 49 - 28/04/09.

BARREYRO, Gladys Beatriz. **Mapa do Ensino Superior Privado**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008.

BARROS, Myrian Lins de. **Família e Gerações**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. **A reversão do hiato de gênero na educação brasileira do século xx**. Campinas: [2004]. Disponível em [http://www.abep.nepo.unicamp.br/site\\_eventos\\_abep/PDF/ABEP2004\\_111.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_111.pdf). Acesso em 25 mar. 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **Lês héritiers: Lês étudiants et La culture**. Paris: Minut, 1964.

BRASIL. Lei nº 10.260 - de 12 de julho de 2001, que dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior e dá outras providências.

BRASIL. Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005 - Governo Federal.

BRDE. **Educação Superior na Região Sul do Brasil: Uma Análise da Evolução Recente, da Situação Atual e das Perspectivas para o Setor**. Porto Alegre - RS: BRDE, 2002.

CAIXA ECONÔMICA Federal. Disponível em: [www.caixa.gov.br](http://www.caixa.gov.br)

CAIXETA, Nely. Acorda Brasil – Chegou a hora da escola. In: LAMOUNIER, Bolívar; FIGUEIREDO, Rubens (org.). **A era FHC: um balanço**. São Paulo: Cultura, 2002.

CARVALHO, Cristina Helena Almeida. **Agenda Neoliberal e a Política Pública para o Ensino Superior nos Anos 90.** 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt11/t114.pdf>.

CARVALHO, Cristina Helena Almeida. O prouni no governo Lula e o jogo político em torno do acesso ao ensino superior. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 27, n. 96 Especial, p. 979-1000, out. 2006. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

CATANI, Afrânio Mendes; HEY, Ana Paula; GILIOLI, Renato de Souza Porto. Prouni: democratização do acesso às Instituições de Ensino Superior? **Revista Brasileira de Educação** v. 12 n. 34 jan/abr 2007. **Educar**, Curitiba, n.28, p. 125-140, 2006.

CENSO da Educação Superior de 2007

CUNHA, Luiz Antonio. Moeda Universitária: O crédito. **Revista de Cultura Vozes**, n. 2, 1968.

CUNHA, Luiz Antonio. O Ensino superior no octênio FHC. Educação e Sociedade. **Revista de Ciência da Educação**. v. 24. n. 82, p. 1-360. Abril 2003. Campinas.

DAUSTER, Tania. **Bolsistas e Elite – tensão e mediação na construção diferencial de identidades de estudantes universitários.** REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 2001 - rizoma.ufsc.br. Disponível em <http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/995-of4-st3.pdf>. Acesso em 15 abril 2009

DUARTE, Juliana. No coração do país. **Revista Ensino Superior**, n. 109, p. 27-nov. 2007.

FREITAG, Barbara. **Escola, estado e sociedade.** São Paulo: Edart, 1978.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade.** São Paulo: Moraes, 1980.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. **A claridade da noite: os alunos do ensino superior noturno.** São Paulo: Cortez, 1998.

HAWERROTH, Jolmar Luis. **A expansão do Ensino Superior nas Universidades do Sistema Fundacional Catarinense.** Florianópolis: Insular, 1999.



HISTÓRICO Cecune. Disponível em [www.cecune.org.br](http://www.cecune.org.br). Acesso em maio 2009.

IBGE - Censo Populacional – 2000

MANUAL do Bolsista Prouni 2008.

MINISTÉRIO da Educação – MEC. Disponível em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br)

NEVES, Paulo S. C.; LIMA, Marcus Eugênio O. A percepção de justiça social e atitudes de estudantes pré vestibulandos e universitários sobre as cotas para negros e pardos nas universidades públicas. **Revista Brasileira de Educação**, v.12 n. 34, 2007.

PAVÃO, Andrea. **Inclusão e Exclusão das Camadas Populares na Universidade: O Papel da Leitura e da Escrita**. Tese de Doutorado. PUC. Rio de Janeiro. Abril de 2004

PINHO, Angela. **Aluno de baixa renda ganha espaço nas universidades**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1808200807.htm>. Acesso em: 18 ago. 2008.

POCHMANN, Marcio. **A batalha pelo primeiro emprego**. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

Portarias IPA de nº: 07/2002, 17/2002, 02/2003, 010/2004, 01/2005 e 01/2006.

PROGRAMA Universidade Para Todos PROUNI - Manual do Bolsista, mar 2008.

PROJETO de Desenvolvimento Institucional IPA 2008-2012.

REGULAMENTO de Bolsa de Estudos Carência IPA.

REUNI - decreto nº 6.096 de 24 de abril de 2007. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm).

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **A história da educação brasileira: a organização escolar**. Campinas: Autores Associados, 2000.

ROCHA, Maria Aparecida Marques. **Processo de inclusão ilusória: a condição do jovem bolsista universitário**. Tese (doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

ROMANELLI, Otaiza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930-1973)**. 14.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

ROSSATO, Ermelio. **A expansão do Ensino Superior no Brasil: do domínio público à privatização**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2006.

SEVERINO, Antonio Joaquim; FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Políticas Educacionais: O Ensino Nacional em Questão**. Campinas: Papirus, 2003.

SITE. Caixa Econômica Federal. Disponível em [www.caixa.gov.br](http://www.caixa.gov.br).

SOARES, Maria Suzana Arrosa. **A Educação Superior no Brasil**. Brasília: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, 2002.

TRAMONTIN, Raulino. **Modelo proclamado e funcionamento real das universidades emergentes reconhecidas no Brasil na década de oitenta**. Canoas: Ulbra, 1998.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.